

Carla Corradi Rodrigues

**Quem detém a mídia, detém o poder?
Jornalismo e política nas páginas da revista Alterosa (1962-1964).**

Belo Horizonte
2013

Carla Corradi Rodrigues

Quem detém a mídia, detém o poder?
Jornalismo e política nas páginas da revista Alterosa (1962-1964).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta.

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais
27 de setembro de 2013.

981.51

R696q

2013

Rodrigues , Carla Corradi

Quem detém a mídia, detém o poder? [manuscrito] :
jornalismo e política nas páginas da revista Alterosa (1962-
1964). / Carla Corradi Rodrigues . - 2013.

205 f : il.

Orientador: Rodrigo Patto Sá Motta.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Alterosa (Revista). 2.História - Teses. 3. Imprensa e
poder.4.Minas Gerais – História – Teses. I.Motta, Rodrigo
Patto Sá . II.Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PÓSGRADUAÇÃO
historiaufmg

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida pela aluna **Carla Corradi Rodrigues**,
intitulada: **Quem detém a mídia, detém o poder? Jornalismo e política nas páginas da revista Alterosa (1962-1964)** no dia 27 de setembro de 2013 e **aprovada**, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. **Rodrigo Patto de Sá Motta** - Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. **Miriam Hermeto de Sá Motta**
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. **Edvaldo Corrêa Sotana**
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Para Else,
Pelas “verdades” e “mentiras” da história.

Agradecimentos

Este trabalho só se concretizou porque contei com a ajuda e carinho de muitas pessoas, as quais sou grata de coração.

Ao Professor Rodrigo Patto Sá Motta, agradeço pela orientação cuidadosa, pela paciência com minhas dúvidas e limitações, além do grande apoio durante o processo de escrita.

À FAPEMIG por ter me concedido a bolsa de mestrado que muito contribuiu para que o trabalho fosse realizado.

Aos funcionários da biblioteca da FAFICH, sempre prestativos e bem-humorados.

À Professora Maria Eliza Linhares Borges, agradeço pela orientação no início da minha trajetória acadêmica, por ter me integrado ao Núcleo de História Oral da UFMG e pelo apoio durante o processo de seleção do mestrado.

Ao Professor Otávio Dulci pelas sugestões e críticas colocadas de forma tão carinhosa durante a qualificação.

À Professora Miriam Hermeto, não só pelo diálogo acadêmico, pelas observações e indicações à época da qualificação, mas também pelo apoio nos últimos meses e por ter me ensinado que "tudo é uma questão de manter a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo".

Aos professores Ana Maria Mauad e Paulo Knauss, pela acolhida na UFF, quando cursei suas disciplinas como aluna especial.

Ao professor Edvaldo Sotana, pela oportunidade de debate e pela receptividade durante o Congresso Internacional de História e Mídia, em Jataí-GO.

Ao colega Yuri Mello Mesquita e a todos os funcionários do APCBH, pela disposição e delicadeza com que sempre me receberam no arquivo.

A Andressa Garambone, agradeço por ter facilitado o contato com a família de José Aparecido de Oliveira.

À Moema Alves, Gianne Chagastelles, Jair Labres, Clarissa Mainardi e Karina Pinheiro, amigos queridos que conquistei na UFF, agradeço pelo companheirismo nas aulas e por encherem minha casa de alegria.

A todos os amigos do Núcleo de História Oral, “calouros” e “veteranos” pelas trocas de experiência, pela amizade e companheirismo. Nosso “bloco” será sempre o melhor.

Agradeço também a todos os pesquisadores e colegas do grupo *História Política, Culturas Políticas na História* pelos debates nos últimos dois anos.

Ao Gabriel Amato, colega querido, pela amizade e profissionalismo. Por escutar minhas dúvidas e me ajudar a buscar soluções.

Aos colegas da graduação e da pós-graduação por tornarem essa caminhada menos solitária. Em especial, à Mariana Silveira, por todas as conversas e sugestões.

A Daiane Carneiro Pimentel, que me acolheu em sua casa durante os primeiros meses do mestrado.

À Maíra Corradi e Nathalya Campbell pelo “apoio técnico” com a tradução do resumo para o inglês e formatação das imagens.

Ao Lucas, Robson, Olandim e Débora por me divertirem com seus e-mails diários.

À minha família, pelo amor e paciência, principalmente à Flávia, irmãzinha responsável pelos meus almoços nos últimos meses. À mamãe e à vovó por cuidarem do Joca na minha ausência.

Agradeço em especial àqueles que me receberam em suas casas e dividiram comigo suas memórias: Beatriz Moreira Drumond, Carlos Alberto Rangel Proença, Euler Cássia de Souza Júnior, Ivan Augusto Santos Drummond, Jarbas Juarez Antunes, José Alberto da Fonseca, Marcelo de Manso Pereira, Maria Leonor Gonçalves Oliveira e Sandra Lúcia Manso de Miranda e Castro Corrêa.

Ao jornalista Ponce de Leon, agradeço não só pela entrevista concedida, mas também pela imensa disponibilidade em conversar via telefone ou e-mail, além de ter me colocado em contato com outros entrevistados que muito contribuíram para a pesquisa.

Ao Miranda e Castro e a todos aqueles que colaboraram com *Alterosa* durante seus 25 anos de existência por terem deixado um instigante objeto de pesquisa para os historiadores.

Ao André, por todas as razões.

Resumo

O objetivo desta dissertação é examinar a natureza das representações políticas divulgadas pela revista *Alterosa* entre os anos de 1962 e 1964, visando a compreender a posição da publicação mineira no contexto da crise institucional do governo João Goulart. Em especial, busca-se analisar como *Alterosa* – periódico vinculado política e financeiramente ao governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto – se posicionou naquele cenário político em que Magalhães Pinto aparecia como um dos postulantes à sucessão presidencial de 1965, antes de se tornar um dos líderes civis do golpe em março de 1964.

Para tanto, parte-se de uma narrativa sobre a trajetória da revista *Alterosa* desde sua criação em 1939 e da reforma que o periódico sofreu quando foi adquirido pelo grupo Magalhães Pinto em 1962. Em seguida são apresentadas algumas representações políticas veiculadas no periódico nos anos imediatamente anteriores ao golpe civil-militar com a intenção de perceber como o controle/influência (direto ou indireto) exercido por Magalhães Pinto sobre a revista *Alterosa* influenciou no discurso político do periódico.

Além disso, são analisadas fotorreportagens publicadas por *Alterosa* após o golpe e as representações criadas sobre Magalhães Pinto enquanto agente do movimento que depôs Goulart. Observou-se também, através da documentação da Editora Alterosa S. A., que naquele momento, *Alterosa* não garantia ganhos - nem financeiros, nem políticos - para o grupo detentor do Banco Nacional, o que provocou o seu fechamento às vésperas do Natal de 1964.

Revista Alterosa; Magalhães Pinto; golpe; fotorreportagem; jornalismo; política.

Abstract

The purpose of this dissertation is to examine the nature of political concepts disclosed by the *Alterosa* magazine between the years of 1962 and 1964, aimed at understanding the position of this publication from Minas Gerais in the context of the institutional crisis of the João Goulart government. In particular, it intends to analyze how *Alterosa* - a publication bound politically and financially to the governor of Minas Gerais, Magalhães Pinto - stood at the political landscape in which Magalhães Pinto appeared as one of the candidates to the presidential election in 1965, before becoming one of the civilian leaders of the coup in March 1964.

To do so, one starts with a narrative about the history of *Alterosa* magazine since its inception in 1939 and the reform that the publication suffered when it was acquired by the Magalhães Pinto group in 1962. Next, there are some political representations conveyed in the newspaper in the years immediately preceding the civil-military coup with the intent of understanding how the control / influence (direct or indirect) exercised by Magalhães Pinto on the *Alterosa* magazine influenced its political discourse.

Furthermore, this dissertation analyses photo-reportages published by *Alterosa* after the coup and the representations created about Magalhães Pinto as an agent of the movement that overthrew Goulart. Through the sources of the *Alterosa* S. A. Publisher, it was also observed that, at that context, *Alterosa* did not guarantee neither financial nor political gains for the National Bank owners. This factor led to the magazine shutdown, just before the Christmas of 1964.

Alterosa magazine, Magalhães Pinto, coup, photo-reportage, journalism, politics.

Índice de Imagens

FIGURA 1: ALTEROSA, AGOSTO 1939.	35
FIGURA 2: MIRANDA E CASTRO.	36
FIGURA 3: MIRANDA E CASTRO E NEIDE CASTRO. ACERVO SANDRA MIRANDA E CASTRO.	43
FIGURA 4: IT MAGAZINE. ANO II Nº 24, MAIO DE 1955.	45
FIGURA 5: ALTEROSA, JUNHO DE 1962.	52
FIGURA 6: ALTEROSA, JUNHO 1962.	54
FIGURA 7: ALTEROSA, AGOSTO 1962.	55
FIGURA 8: ALTEROSA, NOVEMBRO 1962.	58
FIGURA 9: SEÇÃO PROGAP. ALTEROSA, JANEIRO 1963.	60
FIGURA 10: PUBLICIDADE DO BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS NA CONTRACAPA DA EDIÇÃO DE DEZEMBRO DE 1962 DA REVISTA ALTEROSA.	60
FIGURA 11: MENSAGEM DE NATAL DO BNMG. ALTEROSA, DEZEMBRO 1962.	60
FIGURA 12: ANÚNCIO SABÃO EM PÓ OMO. ALTEROSA, DEZEMBRO 1962.	60
FIGURA 13: ALTEROSA, OUTUBRO 1962.	85
FIGURA 14.	85
FIGURA 15.	85
FIGURA 16.	85
FIGURA 17.	85
FIGURA 18.	85
FIGURA 19: ALTEROSA, ABRIL DE 1963.	88
FIGURA 20.	88
FIGURA 21.	89
FIGURA 22: ALTEROSA, DEZEMBRO DE 1963.	90
FIGURA 23.	90
FIGURA 24.	91
FIGURA 25 : ALTEROSA, AGOSTO DE 1962.	92
FIGURA 26.	92
FIGURA 27: ALTEROSA, JUNHO 1963.	94
FIGURA 28.	94
FIGURA 29.	95
FIGURA 30.	95

FIGURA 31	95
FIGURA 32: ALTEROSA, JULHO DE 1963.	97
FIGURA 33	97
FIGURA 34	97
FIGURA 35	97
FIGURA 36: ALTEROSA, JANEIRO DE 1964.	100
FIGURA 37	100
FIGURA 38	101
FIGURA 39 – ALTEROSA, JUNHO 1962.	1
FIGURA 40	1
FIGURA 41	106
FIGURA 42	1
FIGURA 43 – ALTEROSA, DEZEMBRO DE 1962.	111
FIGURA 44	111
FIGURA 45	111
FIGURA 46 – ALTEROSA, JANEIRO DE 1963.	116
FIGURA 47	116
FIGURA 48	116
FIGURA 49 – ALTEROSA, OUTUBRO DE 1963.	120
FIGURA 50	120
FIGURA 51	120
FIGURA 52 – ALTEROSA, ABRIL DE 1964.	137
FIGURA 53	137
FIGURA 54	137
FIGURA 55	137
FIGURA 56	137
FIGURA 57	138
FIGURA 58	138
FIGURA 59	138
FIGURA 60	139
FIGURA 61	139
FIGURA 62 – ALTEROSA, MAIO DE 1964.	147
FIGURA 63	148
FIGURA 64 – ALTEROSA, JULHO DE 1964.	150
FIGURA 65	150
FIGURA 66	150
FIGURA 67 – ALTEROSA, AGOSTO 1964.	152
FIGURA 68	152

FIGURA 69 – ALTEROSA, SETEMBRO 1964.....	154
FIGURA 70.....	154
FIGURA 71.....	154
FIGURA 72 – ALTEROSA, NOVEMBRO DE 1964.....	156
FIGURA 73.....	156
FIGURA 74.....	156

Siglas e Abreviações

AP – Ação Popular.

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

APM – Arquivo Público Mineiro.

BD – Beatriz Drumond.

CP – Carlos Alberto Rangel Proença.

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

EJ - Euler Cássia de Souza Júnior.

IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática.

ID - Ivan Augusto Santos Drummond.

IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais.

JA – Jarbas Juarez Antunes.

JAO – José Aparecido de Oliveira.

JF – José Alberto da Fonseca.

MO - Maria Leonor Gonçalves Oliveira.

MP – Marcelo de Manso Pereira.

PCB – Partido Comunista Brasileiro.

PL – Ponce de Leon.

PSD – Partido Social Democrático.

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro.

SC - Sandra Lúcia Manso de Miranda e Castro Corrêa.

SEAL – Sociedade Editora Alterosa Limitada.

UDN – União Democrática Nacional.

Sumário

Índice de imagens	9
Siglas e abreviações	12
Introdução.....	14
Capítulo 1: O “novo jornalismo” e a reforma editorial da revista Alterosa.32	
1.1. Alterosa – a revista da família brasileira	34
1.2. O “novo jornalismo” e a reforma editorial da revista Alterosa.	46
1.2.1. Magalhães Pinto e a nova equipe de Alterosa	60
Capítulo 2: Quem detém a mídia, detém o poder?	78
2.1 “ <i>Os partidos, os políticos e as reformas de base</i> ”	102
2.2 Goulart vence o 1º round: - E agora João?	111
Capítulo 3: E agora José? Novos rumos políticos e o fim de Alterosa. .	122
3.1 Alterosa depois do golpe	132
Considerações finais	163
Referências.....	165
Anexos	181

Introdução

O objetivo desta dissertação é examinar a natureza das representações¹ políticas divulgadas pela revista *Alterosa* entre os anos de 1962 e 1964, para compreendermos a posição da publicação mineira no contexto da crise institucional do governo João Goulart.

Para tanto, vamos analisar como as reportagens veiculadas pela revista contribuíram para criar e/ou reafirmar representações sobre Jango e também sobre o político José de Magalhães Pinto², então proprietário do periódico e governador de Minas Gerais.

No entanto, antes de abordar nosso objeto principal, é necessário fazer uma síntese do contexto político dos anos 1960, para que possamos avaliar adequadamente o posicionamento político de *Alterosa*.

Assim, para se pensar o contexto histórico brasileiro da década de 1960, especialmente o governo do presidente João Goulart³, é preciso levar em conta não só a crise econômica que assombrava o país, mas também as posições ideológicas em campo, a movimentação de diversos atores políticos e meios de mobilização da opinião pública, entre eles a imprensa.

Com a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, uma ampla coalizão política foi formada contra a tentativa dos ministros militares de impedir a posse do vice-presidente João Goulart. Jango era membro do Partido

¹ O historiador Roger Chartier chama a atenção para os diferentes momentos em que uma determinada realidade social é construída e pensada, bem como para a necessidade de se analisar os discursos e as posições daqueles que buscam construir representações, uma vez que estas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. CHARTIER, 1990, p. 17. Assim, o recurso ao conceito de representação está vinculado ao uso do termo pela historiografia recente no que toca a necessidade de se estabelecer uma inteligibilidade aos fenômenos relacionados ao campo do político, especialmente no diálogo com a cultura como propõe Chartier. A análise histórica deve se ocupar dos processos culturais que constroem sentidos, identidades e definem simbolicamente estatutos e lugares sociais. CAPELATO; DUTRA, 2000, p.236.

² José de Magalhães Pinto (1909-1996) era proprietário do Banco Nacional de Minas Gerais. Foi signatário do Manifesto dos Mineiros (1943), deputado federal por MG em várias ocasiões, ministro das Relações Exteriores (1967-1969), além de ter sido eleito governador de Minas em 1960. PINTO, Magalhães. Verbete biográfico. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro CPDOC/FGV <http://goo.gl/0qeQVF>. Último acesso em 4/09/13.

³ João Belchior Marques Goulart nasceu em 1º de março de 1919, em São Borja, Rio Grande do Sul. Formado em Direito, foi deputado estadual, secretário de Estado, deputado federal, ministro do Trabalho e vice-presidente da República em duas ocasiões – entre 1955 e 1960 na gestão de Juscelino Kubistchek e entre 1960 e 1961 na gestão de Jânio Quadros. Foi também presidente do Senado Federal, líder do PTB e finalmente presidente da República. Faleceu em 6 de dezembro de 1976 na Argentina. FERREIRA, 2011.

Trabalhista Brasileiro, herdeiro político de Vargas e mantinha uma estreita ligação com o movimento sindical.

A coalizão em defesa da legalidade, que foi formada por diversos atores políticos - Magalhães Pinto foi um dos governadores que tomou parte nas negociações que buscavam uma saída constitucional para a crise – assegurou a posse de Goulart através de uma solução de compromisso⁴.

No dia 02 de setembro de 1961 foi promulgada uma emenda constitucional que instaurou o sistema parlamentarista de governo, reduzindo os poderes presidenciais. Assim, João Goulart tomou posse sob um primeiro gabinete chefiado pelo parlamentar mineiro Tancredo Neves do PSD⁵.

O Brasil vivia um novo cenário político permeado pelo debate acerca das reformas de base. As demandas reformistas envolviam reforma política, universitária, urbana, tributária, entre outras, mas o principal tema era a reforma agrária.

João Goulart almejava implementar tais reformas de forma negociada e pactuada pela via parlamentar. Sua principal estratégia visava unir o centro pessedista e a esquerda trabalhista para obter maioria no Congresso Nacional⁶.

Além dessas tentativas de articulação de grupos políticos, Jango deu continuidade à política externa independente de seu antecessor que, segundo Jorge Ferreira⁷, foi a marca mais avançada do governo de Jânio Quadros. Os acordos firmados com países do Leste Europeu e as posições tanto de Jânio, quanto de Jango em relação a Cuba haviam encontrado a simpatia das esquerdas e gerado descontentamento nos grupos conservadores como, por exemplo, aqueles liderados por Carlos Lacerda, governador do estado da Guanabara.

No entanto, o parlamentarismo implantado às pressas em 1961, funcionava como um entrave aos objetivos políticos de Jango, que iniciou uma intensa - e ao mesmo tempo discreta - campanha a favor do retorno ao presidencialismo.

⁴ FIGUEIREDO, 2004, p.26.

⁵ Sobre o período parlamentarista ver FIGUEIREDO, 1993, Capítulo 2 – O parlamentarismo e as possibilidades de reformas.

⁶ FERREIRA, 2011, p. 291.

⁷ FERREIRA, 2011, p. 220 - 221.

O tema da mudança de regime estava inevitavelmente vinculado à questão das reformas, uma vez que maiores poderes concedidos ao presidente da República significariam uma possibilidade de executar as mudanças sociais almejadas pelas esquerdas⁸.

A pressão para que a consulta pública pelo retorno do presidencialismo fosse realizada era apoiada, sobretudo, por aqueles políticos que tinham interesse no lançamento de suas candidaturas à eleição presidencial prevista para 1965, entre eles Juscelino Kubitschek e os governadores Carlos Lacerda e Magalhães Pinto.

Em uma conferência realizada em Araxá em junho de 1962, os governadores dos estados aprovaram a proposta de Magalhães Pinto para antecipar a data do referendo estipulada pelo Ato Adicional que deu origem ao sistema parlamentarista, ou seja, nove meses antes do final do mandato de Goulart⁹.

Assim, o referendo foi realizado em janeiro de 1963 e questionou se o eleitor brasileiro aprovava ou não o ato adicional que instituiu o parlamentarismo. Compareceram às urnas cerca de 12 milhões de eleitores, dos quais aproximadamente 9,5 milhões votaram “não” e dessa forma aprovaram o retorno do regime presidencialista de governo¹⁰.

Contudo, essa vitória não foi suficiente para garantir uma gestão tranquila a Goulart. Com as acusações de um alinhamento com setores comunistas e com as denúncias de corrupção dirigidas a vários membros do governo, além do geral desequilíbrio financeiro no país, Jango ficou entre a radicalização das esquerdas e a pressão de grupos conservadores da direita.

No que toca a questão da posição dos partidos políticos durante a crise institucional do governo Goulart, a cientista política Lúcia Hippólito, ao se perguntar por que o sistema partidário não foi capaz de evitar o colapso do

⁸ FIGUEIREDO, 1993, p. 88.

⁹ FIGUEIREDO, 1993, p.57.

¹⁰ De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, plebiscito e referendo são “consultas ao povo para decidir sobre matéria de relevância para a nação em questões de natureza constitucional, legislativa ou administrativa. A principal distinção entre eles é a de que o plebiscito é convocado previamente à criação do ato legislativo ou administrativo que trate do assunto em pauta, e o referendo é convocado posteriormente, cabendo ao povo ratificar ou rejeitar a proposta.” Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/plebiscitos-e-referendos>. Último acesso em 19/06/2013. O TSE disponibiliza ainda em seu site uma tabela com todos os dados do referendo de 1963.

regime democrático em 1964, coloca o Partido Social Democrático como um dos principais protagonistas daquele contexto histórico¹¹.

Para a autora, a fragmentação interna do PSD se disseminou por todo o sistema cada vez mais polarizado, o que contribuiu para a quebra do regime constitucional. O Partido Social Democrático deixou o papel de fiador da estabilidade política do regime democrático que exercia desde 1946¹².

Já o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, ao tratar da história dos partidos políticos brasileiros durante o período da democracia liberal (1945-1964), reconhece o papel decisivo do PSD no jogo político da década de 1960, mas também chama a atenção para a face conspiratória da União Democrática Nacional, partido marcado pelo elitismo.

Segundo Motta, os udenistas denunciavam as tendências autoritárias dos nacionalistas, ao mesmo tempo em que conspiravam com setores das Forças Armadas com o intuito de atingir seus adversários políticos, o que contribuiu para o resultado do golpe em 1964¹³.

O autor também chama a atenção para a composição das forças partidárias, para as diferentes demandas sociais em voga desde a década de 1950 e para o crescimento das organizações sociais e do PTB, partido de João Goulart.

No final dos anos 1950 e início dos 1960 ocorreu um processo de aumento na influência das propostas reformistas e de esquerda. As organizações sociais ligadas a grupos populares, sindicatos, ligas camponesas, movimento estudantil e partidos de esquerda experimentaram uma fase de crescimento e consolidação. A bandeira das reformas sociais foi adquirindo maior peso e mais adeptos. Neste sentido se insere o aumento da representação parlamentar dos partidos mais ligados à esquerda, principalmente o PTB. As mudanças no quadro partidário estavam conectadas a uma tendência geral na sociedade brasileira¹⁴.

Argelina Figueiredo, ao examinar o período que vai de agosto de 1961 a março de 1964, esclarece como escolhas cada vez mais radicalizadas impediram a possibilidade de apoio para um compromisso democrático em torno das reformas de base.

¹¹ HIPPIÓLITO, 1985, p. 21.

¹² HIPPIÓLITO, 1985, p.36.

¹³ MOTTA, 2008, p. 78.

¹⁴ MOTTA, 2008, p. 88.

A reforma agrária era a questão central da luta das esquerdas por reformas, especialmente para os grupos radicais que pregavam que as mudanças deveriam ser feitas “na lei ou na marra”¹⁵.

Goulart oscilava entre um maior comprometimento com as demandas das esquerdas e as tentativas de apaziguar os grupos conservadores que temiam pelo direito de propriedade¹⁶.

Para Figueiredo, dois momentos específicos abriram-se como oportunidades de implementação das reformas durante o governo janguista. O primeiro durante o período parlamentarista e o segundo após a restauração do regime presidencialista.

No entanto, Figueiredo chama a atenção para o fato de que mesmo que o referendo de janeiro de 1963 tenha expressado um sentimento em favor das reformas sociais, dificilmente poderia existir uma coerente e efetiva ação reformista que agregasse os diferentes grupos políticos, uma vez que a vitória do presidencialismo decorreu de uma conjugação de interesses extremamente diversos¹⁷.

Os resultados do plebiscito não podiam ser encarados como uma posição inteiramente pró-Goulart ou pró-reformas. O fato de que diferentes interesses estavam representados na ampla coalizão antiparlamentarista nega tal interpretação¹⁸.

A estudiosa salienta ainda a tentativa de João Goulart de implementar uma política centrista em 1963, especialmente através do Plano Trienal, que tinha como metas básicas conter a inflação e estimular o desenvolvimento econômico. No entanto, a posição contrária de grupos de esquerda e de setores da direita levaram ao abandono do Plano Trienal pelo próprio governo.

Para Argelina Figueiredo foi a falta de “consenso em relação aos sacrifícios a serem arcados em cada grupo” em relação ao Plano Trienal e a reforma agrária que levaram ao rompimento da ordem institucional em 1964, uma vez que “democracia e reformas eram percebidas como objetivos políticos conflitantes”¹⁹.

¹⁵ FIGUEIREDO, 1993, p. 69.

¹⁶ FIGUEIREDO, 1993, p.71.

¹⁷ FIGUEIREDO, 1993, p. 88.

¹⁸ FIGUEIREDO, 1993, p. 89.

¹⁹ FIGUEIREDO, 1993, p.187-191.

Assim, ao longo do tempo, diversos atores políticos e grupos de interesse se posicionaram em relação às atitudes do governo. O cientista político Otávio Soares Dulci, ao tratar da crise do governo João Goulart, afirma que “pela primeira vez, a sociedade brasileira virtualmente em bloco participava da arena política, o que ocasionou o mais intenso conflito de interesses a que o país já assistira”²⁰.

Do mesmo modo que os partidos e outras instituições, a imprensa também se posicionou na arena política da década de 1960. Em sua maioria, os periódicos brasileiros haviam apoiado a manutenção da ordem constitucional e a posse de João Goulart, mas, à medida que os ventos se alteravam, jornais e revistas desviavam-se de Jango, principalmente após a revolta dos sargentos²¹ em 1963.

Portanto, de outubro de 1963 a março de 1964 verifica-se a acelerada agonia do regime, provocada por uma falsa demonstração de força das esquerdas, que gera como reação o recrudescimento da conspiração civil e militar. Tudo isso, assistido por um Executivo errático, que ora fortalece as esquerdas, ora corteja as já fugidias forças de centro. Corte inútil, a esta altura, porque as forças de centro se esvaem rapidamente, optando por um ou outro pólo de radicalização político-ideológico²².

No caso da imprensa, o episódio marcou uma inflexão nas relações com o governo. Até então, os donos de jornais haviam apoiado a posse de Jango e apostaram na saída parlamentarista. A seguir deram novamente apoio a Goulart em sua campanha para retorno ao sistema presidencialista. Com a insurreição dos sargentos, a maioria dos jornais afastou-se do governo e aumentou suas críticas ao presidente. Intensificaram-se, em particular, as mensagens sobre o perigo do comunismo e o risco de cubanização do país. O discurso anticomunista tornou-se a tônica na imprensa a partir do episódio da tomada de Brasília pelos sargentos²³.

Aloysio Castelo de Carvalho ao tratar da posição dos grandes jornais cariocas na primeira metade dos anos 1960, afirma que “os representantes da

²⁰ DULCI, 1986, p.173.

²¹ Em setembro de 1963 o Supremo Tribunal Federal julgou inelegíveis os sargentos eleitos no pleito de 1962. Como represália eles invadiram Brasília e ocuparam sedes do governo federal. A revolta dos sargentos foi entendida como uma quebra dos princípios de disciplina e hierarquia sobre os quais se organizavam as corporações militares.

²² HIPÓLITO, 1985, p. 239.

²³ FERREIRA, 2011, p. 394.

imprensa liberal fizeram da crítica uma prática por meio da qual disputaram com as instituições políticas o monopólio da representação da opinião pública”²⁴. O autor explica que os jornais atribuíam à própria imprensa um lugar no cenário político de crise das instituições políticas representativas.

(...) Ocorreu por parte desses órgãos [O Jornal, Jornal do Brasil e O Globo] uma exaltação da própria imprensa como modelo de instituição representativa da opinião pública, porque se viram mais comprometidos com a preservação da ordem social liberal. Os jornais cariocas construíram uma imagem positiva da imprensa, em detrimento da divulgada sobre o Congresso. Passaram a exaltar a imprensa como campo privilegiado para debater os rumos do país e conferiam a ela um lugar estratégico como contrapeso a um governo que preconizava maior intervenção do Estado, que estaria se mostrando omissos diante da infiltração comunista e que se dispunha a estimular a ação política das massas²⁵.

Podemos concluir então que para muitos historiadores²⁶ a imprensa ajudou a desgastar a imagem de Goulart e a criar um ambiente de insegurança frente às suas ações, consideradas como uma “virada à esquerda” que podia levar à instauração de uma república sindicalista ou a algum tipo de regime socialista.

Em consonância com esses estudos, o propósito desta dissertação é analisar como a revista *Alterosa* – periódico vinculado política e financeiramente ao governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto – cobriu os acontecimentos referentes ao governo do presidente João Goulart. Mais precisamente, a intenção é verificar como o periódico se posicionou naquele cenário político, em que Magalhães Pinto aparecia como um dos postulantes à sucessão presidencial. Pretende-se mostrar que a revista serviu de vetor para divulgação de uma imagem positiva do político mineiro que tinha como meta disputar as eleições presidenciais de 1965, antes de se tornar um dos líderes civis do golpe em março de 1964.

²⁴ CARVALHO, 2010, p. 18.

²⁵ CARVALHO, 2010, p. 158.

²⁶ ABREU, 2006; MOTTA, 2006; NASCIMENTO, 2007; CARVALHO, 2010; FERREIRA, 2011.

Para o jornalista Humberto Werneck, em sua primeira fase, que vai de 1939 até a década de 1960, *Alterosa* “era uma despreziosa revista mensal de amenidades em formato pequeno”²⁷.

Embora considere que *Alterosa* não era tão despreziosa em sua primeira fase como afirma Werneck, é patente que o período de 1962 a 1964 foi de extrema vitalidade na trajetória do periódico, que, efetivamente, passou por mudanças importantes nos anos 1960 após ter sido adquirida pelo grupo Magalhães Pinto.

Isso ocorreu, principalmente, devido à introdução de fotorreportagens na revista, acompanhando, um pouco tardiamente, a renovação que aconteceu no fotojornalismo brasileiro a partir da atuação de fotógrafos estrangeiros, que trouxeram para nosso país o modelo das grandes revistas ilustradas²⁸ europeias e americanas, duas décadas antes.

As fotorreportagens têm como característica principal a combinação entre o texto e a imagem para se contar uma história. Nelas, a força da imagem estaria enfatizada pelo uso extensivo de fotografias e pelo seu encadeamento narrativo²⁹. Assim, este trabalho visa compreender também como as fotografias ajudaram a forjar uma determinada realidade, e a construir o discurso político do periódico.

Longe de ser um documento neutro, a fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade. Mais que a palavra escrita, o desenho, e a pintura, a pretensa objetividade da imagem fotográfica, veiculada nos jornais, não apenas informa o leitor – sobre datas, localização, nome de pessoas envolvidas nos acontecimentos – sobre as transformações do tempo curto, como também cria verdades a partir de fantasias do imaginário quase sempre produzidas por frações da classe dominante³⁰.

São essas “verdades” e “fantasias” que despertam nosso interesse, os sistemas de significação estabelecidos, o imaginário social que determina

²⁷ WERNECK, 1992, p. 171.

²⁸ Embora a palavra revista tenha sido usada pela primeira vez em 1705, o gênero periódico “revista ilustrada” só ganhou forma no século XIX. Segundo SOUSA (2004), a primeira revista ilustrada – *The Illustrated London News* – foi publicada na Inglaterra em 1842, seguida pela *Illustration*, publicada na França em 1843.

²⁹ MAUAD, 2008.

³⁰ BORGES, 2005, p. 69.

visões de mundo e as formas de representação da sociedade, fatores que ajudam a construir determinadas culturas políticas, campo de estudos no qual este trabalho está inserido.

Os estudos dedicados ao campo das culturas políticas abarcam análises acerca de práticas e instituições, bem como das crenças, linguagens e símbolos políticos. Logo, jornais, panfletos e revistas são tomados como instrumentos de formação de opinião, politização e arregimentação.

É importante considerar, seguindo sugestiva análise de Serge Bernstein (desenvolvendo argumento original de Almond e Verba), a existência de vetores sociais responsáveis pela reprodução das culturas políticas, como família, instituições educacionais, corporações militares, partidos e sindicatos. Nada mais natural quando lidamos com categoria que pressupõe que as escolhas políticas dos indivíduos são determinadas por filiação a grupos e/ou a tradições. A essa lista vale agregar outros vetores de socialização, como as Igrejas, e também adicionar a importância dos veículos de disseminação impressos, como periódicos e livros³¹.

Foi através da terceira geração dos Annales e da renovação do marxismo nas décadas de 1960/1970 que a historiografia reservou um novo lugar aos periódicos. A História Cultural ancorada nos estudos das práticas e representações sociais e a História Política renovada ampliaram ainda mais o escopo das análises.

Essa nova orientação da pesquisa histórica, com a aproximação entre a cultura e o político, abriu espaço para novos objetos como a opinião pública, a mídia e os discursos e uma multiplicidade de práticas e instituições políticas existentes, “como também das crenças, dos ideais, das normas e das tradições que dão um peculiar colorido e significação à vida política em determinados contextos”³².

Além do campo teórico destacado acima, cabe-nos ressaltar alguns trabalhos que influenciaram nosso estudo por abordarem a história da imprensa e a história por meio da imprensa. Atualmente, a historiografia visualiza o impresso a um só tempo como fonte e objeto de pesquisa; mudança

³¹ MOTTA, 2009, p. 23

³² SANI, 1998, p. 306

que é fruto de análises circunstanciadas que privilegiam o lugar de inserção da imprensa periódica³³.

Assim, muitos trabalhos vão além da extração de um ou outro texto tomado apenas como exemplo, ou como fonte de informação para o historiador. A localização da fonte em uma série, a identificação da sua materialidade e de seu grupo financiador são características indispensáveis para se estudar um artefato editorial atualmente.

Marialva Barbosa, quando trata da história da imprensa no Rio de Janeiro, chama a atenção para o grupo de estudos que tratam a imprensa na sua relação com a sociedade e o público leitor. Para a autora, seu trabalho está coerente com essa perspectiva.

Ao mesmo tempo, visualiza-a como integrante de um processo comunicacional, no qual ganha importância o conteúdo, o produtor da mensagem e a forma como o leitor entende os sinais emitidos pelos impressos. Procura destacar, também, a dimensão histórica de um mundo pleno de significados, no qual se localizam os meios de comunicação. Portanto, a dimensão interna e externa são contempladas nestas abordagens. Essas pesquisas visualizam a história a partir de um espaço social considerado, interpretando os sinais que chegam até o presente a partir das perguntas subjetivas e do olhar, igualmente subjetivo, que se pode lançar ao trabalho³⁴.

Ana Luiza Martins, assim como Barbosa, foge do estudo monográfico e traça um amplo panorama das revistas periódicas paulistas publicadas entre 1890 e 1922. A riqueza metodológica do trabalho se deve exatamente ao fato de Martins tratar as publicações ao mesmo tempo como fonte e objeto de análise. Para a autora, o “documento-revista” é um conjunto lúdico que reúne texto, imagem, técnica, visões de mundo e imaginários coletivos³⁵.

Fonte preferencial para pesquisas de teor vário, a revista é gênero de impresso valorizado, sobretudo por ‘documentar’ o passado através de registro múltiplo: do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele de seus

³³ DE LUCA, 2006, p. 141

³⁴ BARBOSA, 2007, p.12

³⁵ MARTINS, 2001, p. 17.

consumidores. (...) A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida, se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia, e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos³⁶.

Referência obrigatória é o trabalho de Nelson Werneck Sodré. Dentro de uma vertente marxista anterior à renovação desse campo de estudos, *História da Imprensa no Brasil* é importante por se tratar de uma tentativa de definir a imprensa brasileira e por dar pistas sobre diferentes publicações. Sodré relaciona o desenvolvimento da imprensa com o desenvolvimento do capitalismo, o que para ele seria uma relação dialética. Assim, a ênfase recai sobre o caráter empresarial de jornais e revistas, sobre a influência das agências internacionais de notícia e da publicidade. Além disso, o autor também trata da ligação entre o mundo político e imprensa, ou seja, da necessidade que os detentores do poder têm de influenciar a opinião de jornais e revistas³⁷.

É fácil constatar, assim, o poder de que dispõem as empresas que lidam com o jornal, a revista, o rádio, a televisão. A época é das grandes corporações que manipulam a opinião, conduzem as preferências, mobilizam os sentimentos. Campanhas gigantescas, preparadas meticulosamente, arrasam reputações (sic) derrubam governos. (...) Não há novos jornais, o que há, e raramente, é a compra dos já existentes; o que acontece, na normalidade dos casos, nem é a compra do jornal, mas a da sua opinião³⁸.

Além dos trabalhos já citados, esta pesquisa liga-se ainda a outros estudos que tratam especificamente da imprensa no contexto da crise institucional do governo João Goulart. É o caso de Alzira Alves de Abreu, que ao abordar o papel da imprensa no golpe de 1964 toca em questões importantes como o papel autônomo (ou não) da imprensa, o apogeu do jornalismo político nos anos 1960, a ampliação da classe média brasileira e a visão conservadora dos proprietários de jornais. Para a autora, durante o governo de Jango:

³⁶ MARTINS, 2001, p.21

³⁷ SODRÉ, 1966, p. 317

³⁸ SODRÉ, 1966, p. 447

Ao mesmo tempo, a imprensa exacerbou a divulgação de notícias sobre a existência de um caos administrativo e participou, em seguida, da divulgação da ideia de que era imperiosa a necessidade do restabelecimento da ordem mediante uma “intervenção militar”³⁹.

Já em *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*, o historiador Rodrigo Patto Sá Motta trata do poder de comunicação das expressões visuais através da caricatura política. É a partir de um conjunto de caricaturas que o autor analisa a crise pré-1964 e conclui que “a imagem atribuída a Jango foi elemento importante na formação da crise e, conseqüentemente, do golpe”⁴⁰. Não obstante, ambas as análises evitam restringir o processo político à personalização da crise na figura de Goulart e recusam interpretações deterministas.

É esse quadro teórico inicial que compõe o alicerce de nossa pesquisa. Mas em que o estudo de uma publicação como *Alterosa* pode contribuir para o conhecimento histórico?

Percebemos que a influência e/ou controle dos meios de comunicação por lideranças políticas opositoras em meio à crise política no governo de João Goulart propiciou à direita a possibilidade de transmitir sua própria concepção da crise e a produção de um noticiário que gerou alarme e que ajudou a justificar o golpe civil-militar⁴¹.

Foi o que aconteceu com *Alterosa* ao ser adquirida pelo grupo Magalhães Pinto. Embora se caracterizasse como uma revista ilustrada de variedades, o periódico contribuiu de forma oportuna com os interesses políticos do governador de Minas. A nosso ver, o artefato editorial produziu uma imagem positiva acerca da figura de Magalhães Pinto e criou e/ou reafirmou visões sobre o governo e sobre o presidente João Goulart, nem sempre favoráveis.

No entanto, outros textos da revista colocavam-se a favor das reformas sociais, o que pode ser atribuído à presença de alguns jornalistas de esquerda na sua redação. A própria imagem do governador de Minas era associada às

³⁹ ABREU, 2006, p. 108.

⁴⁰ MOTTA, 2006, p. 46

⁴¹ DULCI, 1986, p. 190

questões reformistas, já que Magalhães Pinto era apresentado como um líder favorável a mudanças, desde que compatíveis com a manutenção da ordem.

Assim, analisar *Alterosa* como agente histórico/político contribui não só para se entender um pouco da história da imprensa mineira, como também para avaliar a posição do governador Magalhães Pinto no contexto destacado.

Nesta direção, serão apresentados e analisados as práticas e os agentes envolvidos no processo de produção e divulgação do material jornalístico da revista, sempre sem perder de vista a relação entre política e imprensa.

Convém esclarecer, todavia, que não é objetivo deste trabalho estudar o governo do presidente João Goulart e tampouco a gestão do governador Magalhães Pinto, mas as representações criadas pela revista *Alterosa* acerca dos mesmos. Como afirma Sotana, “a despeito da tentativa de se venderem como neutros e objetivos, os periódicos devem ser tomados como agentes do campo político brasileiro”⁴².

No que toca à questão da história dos impressos, ou o que poderia ser chamado de “história social e cultural da comunicação impressa (...), pois sua finalidade é entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas”⁴³, recuperamos a preocupação com o circuito de comunicação, ou seja, com os problemas relacionados com o processo de comunicação como um todo. Aqui, obviamente não cabe trabalhar com livreiros, mas pretendemos destacar as relações entre o editor da revista, seu diretor e o grupo econômico detentor do periódico.

O poder do editor sobre o repórter, assim como o do diretor sobre o editor, realmente gera uma tendência na maneira de redigir as notícias, como assinalam os estudos sobre o “controle social na sala de redação”⁴⁴.

Já o eixo do circuito elaborado por Darnton que trata da recepção – do leitor e da leitura – será superficialmente recuperado, uma vez que são poucos os vestígios das interações entre o público e a revista identificados até o momento. Neste ponto, nossa única fonte será a própria *Alterosa*, que ao

⁴² SOTANA, 2010, p. 23-24.

⁴³ DARNTON, 2010, p. 122.

⁴⁴ DARNTON, 2010, p. 84.

publicar cartas dos leitores, nos dá indícios daquilo que era apreendido por seu público.

Temos consciência dos problemas metodológicos que esta escolha pode nos apresentar, já que para serem publicadas as cartas passaram pelo “filtro” do editor. Mesmo assim, consideramos que o “diálogo com o leitor” empreendido por Roberto Drummond na revista *Alterosa* não poderia deixar de ser analisado nesta dissertação, pois aquela seção representava tanto a voz dos leitores – mesmo que parcialmente – quanto a voz do editor.

Algumas considerações sobre a metodologia aplicada na pesquisa também se fazem necessárias uma vez que, como afirma Chartier, “toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico”⁴⁵.

Após o levantamento bibliográfico, o primeiro passo seguido na pesquisa foi a identificação e análise empírica dos exemplares de *Alterosa* publicados entre os anos de 1962 e 1964, período em que a revista pertenceu ao grupo Magalhães Pinto. No entanto, apesar deste ser o nosso recorte temporal, achamos por bem traçar, mesmo que brevemente, a história da revista desde a sua fundação.

Assim, a narrativa da trajetória de *Alterosa* desde 1939 procura demonstrar que a revista já era um projeto editorial consolidado quando passou ao controle de Magalhães Pinto. Além disso, o recuo às suas origens é importante para perceber como a revista se posicionou frente a algumas transformações do campo da imprensa ao longo de seus vinte e cinco anos de existência. Para tanto, recorreremos às edições anteriores a 1962.

Mas, se por um lado, o amplo acesso às fontes é indispensável para uma boa pesquisa, por outro, o excesso de material também pode se tornar um problema. Considerando hipoteticamente que houvesse um acervo completo, seria impossível analisar detidamente todos os exemplares de *Alterosa* publicados entre as décadas de 1930 e 1960 para os fins desta dissertação de mestrado.

Falamos hipoteticamente porque cada arquivo consultado para esta pesquisa é constituído apenas por um número limitado de exemplares. Para se

⁴⁵ CHARTIER, 1991, p. 178.

chegar ao levantamento mais completo possível de todas as edições de *Alterosa* disponíveis para consulta pública, recorreremos ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, à hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, às bibliotecas da UFMG (BU- Central e BU-FAFICH), Biblioteca Nacional e sebos. Conseguimos reunir um número grande de revistas, que, juntas, constituem um quadro bastante amplo daquilo que foi publicado entre agosto de 1939 e novembro de 1964.

Por isso, depois de identificadas as edições, o exame dos exemplares impressos entre 1939 e 1961 seguiu primeiro uma escolha pautada por elementos externos à publicação, como a facilidade de acesso e a qualidade dos acervos das instituições públicas. Privilegiamos então os exemplares que constituem a *Coleção Alterosa* do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Isso se deve ao fato desta coleção estar hoje digitalizada e disponível para consulta no site daquela instituição.

Iniciativas como a do APCBH são de extrema importância para os pesquisadores, uma vez que vão muito além das facilidades que proporcionam aos interessados no estudo dos periódicos. O material digitalizado permite ao pesquisador o acesso a uma maior riqueza de detalhes, como a visibilidade das cores originais do impresso e uma melhor definição das proporções das fotografias, o que é perdido nas cópias microfilmadas, como aquelas disponibilizadas pela Biblioteca Nacional e pela Biblioteca da FAFICH/UFMG.

Após a recuperação de parte da história da primeira fase de *Alterosa*, rumamos em direção ao nosso recorte temporal propriamente dito. O ano de 1962 foi escolhido como marco inicial por ser o período em que a revista e a gráfica *Alterosa* passaram às mãos do grupo Magalhães Pinto.

Foi através dessa mudança administrativa que o periódico sofreu uma ampla reforma editorial e redacional, a partir da qual buscamos traçar o perfil da revista dentro de uma perspectiva de renovação. Pretendemos, pois, compreender como um projeto jornalístico pode ser vinculado a um projeto empresarial e político.

Além do trabalho de campo já mencionado, outra via da pesquisa constituiu-se pela produção de fontes através da metodologia da história oral.

Para tanto, tomamos como base os princípios metodológicos apreendidos ao longo da experiência enquanto bolsista de iniciação científica de diferentes projetos de pesquisa ligados ao Núcleo de História Oral da UFMG e coordenados pela professora Maria Eliza Linhares Borges.

Assim, o primeiro passo foi definir a comunidade de entrevistados através de um levantamento de dados informativos. Definiu-se, portanto, que os entrevistados seriam: 1-funcionários da revista *Alterosa* ou familiares dos mesmos quando não fosse possível entrevistar o próprio sujeito ligado à revista. 2- familiares do fundador da revista. 3- proprietários da Editora Alterosa S.A.

Ao longo do trabalho de campo, percebemos que muitos jornalistas e fotógrafos que trabalharam para a revista *Alterosa* já faleceram ou não se encontram em condições de fornecer depoimentos. Estes fatores, obviamente inexoráveis, reduziram o número de entrevistados e levaram à reordenação dos princípios de análise das fotorreportagens aqui apresentadas, pois julgávamos ser possível acionar as imagens produzidas por determinados fotógrafos durante o processo de construção da narrativa do entrevistado, o que não aconteceu. Portanto, as entrevistas dizem menos sobre o processo de produção de reportagens específicas e mais sobre as histórias de vida de cada sujeito e à trajetória da revista *Alterosa* como um todo.

Em seguida, iniciamos os contatos com os entrevistados em potencial e elaboramos um roteiro básico padrão. Como optamos por trabalhar com entrevistas temáticas, o roteiro enfatizou questões ligadas à história da revista *Alterosa* sem, no entanto, negligenciar as histórias de vida de cada entrevistado e o contexto social e político da década de 1960.

Ao todo foram realizadas dez entrevistas temáticas. Os depoimentos foram importantes, uma vez que elucidaram questões que não poderiam ser respondidas de outra maneira e nem por outros sujeitos.

Sandra Miranda e Castro e Marcelo Manso Pereira, respectivamente filha e sobrinho de Miranda e Castro – o fundador da revista -, esclareceram as relações familiares que permearam a existência de *Alterosa*. Jarbas Juarez Antunes, Ponce de Leon e José Alberto da Fonseca descreveram os aspectos técnicos de produção do artefato editorial, as formas de trabalho dentro da

revista, o ambiente da redação e a ligação do periódico com o mundo político. Carlos Alberto Proença tratou do lado administrativo de *Alterosa* e Maria Leonor Gonçalves de Oliveira, esposa de José Aparecido de Oliveira – diretor da revista - contribuiu ao indicar a localização do arquivo privado do marido.

Beatriz Drummond narrou a vida com o marido, Roberto Drummond, e Ivan Drummond, parente de Roberto e jornalista do jornal Estado de Minas, contribuiu imensamente ao me colocar em contato com diferentes jornalistas que conviveram com o autor de *Hilda Furacão*, entre eles Euler Cássia Jr., que forneceu dados sobre seu pai, o fotógrafo da revista *Alterosa*, Euler Cássia.

Lamentamos a recusa dos filhos do governador José de Magalhães Pinto, Marcos e Eduardo, em concederem entrevistas, pois acreditamos que muitas dúvidas poderiam ser sanadas através do depoimento daqueles que estiveram mais próximos do político mineiro e que participaram ativamente da administração tanto da gráfica, quanto da revista. Também mantivemos contato com o jornalista Fernando Gabeira, mas devido a problemas em sua agenda não foi possível entrevistá-lo.

Assim, essa dissertação divide-se em três capítulos. O capítulo 1 apresenta uma narrativa sobre a trajetória da revista *Alterosa* desde 1939 e demonstra como a revista já era um projeto editorial consolidado quando foi comprada por Magalhães Pinto. O primeiro capítulo trata ainda da reforma editorial e redacional que o periódico sofreu com a mudança administrativa em 1962 e dos agentes envolvidos nesse processo.

O capítulo 2 tem por objetivo analisar algumas representações políticas veiculadas no periódico nos anos imediatamente anteriores ao golpe civil-militar. A intenção é perceber como o controle/influência (direto ou indireto) exercido por Magalhães Pinto sobre a revista *Alterosa* influiu no discurso político do periódico. Sobretudo, faremos uma análise de fotorreportagens publicadas entre 1962 e 1964 que tratam de figuras de proa da política nacional, como o presidente João Goulart e o governador Magalhães Pinto.

No último capítulo, analisamos fotorreportagens publicadas por *Alterosa* após o golpe e as representações criadas sobre Magalhães Pinto enquanto agente do movimento que depôs Goulart. Demonstramos também, através da documentação da Editora Alterosa S. A., presente no fundo José Aparecido de

Oliveira do Arquivo Público de Minas Gerais, que naquele momento, *Alterosa* não garantia ganhos - nem financeiros, nem políticos - para o grupo detentor do Banco Nacional, o que provocou o seu fechamento às vésperas do Natal de 1964.

É este o quadro teórico-metodológico que subsidia esta dissertação. Interessa-nos o projeto editorial de *Alterosa*, a sua trajetória ao longo de seus 25 anos de existência, as representações criadas em suas páginas acerca dos políticos Magalhães Pinto e João Goulart e o motivo de seu fechamento em 1964.

Apresentemos então *Alterosa*.

Capítulo 1: O “novo jornalismo” e a reforma editorial da revista Alterosa.

As chamadas revistas ilustradas se tornaram populares no Brasil desde o século XIX. Segundo Martins (2001), em seu trabalho sobre as revistas periódicas publicadas em São Paulo entre os anos de 1890 e 1922, as revistas tiveram sucesso imediato no Brasil por funcionarem como um meio para as manifestações literárias.

Contribuíram também para esse êxito a ausência de uma indústria livreira no país, o uso de diversos recursos técnicos de ilustração, que tornavam a leitura mais atraente e leve, a disponibilização de espaço para a publicidade e a ênfase em notícias de teor sociocultural nas chamadas revistas de variedades.

No entanto, será a partir da década de 1930, com a consolidação de complexos empresariais ligados à imprensa e ao desenvolvimento tecnológico de processos de impressão gráficos, que o gênero se consolidará com produtos de ampla circulação.

Internacionalmente, muitas publicações surgidas entre o fim dos anos vinte e os anos quarenta redefiniram as competências da imprensa, como a *Time* (1923 - primeira revista semanal de notícias) e deram um lugar de destaque à fotografia, alcançando grande sucesso como a *Look*, a *Vu* (1928), a *Paris Match* (1949) e a *Life*, criada em 1936 com uma política editorial que consagrou o fotojornalismo como um vetor integrante da imprensa moderna mundial a partir de seu objetivo de “fazer ver”⁴⁶.

No Brasil, somente com a reformulação de *O Cruzeiro* na década de 1940 (seguindo os modelos internacionais), é que vemos um novo formato de editoração de periódicos no país, com a introdução do fotojornalismo por Jean Manzon. Cabe ressaltar aqui que a novidade não foi o uso da fotografia pela revista carioca, mas sim a forma como essas imagens passaram a ser apresentadas ao público leitor. As fotografias organizadas em uma sequência, com um cadenciamento narrativo, tinham como objetivo contar uma história com início, meio e fim.

⁴⁶ SOUSA, 2004, p. 107.

Helouise Costa e Renato Rodrigues afirmam que a imagem fotográfica passou a ser um elemento ativo, contendo a mensagem ideológica do autor, direcionada pela linha editorial do periódico⁴⁷. Embora contivesse claramente o ponto de vista dos fotógrafos e dos editores, a fotografia era, em geral, considerada como imagem imparcial e ajudava (e ainda ajuda) a legitimar o discurso verbal das publicações.

Nas palavras do escritor Jorge Pedro Sousa:

O final da década de quarenta e a década de cinquenta foi uma época de ruptura das fronteiras temáticas e de desenvolvimento da fotorreportagem, na qual, com um conjunto de fotos, se procura fazer um discurso mais ou menos desenvolvido e compreensivo do assunto⁴⁸.

É na esteira desses acontecimentos que nosso objeto de estudo, a revista *Alterosa*, foi criada. Ela surgiu nos anos 1930, junto com outros periódicos semanais de mesmo perfil e, no início dos anos 1960, se integrou ao movimento de reforma da imprensa com uma nova política editorial.

⁴⁷ COSTA e SILVA, 2004, p. 64.

⁴⁸ SOUSA, 2004, p. 125.

1.1. Alterosa – a revista da família brasileira.



Figura 1⁴⁹: Alterosa, agosto 1939.
Coleção Alterosa/APCBH.

Alterosa foi fundada em 1939 pelo jornalista Olímpio Miranda e Castro⁵⁰. Conhecido pelo público e pelos colegas de trabalho apenas pelos sobrenomes, Miranda e Castro iniciou sua carreira jornalística aos catorze anos como repórter no *Diário Mercantil* de Juiz de Fora. No Rio de Janeiro, colaborou no matutino *A Batalha*, na *Rádio Clube do Brasil*, além de trabalhar como redator de *O Jornal*, publicação dos *Diários Associados*.

Em 1933, já em Belo Horizonte, ingressou como redator no *Diário da Tarde*. Três anos depois fundou a sua primeira revista, *A Montanha*, com a colaboração de Fábio Andrada, projeto editorial que durou apenas um ano, mas serviu como laboratório para o que viria a ser *Alterosa*. Logo depois, a

⁴⁹ Algumas imagens serão utilizadas ao longo desta dissertação apenas como recurso ilustrativo. No entanto, aquelas que tiverem importância central para o estudo, como, por exemplo, as fotografias que compõem fotorreportagens, serão devidamente analisadas em momento oportuno.

⁵⁰ Olímpio Miranda e Castro nasceu em 23 de novembro de 1912 no Rio de Janeiro. Filho de Ulisses Ribeiro de Castro e Maria José Miranda Lima Castro passou a infância e juventude entre Niterói e Juiz de Fora. Transferiu-se para Belo Horizonte em 1933. Em 20 de outubro de 1939 casou-se com Neide Miranda e Castro, com quem dividiria a direção da revista *Alterosa* até o fim de sua vida.

convite de Hélio Vaz de Melo colaborou no *Correio Mineiro* e posteriormente foi redator e secretário de *O Debate*, periódico dirigido pelo deputado Paulo Pinheiro Chagas. Entre 1937 e 1938 foi diretor-gerente da *Revista Comercial de Minas Gerais*.



**Figura 2: Miranda e Castro.
Acervo Sandra Miranda e Castro.**

Foi com essa bagagem profissional que Miranda e Castro idealizou *Alterosa* como um periódico mensal ilustrado, *uma revista para a família brasileira*.

Mas, embora tivesse “agentes-correspondentes em todos os municípios mineiros e em todas as capitais dos estados brasileiros, devidamente credenciados pela direção da revista”⁵¹, os leitores de *Alterosa* eram, majoritariamente, mineiros que pertenciam a uma classe média alta frequentadora dos salões e clubes de Belo Horizonte e das demais cidades onde a revista era distribuída.

Assim, publicada pela Sociedade Editora *Alterosa* Limitada, com sede em Belo Horizonte, *Alterosa* ateu-se ao longo dos anos 1940 aos eventos

⁵¹ *Alterosa*, janeiro de 1941. Ano III número 12, página 96. Coleção Linhares. BU-Central/UFMG.

sociais da capital mineira e aos assuntos das alterosas⁵², como o seu próprio nome sugere. Nascida sob o registro do Departamento de Imprensa e Propaganda⁵³, também transmitia notícias e valores do Estado Novo, além de exaltar as figuras de Getúlio Vargas e Benedito Valadares.

(...) O Brasil de 1941, faz lembrar a Roma de Augusto. Ordem e trabalho. Com Getúlio Vargas, o templo sagrado foi fechado, porque em todo o território brasileiro reina a paz, a harmonia e a prosperidade.
Miranda e Castro⁵⁴.

Os principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, especialmente o “esforço de guerra do Brasil” também figuraram nas páginas de *Alterosa* durante a década de 1940, com destaque para o papel da mulher brasileira no confronto.

No exemplar de março de 1943⁵⁵, por exemplo, *Alterosa* aborda o alistamento das mulheres mineiras na Legião Brasileira de Assistência⁵⁶ e na Cruz Vermelha. Criada para auxiliar as famílias dos convocados à guerra, e com a primeira dama, D. Darcy Vargas, a sua frente, a Legião tinha postos distribuídos em diferentes municípios brasileiros.

Alterosa se referia às mulheres como heroínas sempre prontas a ajudarem aos homens com suas “virtudes espartanas” em época de guerra. As “legionárias da liberdade” e “samaritanas da democracia” eram convocadas a contribuir pela liberdade dos povos.

O segundo conflito mundial interferiu também diretamente na produção da revista devido aos obstáculos para a importação de papel para o Brasil, como a direção do periódico explicou a seus leitores:

Uma explicação aos nossos leitores e anunciantes

⁵² Referência às montanhas de Minas.

⁵³ Órgão governamental criado em 1939 com o objetivo de difundir a ideologia estado-novista e promover o chefe do governo. Foi, até 1945, porta-voz oficial do regime de Getúlio Vargas. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Último acesso em 20/06/2013.

⁵⁴ Trecho do editorial da revista *Alterosa* de janeiro de 1941. Ano III número 12. S/p. Coleção Linhares. BU-Central/UFMG.

⁵⁵ *Alterosa*, março de 1943. Ano V, número 35. Coleção Linhares/BU-UFMG. s/p.

⁵⁶ Criada em outubro de 1942, a LBA tinha como objetivo prestar serviços de assistência social em cooperação com o Estado. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De14830.htm. Último acesso em 20/06/2013.

Os leitores e anunciantes de *Alterosa* já se acostumaram a manusear esta revista no dia 1º de cada mês.

É natural, portanto, que o longo atraso de cerca de vinte dias com que esta edição é entregue ao público, causasse sérias preocupações entre eles, motivo por que nos julgamos no dever de informar que essa anomalia se prende ao problema de transportes marítimos, agora seriamente prejudicado com a situação internacional, pois que o papel consumido por *Alterosa* é importado diretamente do Canadá.

As providências que pusemos em prática, estamos certos, evitarão a reprodução dessa anomalia na circulação da revista e, a partir de 1º de março, *Alterosa* voltará a figurar em todas as bancas da capital e do interior, sempre no dia inicial de cada mês. A Direção⁵⁷.

A crise por que vem passando o mercado nacional de papel para a imprensa, originada na atual falta de transportes marítimos, determinou a necessidade imperiosa de uma pequena restrição do número de páginas das edições normais de *Alterosa*. Tão cedo porém, os estoques desta revista possam ser reforçados, como se espera, voltará a circular como de costume, isto é com média de 100 páginas. A Direção⁵⁸.

Alterosa também publicava charges que abordavam o cotidiano, além de dicas de moda, beleza e notícias do rádio, tudo classificado sob o termo “variedades”.

O periódico reservava ainda um espaço considerável aos seus anunciantes, pois era a receita adquirida com publicidade que garantia a sua estabilidade. Anúncios de produtos variados como remédios para varizes, sapatos, hotéis e fotogravuras, até serviços prestados por alfaiates, ourives e costureiras podiam ser encontrados em *Alterosa*.

No que toca à questão da materialidade da revista, Joaquim Nabuco Linhares em seu *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte* (1995) nos oferece alguns dados sobre o artefato editorial. Segundo o escritor, *Alterosa* foi lançada com um formato de 25,5 x 17,5 cm nas primeiras edições, depois reduzido para 24 x 15 cm, e uma tiragem inicial de 4 mil exemplares. Mais adiante, ao longo dos anos 1940, a tiragem do periódico alcançou os 40 mil exemplares, cifra que Linhares caracterizou como apreciável⁵⁹.

⁵⁷ *Alterosa*. Janeiro/Fevereiro de 1942. Ano IV página 78. Número ilegível. Coleção *Alterosa/APCBH*.

⁵⁸ *Alterosa*, novembro de 1942. Ano IV, número 31. Primeira Página. Coleção *Alterosa/APCBH*.

⁵⁹ LINHARES; CASTRO, 1995.

Já na década de 1950, o sumário da revista apresenta informações sobre a sua tiragem, com números que variam entre 50 mil e 60 mil exemplares⁶⁰.

Podemos reiterar a afirmação de Joaquim Linhares, de que o número de exemplares publicados era considerável, se pensarmos que apenas nos anos 1950 a cidade de Belo Horizonte, principal mercado consumidor do periódico aqui estudado, ultrapassou os 300 mil habitantes⁶¹.

Em relação ao mercado editorial das revistas ilustradas no Brasil⁶², percebemos que a tiragem da revista *Alterosa* também era alta se a compararmos com dados de outras publicações ilustradas que circulavam no mesmo período no país. Como exemplo, citamos a revista semanal *O Cruzeiro*, que foi lançada em 1928 com uma tiragem inicial de 50 mil exemplares⁶³.

Em entrevista, o professor e artista plástico Jarbas Juarez Antunes⁶⁴, que foi ilustrador e paginador de *Alterosa* entre 1959 e 1964, ao ser questionado sobre o mercado belo-horizontino de periódicos entre as décadas de 1950 e 1960, afirmou que *Alterosa* não possuía concorrentes do mesmo gênero na capital de Minas, uma vez que os jornais eram predominantes e a revista buscava atrair, em especial, o público feminino na primeira fase.

Assim, podemos concluir que *Alterosa* teve, ao longo de sua trajetória, uma considerável circulação, mesmo se levarmos em conta que era uma publicação mensal e de caráter predominantemente regional.

⁶⁰ Em julho de 1956, por exemplo, a tiragem da revista foi de 54 mil exemplares. *Alterosa*, 15 de julho de 1956. Ano XVIII, nº 238, página 1. Coleção *Alterosa/APCBH*. Na década de 1960 essa informação deixa de figurar no expediente.

⁶¹ Com 352.724 habitantes em 1950, segundo estatística da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, apenas na década de 1970 a capital atingiria um número superior a 1 milhão de habitantes. Fonte: Estatísticas e Indicadores populacionais. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. <http://goo.gl/H6J39>. Último acesso em 20/06/2013.

⁶² Sobre o quadro contextual do mercado editorial das revistas ilustradas no Brasil (1930-1960) ver: MAUAD, 2008.

⁶³ MAUAD, 2008, p. 154. Os números mais expressivos já alcançados no Brasil, segundo Baitz, referem-se às revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, esta última lançada em 1952 pelo Grupo Bloch. As duas chegaram a vender juntas 1 milhão de exemplares por semana na década de 1950. BAITZ, 2003.

⁶⁴ Jarbas Juarez Antunes nasceu em 15/01/1936 na cidade de Coqueiral, Minas Gerais. É desenhista, escultor, pintor, gravador, ilustrador e jornalista. Estudou entre 1957 e 1959 na escola de Belas Artes fundada por Guignard. Coursou Jornalismo na primeira turma do curso de Comunicação Social da UFMG (1959-1964). Atuou como paginador da revista *Alterosa* entre 1959 e 1964 e como ilustrador na Agência Denisson de Propaganda entre 1964 e 1965. Em 1967 ingressou na UFMG como professor na EBA. Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012.

Indício do sucesso do seu projeto editorial, no início da década de 1950, Miranda e Castro inaugurou sua própria oficina gráfica⁶⁵, que passaria a compor a Editora Alterosa.

Outra indicação do crescimento do projeto editorial foi o fato de, em 1953, a revista começar a ser publicada quinzenalmente. Nesta época, os clichês de “senhorinhas da sociedade” que povoavam as capas de *Alterosa*, geralmente realizados por fotógrafos mineiros, como os trabalhos do Studio Constantino, são substituídos por fotografias de estrelas hollywoodianas que provinham das agências internacionais. A revista voltou a ser distribuída mensalmente em julho de 1960, provavelmente devido aos altos custos de produção da periodicidade quinzenal naquele contexto.

Embora *Alterosa* estivesse circunscrita ao mercado de revistas ilustradas e se assemelhasse a outras revistas, é necessário notarmos as diferenças entre ela e outras publicações do gênero. A ausência de fotorreportagens na primeira fase é uma delas, como explica Jarbas Juarez Antunes.

JA: Pois bem. E como funcionava a revista *Alterosa*? A revista *Alterosa* do Miranda era uma revista mensal, mas ela era mais uma revista de compilação. Não tinha preocupação em grandes reportagens, em competir. Porque nessa época já tinha a revista *O Cruzeiro*, tinha a revista *Manchete*, aquele negócio todo. (...) A revista era de compilação. Tinha grupos de pessoas que trabalhavam na redação da revista, pelo que eu me lembro, elas ficavam assim de ler assuntos interessantes e tal e fazer notícias baseadas naqueles assuntos. Tinham alguns escritores que faziam alguns artigos, alguns contos para a revista. [sic] Não existia o corpo do repórter, do fotógrafo, dentro da antiga revista *Alterosa*⁶⁶.

Como se refere o entrevistado, grandes reportagens com emprego extensivo de fotografias só seriam adotadas por *Alterosa* na década de 1960. Até então, a revista fazia uso praticamente exclusivo de clichês, um tipo de impressão de imagens e textos por meio de uma prensa tipográfica.

JA: (...) Mas aquilo que se fazia ali na época do Miranda era coisa que ele vinha fazendo, a maneira de fazer a revista já

⁶⁵ Até 1952 *Alterosa* foi impressa pela Gráfica Queiroz Breiner Ltda e pela Gráfica Santa Maria.

⁶⁶ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

vinha acontecendo há anos. Ela tinha uma linha. Seguia aquela linha. Vários contos ilustrados. Eram artigos, eram fotografias, cópias de fotografias. Não tinha então a figura do fotógrafo, do repórter que saía para fazer a notícia⁶⁷.

Outro ponto a ser destacado na fala do paginador é o perfil do corpo de funcionários e colaboradores da revista. Desde sua fundação nos anos 1930, *Alterosa* publicava textos de um time famoso de escritores. Henriqueta Lisboa, Djalma Andrade, Mário Mattos, Lúcia Machado de Almeida, Murilo Rubião e Mário Casassanta foram alguns dos que preencheram as páginas do periódico em sua primeira fase. Esses escritores não faziam parte da redação, que tinha uma equipe pequena, mas, ao terem seus textos publicados na revista contribuíram para aumentar o seu prestígio.

A estrutura de trabalho adotada por Miranda e Castro na redação da revista desde sua criação era o trabalho terceirizado, uma alternativa frente aos custos que poderia representar a contratação de jornalistas e escritores exclusivos para o periódico. Com uma redação “enxuta” era mais fácil manter as contas da revista em dia⁶⁸.

Através de uma análise por amostragem dos expedientes das edições de *Alterosa* publicadas entre 1939 e 1961, é possível perceber diversas variações no corpo de funcionários e colaboradores do periódico ao longo de sua primeira fase.

Em agosto de 1939, por exemplo, além do nome de Miranda e Castro, constam no expediente: J. Carlos Lisboa como diretor intelectual, Theódulo Pereira⁶⁹ como redator-chefe, e Hélio Vaz de Melo como secretário⁷⁰. Já em dezembro de 1945, Mário Mattos⁷¹ é listado como “diretor-redator-chefe” e Jorge Azevedo como secretário da redação⁷².

⁶⁷ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

⁶⁸ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

⁶⁹ Theódulo Pereira nasceu na cidade de Diamantina em 08/12/1913. Trabalhou no Estado de Minas e foi o fundador da Gazeta de Mineira, além de ser correspondente de O Globo, Correio da Manhã e Agência Havas. Foi também reitor da Universidade Federal de Ouro Preto. CARVALHO; BARBOSA, 1994, p. 240.

⁷⁰ *Alterosa*, agosto de 1939. Ano I número 1. Coleção *Alterosa/APCBH*. s/p.

⁷¹ Nasceu em 23/09/1889 na cidade de Itaúna e faleceu em 28/12/1966 em Belo Horizonte. Além de trabalhar na imprensa, foi presidente da Academia Mineira de Letras e deputado estadual. CARVALHO; BARBOSA, 1994:183.

⁷² *Alterosa*, dezembro de 1945. Ano VII, número 68. Coleção *Alterosa/APCBH*. s/p.

No entanto, o que prevalece ao longo da primeira fase é o nome de Miranda e Castro enquanto único diretor. Os expedientes, ou a ausência deles, pois vários exemplares publicados entre o início da década de 1940 e meados da década de 1950 não possuem essa seção do periódico, indicam que *Alterosa* constituía-se como um empreendimento eminentemente familiar, embora tivesse muitos outros colaboradores, como os escritores já citados, ou Álvaro Apocalypse⁷³, como ilustrador, e André Carvalho⁷⁴, como exemplo de nomes mais citados nos exemplares até o final da década de 1950.

Miranda e Castro, além de ser auxiliado por sua esposa, dona Neide⁷⁵, recrutou entre os parentes bons profissionais: Wilson Manso Pereira, gerente geral das oficinas gráficas de *Alterosa* era irmão de Neide Manso; Oscar de Oliveira, responsável pela publicidade da revista em Belo Horizonte, também era seu cunhado, sendo sua esposa irmã de Miranda; Ulisses de Castro Filho, irmão de Miranda, era o responsável pela publicidade da revista no Rio de Janeiro. Carmem Manso, irmã de dona Neide, também chegou a ser funcionária do setor de contabilidade do periódico.

Em entrevista, Sandra Lúcia, filha do casal Castro, lembrou brevemente de como era a relação da família com o periódico. Sandra, os pais e os irmãos⁷⁶ ocupavam um imóvel em um edifício da Rua Rio de Janeiro, ao lado da revista. Eram vizinhos da redação, que, por vezes, funcionava como um quintal para as crianças. A sede própria da revista na Rua Rio de Janeiro foi inaugurada em 1959 e passou a abrigar desde então a administração e a redação.

⁷³ Álvaro Apocalypse nasceu em 1937 na cidade de Ouro Fino e faleceu em Belo Horizonte em 2003. Foi pintor, ilustrador, cenógrafo e gravador. Criou em 1970 o Grupo Giramundo de Teatro de Bonecos. Tornou-se professor titular da Escola de Belas Artes da UFMG em 1981. Fonte: <http://goo.gl/AZstX>. Último acesso em 02/07/2013.

⁷⁴ Jornalista e escritor, André Carvalho colaborou também com os jornais Estado de Minas, Diário de Minas, Correio de Minas e o Minas Gerais. Trabalhou também nas rádios Guarani, Mineira e Itatiaia, além da TV Itacolomi. CARVALHO; BARBOSA, 1994.

⁷⁵ Neide Manso casou-se com Miranda e Castro em 20 de outubro de 1939. Atuou como diretora da revista ao lado do marido até a venda do periódico para Magalhães Pinto. Era professora formada e passou a lecionar após a morte de Miranda e Castro. Faleceu na cidade de Belo Horizonte em 2008.

⁷⁶ Neide e Olímpio não tiveram filhos naturais. No entanto, adotaram cinco crianças: Vânia, Sandra, Ronaldo, Nair e Kátia. Sandra Lúcia Manso de Miranda e Castro Corrêa. Entrevista, 17/04/2012.

Jarbas Juarez Antunes recorda-se da relação com a família Castro, especialmente com a filha Vânia, e expõe seu juízo acerca da vinculação da revista com o núcleo familiar de Dona Neide.

JA: (...) Quando ele [Miranda e Castro] estava numa boa, sossegado, era uma beleza. Aí a gente conversava. Ele tomava esses remédios homeopáticos, não é? De hora em hora ele tinha que tomar aquele negócio. Aí quando a Vaninha vinha ficava do meu lado ali, aí o negócio era bom, era tranquilo, ela ficava lá me vendo desenhando. Ele ia lá encostava, brincava com ela lá também. Ele era mais tranquilo. A mulher era mais enérgica.

CR: A dona Neide.

JA: Dona Neide. Entende? Ela tinha umas coisas, umas bobagens. Vamos supor que a menina mais velha dele fosse fazer aniversário. Você querendo ou não, você era descontado tanto no seu pagamento para o aniversário dela. Mesmo você indo ou não indo eles descontavam⁷⁷.



Figura 3: Miranda e Castro e Neide Castro. Acervo Sandra Miranda e Castro.

⁷⁷ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

É preciso salientar que não era só *Alterosa* que tinha sua administração e redação constituídas por membros de uma mesma família. A cooperação familiar era um fato comum em outros periódicos, como, por exemplo, no jornal *O Estado de São Paulo*.

Com o rompimento da tradição familiar através de mudanças administrativas na década de 1950, o jornal iniciou uma reformulação gráfica, de cultura de redação, de controle de produção e de publicidade⁷⁸, assim como será percebido em *Alterosa* posteriormente, que teve sua estrutura alterada por uma reforma administrativa cujo propósito era dar um caráter empresarial à Editora *Alterosa* como um todo.

Embora a vida familiar de Miranda e Castro interferisse por vezes na rotina da redação, o companheiro de trabalho não hesitou em classificá-lo como um grande jornalista.

JA: (...) Inclusive eu falei assim: engraçado, eles prestam homenagem a tanto “pseudojornalista”, a tanto homem importante... Eu acho que ele foi um jornalista muito importante. Acho que as autoridades, o governo, seja quem for, a associação da casa dos jornalistas devia prestar homenagem ao Miranda e Castro, que ele foi um cara assim, corajoso. Desde a época dele, ele conseguiu manter por vinte e tantos anos uma revista, aos trancos e barrancos, com a dificuldade dele toda, ele manteve essa revista. E depois de vendida ela não conseguiu manter dois anos. E o Miranda manteve essa revista muito tempo. Por quê? Ele não teve a preocupação de concorrer com revista semanal, mensal. Ele sabia que para fazer uma revista mensal tinha que ter texto, tinha que ter coisas para as pessoas lerem hoje, lerem depois, lerem amanhã. Porque o texto da revista ele não encerrava de um dia para o outro. Não é um jornal que termina em um dia e nem uma revista semanal que daqui uma semana acabou e já perdeu o interesse, o que interessa é a próxima que vai sair. Mas os textos, os contos, os artigos, as coisas que estavam ali, ele não perdia aquele valor jornalístico, não é? (...) Muita foto. A maioria era foto de jornal, de artista, foto de artista de cinema que ele comprava. Acho que vinha da [Film], essas coisas do Rio mandavam para ele. Então tinha dezenas de fotografias. Então ele colocava na capa aquelas mulheres, aquele negócio todo, não é?⁷⁹

⁷⁸ SOTANA, 2010, p. 54.

⁷⁹ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

Concomitante à *Alterosa*, ainda nos anos 1950, Miranda e Castro e sua esposa criaram a *It Magazine*. Em formato de bolso, a publicação circulou entre 1953 e 1955⁸⁰. Tivemos acesso a apenas duas edições de *IT*. A primeira é datada de setembro de 1953⁸¹ custava 3 cruzeiros e anunciava uma tiragem de 20 mil exemplares. Esta é dividida em três partes: Contos, Artigos e Seções (Teste, Quitutes, Joias Literárias, Do Coração Para o Coração, Decoração, *It* para Você, Enciclopédia do Lar, No mundo de Eva.).

A outra edição a que tivemos acesso⁸² anuncia uma tiragem de 14 mil exemplares e também é dividida em três partes: Contos, Artigos e Seções (Boas maneiras, Beleza, Do coração para o coração, Astros e Estrelas, Trabalhos manuais, As flores alegram a vida, Teste, Culinária, Decoração do lar, Página da mamãe, Modas), com um custo de 5 cruzeiros.

O *magazine da mulher*, como constava em seu subtítulo em 1953, ou a *revista da mulher*, como já era definida em 1955 era uma publicação com segmento definido. O público-alvo era o feminino e todo o conteúdo deste artefato editorial visava tanto entreter quanto instruir a mulher para torná-la uma dona de casa melhor.



**Figura 4: It Magazine. Ano II nº 24, maio de 1955.
Acervo Sandra Miranda e Castro.**

⁸⁰ Segundo Marcelo de Manso Pereira a *It Magazine* deixou de circular porque seu título foi cassado, uma vez que já existia outra publicação com o mesmo nome no mercado. No entanto, o entrevistado não nos forneceu maiores dados sobre o assunto. Marcelo de Manso Pereira. Entrevista, 06/10/2011.

⁸¹ IT MAGAZINE. Ano I nº 4, setembro de 1953. Acervo da autora.

⁸² IT MAGAZINE. Ano II nº 24, maio de 1955. Acervo Sandra Lúcia Manso de Miranda e Castro Corrêa.

Miranda e Castro foi um empreendedor e tem o mérito de ter conseguido manter um periódico como *Alterosa* por tanto tempo no mercado, em um ambiente de escassas publicações.

“A perenidade da publicação pode ser um indicativo da existência de público cativo e/ou do poder da empresa que sustenta a publicação” ⁸³. O jornalista conseguiu as duas coisas: um público fiel, assim como uma empresa sólida com muitos anunciantes. Essas condições permitiram que *Alterosa* sobrevivesse no mercado, além de ser capaz de investir em projetos paralelos, mesmo que estes não tenham sido duradouros.

⁸³ MAUAD, 2008, p.162.

1.2. O “novo jornalismo” e a reforma editorial da revista *Alterosa*.

Vamos fazer a *Paris Match* brasileira.

Carlos Alberto R. Proença, reproduzindo fala do jornalista Roberto Drummond durante entrevista.

Diálogo com o leitor.

A nova ‘*Alterosa*’.

Quase vinte e três anos atrás, um jovem, mas experimentado jornalista decidiu após algumas desilusões, ser senhor de si e lançar uma revista. Nome do jornalista: Miranda e Castro. A revista: ALTEROSA. Opinião dos amigos: - ‘Ela morrerá com o terceiro número’.

Ajudado e entusiasmado, pela esposa, Sra. Neyde Manso, Miranda e Castro viu ALTEROSA não apenas passar do terceiro número, como firmar-se definitivamente até alcançar uma penetração nacional. A experiência, vitoriosa, trouxe, além das alegrias e dos cabelos brancos, um cansaço prematuro para Miranda e Castro. Ele teve que se afastar de ALTEROSA e, por isso, pela primeira vez nesses vinte e três anos, ela circula sem sua orientação.

Breve, porém, ALTEROSA, entrará em nova fase, atualmente em estudos, destinada a fazer dela uma revista moderna e inteiramente identificada com o melhor e mais novo jornalismo. Estamos certos que nossos leitores compreenderão o esforço da Equipe de ALTEROSA e não lhe negarão seu apoio e entusiasmo.

O Chefe da Redação⁸⁴.

O jornalista Miranda e Castro sofria desde a juventude de problemas cardíacos. Doente e sem muitas alternativas, o jornalista vendeu o periódico em 1962 ao governador de Minas, José de Magalhães Pinto, que era primo em primeiro grau de sua esposa, dona Neide Manso.

A nova administração inaugurou um novo formato editorial para a revista, mais moderno e objetivo, com fotorreportagens de temas que variavam de eventos pitorescos de cidades do interior de Minas Gerais a temas relacionados com a política nacional e internacional. Buscaremos aqui, caracterizar o perfil editorial da revista dentro dessa perspectiva de renovação.

Para que *Alterosa* fosse às bancas com esse novo padrão editorial, o grupo Magalhães Pinto promoveu mudanças tanto na composição da redação da revista, com a contratação de jovens jornalistas, quanto no aparato técnico

⁸⁴ Diálogo com o leitor. *Alterosa*, maio de 1962. Ano XXIV, número 353, p.2 Coleção *Alterosa/BU-FAFICH*.

da gráfica responsável por sua impressão. Optamos por esclarecer, primeiro, as transformações técnicas que estavam de acordo com as tendências do jornalismo mais avançado da época. Em item subsequente trataremos do perfil da nova redação.

Era o tempo da revolução jornalística, iniciada no *Jornal do Brasil*⁸⁵ por Odylo Costa Filho, no Rio de Janeiro. Morria, numa espécie de paredón, o nariz-de-cera, aquele longo blábláblá com que todas as reportagens começavam, e nascia (ainda que o *Diário Carioca* e a *Tribuna de Imprensa* já o adotassem antes) a era do *lead*: o que, quem, quando, como, onde e por que – as perguntas cujas respostas devíamos dar. A imprensa brasileira ganhava um mito: o copidesque do *Jornal do Brasil*, com o qual, anos depois, o teatrólogo Nelson Rodrigues iria digladiar em sua coluna no *Globo*. Todos começamos a cultuar o *lead* e o *sublead*, e Dauro Mendes, o novo secretário do Binômio, ia nos fins de semana ao Rio de Janeiro acompanhar a impressão do jornal nas oficinas do *Diário de Notícias*; na segunda-feira voltava fervilhando de novidades e ideias que Wilson Figueiredo, mineiro adotivo e homem forte do *Jornal do Brasil*, lhe passava⁸⁶.

O tempo ao qual o jornalista e escritor Roberto Drummond se refere em seu romance *Hilda Furacão*⁸⁷ é o fim da década de 1950 e o início dos anos 1960, quando a imprensa nacional tomou fôlego e promoveu um novo jeito de fazer jornalismo, livre dos floreios próprios do início do século passado. Nesta época, com as reformas gráficas dos jornais, houve uma redefinição da lógica editorial da imprensa como um todo⁸⁸.

Carlos Alberto Rangel Proença, diretor-administrativo da revista, esclareceu em entrevista, ao tratar da compra do periódico pelo grupo Magalhães Pinto, que a modernização do aparato técnico da Editora Alterosa era um desejo de Miranda e Castro que, no entanto, não teve condições de

⁸⁵ Sobre as mudanças empreendidas pelo *Jornal do Brasil* ver: FERREIRA, Marieta de Moraes. A reforma do *Jornal do Brasil*. In: ABREU (org.), 1996.

⁸⁶ DRUMMOND, 1992, p. 166.

⁸⁷ Enquanto fonte, entendemos o livro *Hilda Furacão* como um romance autobiográfico, nos termos estabelecidos por SEXTO (2010). O autor enfatiza o caráter memorialista da obra, já que muitos acontecimentos da narrativa são baseados nas lembranças pessoais do autor e no contexto histórico do início dos anos de 1960. Roberto Drummond é o narrador-personagem da história, um alter-ego colocado como personagem secundário, projeção do indivíduo real. Compreendemos que as passagens que se referem ao contexto histórico estudado e a personagens reais, embora romantizadas, podem ser aqui utilizadas como fonte de informação, uma vez que estas são passíveis de verificação e comprovação histórica.

⁸⁸ Sobre as transformações da imprensa da década de 1950 ver: LATTMAN-WELTMAN, Fernando. *Imprensa carioca nos anos 50: os “anos dourados”*. In: ABREU (org.), 1996.

executá-la. O fundador de *Alterosa* já havia firmado a compra de um novo maquinário importado com o objetivo de melhorar o padrão gráfico da revista antes mesmo de vendê-la.

O grupo Magalhães Pinto arcou com as despesas das máquinas e reiterou o desejo de Miranda e Castro de produzir um periódico mais moderno e competitivo no mercado das revistas ilustradas. Jarbas Juarez Antunes destacou em sua entrevista as transformações técnicas da Editora *Alterosa*, empresa que unia a gráfica e o periódico aqui estudado, e a implantação de um laboratório fotográfico na redação da revista, para que fotorreportagens pudessem ser produzidas pela nova equipe.

JA: Era. Tudo era clichéria. Entende? Porque lá dentro... Inclusive lá na... Nessa sala grande que funcionava a redação da revista *Alterosa*, lá não tinha sala que pudesse montar um laboratório fotográfico. Tanto assim que quando foi vendida, o banheiro foi transformado em //CR: Laboratório. // Laboratório fotográfico, que era desse tamanhinho aqui, um metro e vinte por um mais ou menos. Era ali que o fotógrafo se virava para poder fazer a revista⁸⁹.

Passemos a observar as mudanças graduais nas páginas da revista *Alterosa* a partir do negócio fechado entre Miranda e Castro e o grupo Magalhães Pinto entre o fim de 1961 e início de 1962.

No exemplar de janeiro de 1962⁹⁰ a revista apresenta sua primeira modificação, com a supressão da seção *Picadeiro*, que trazia as notícias relativas à política mineira e nacional até aquele momento. A seção era composta de duas partes: uma, com um texto mais amplo, de caráter opinativo, e outra denominada como Registro, com notas pontuais. Esse formato se repetiu em todas as edições que pudemos observar.

Mais adiante será explicado como os textos da “nova” *Alterosa* passaram a abordar a temática política.

O nome da antiga seção nos parece significativo, uma vez que um picadeiro é um lugar de representação, e contrasta com a definição que o próprio Miranda e Castro (que ainda aparecia como diretor do periódico nesta

⁸⁹ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

⁹⁰ *Alterosa*, janeiro de 1962. Ano XXIII Nº 349. Acervo da autora.

edição) dava a ela: “(...) *Picadeiro, espelho*⁹¹ dos acontecimentos políticos, especialmente os mineiros...”⁹². Assim, notamos um paradoxo, entre a evocação das representações políticas e a pretensa objetividade da imprensa, que reproduziria a realidade, tal qual um espelho, sem considerar suas deformações.

Ainda em fevereiro de 1962 a seção “Leitor amigo”, que funcionava como o editorial da revista e que era assinada nominalmente por Miranda e Castro deixa de conter o nome do diretor e passa a conter apenas a designação genérica “A Redação”, além de anunciar aos leitores as mudanças que estavam por vir, especialmente a compra de novas impressoras importadas, como já foi destacado anteriormente.

Leitor Amigo

É com a maior satisfação que trazemos ao seu conhecimento uma boa notícia: está quase terminada a montagem da nova impressora que recebemos recentemente da Alemanha. É a maior e a mais moderna máquina, plana automática existente em Minas Gerais (...) cujo preço, ao câmbio de hoje, é de cerca de dez milhões de cruzeiros.

Nestas condições, esperamos que a nossa próxima edição de abril, cuja impressão é realizada entre 1º e 20 de março, já deverá ser feita, em sua maior parte, nessa nova e moderníssima impressora, que vai contribuir para melhorar o aspecto gráfico de Alterosa. Até o meio do ano, com o aperfeiçoamento da regulação dessa máquina, esperamos apresentar ao caro leitor uma revista bem melhor, na qualidade de sua impressão e no conjunto do seu aspecto gráfico. E, se a publicidade ajudar, teremos até lá outros importantes melhoramentos a apresentar, também na feição intelectual e artística da sua Revista, pois o nosso desejo é corresponder sempre à honrosa simpatia com que nos tem distinguido a família brasileira. A Redação.⁹³

Neste exemplar, também não consta nenhuma seção relativa à política, assim como na edição de abril do mesmo ano, que também não apresenta seu expediente, nem o editorial, indício da mudança no corpo de funcionários que seria anunciada em breve, além da nova linha editorial que estava sendo estudada.

⁹¹ Grifo nosso.

⁹² “Leitor Amigo”, Alterosa, julho de 1960. Ano XXII N° 331, p. 2. Acervo da autora.

⁹³ Alterosa, fevereiro de 1962. Ano XXIV N° 350, p. 2. Coleção Alterosa/APCBH.

No entanto, na seção *Livros e Letras*, veiculada no fim da revista e sem muito destaque, um pequeno texto presta sua homenagem a Miranda e Castro e anuncia os motivos da partida do jornalista.

(...) Agora, Miranda e Castro passa 'Alterosa' para um criterioso grupo econômico. Insistem para que ele continue, mas, por motivo de saúde, talvez, não o possa fazer. Acho, aliás, que tudo isto vai gerar um impasse jurídico: vai ser difícil apurar se 'Alterosa' é de Miranda e Castro, ou se Miranda e Castro é de 'Alterosa'...

'Livros e Letras', não poderia deixar de consignar nesta página sua admiração pelo nosso velho Diretor...⁹⁴

A edição de maio é o primeiro número de *Alterosa* que vai às bancas sem a direção de Miranda e Castro, falecido no dia 08 daquele mês, aos 50 anos, vítima de um ataque cardíaco. A revista noticiou a morte de seu fundador na edição de junho com uma fotorreportagem intitulada "Morte de Miranda e Castro: cadeira vazia para Vânia"⁹⁵.

Vânia era uma das filhas do casal Castro e tinha apenas 3 anos de idade quando o pai faleceu. Segundo o texto da reportagem, mesmo após a morte do pai, ela ainda voltava à redação todas as tardes, como tinha o costume de fazer quando chegava do jardim de infância, e se colocava ao lado da cadeira que pertencera a Miranda e Castro.

A reportagem apresenta uma breve biografia de Miranda e Castro associada à criação da revista *Alterosa* e fotos da pequena Vânia na sala que pertenceu ao fundador da revista.

⁹⁴ *Alterosa*, abril de 1962. Ano XXIV Nº352. Coleção *Alterosa*/ APCBH, p. 67.

⁹⁵ *Alterosa*, junho de 1962. Ano XXIV Nº 354, p 24-27. Acervo da autora.

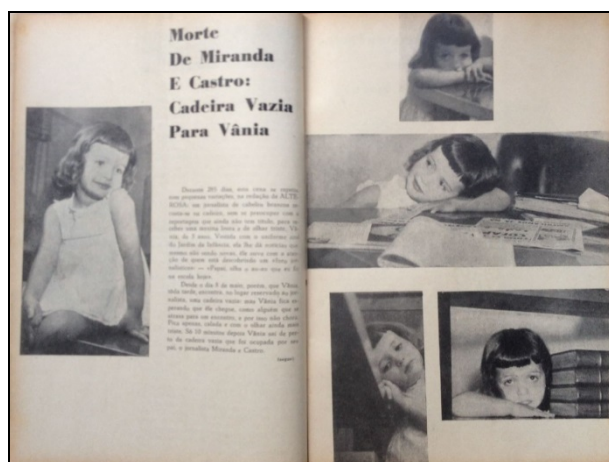


Figura 5: Alterosa, junho de 1962.

Além das modificações iniciais citadas, o sumário da publicação passou a conter uma divisão temática dos assuntos veiculados em cada edição. Assim, “Política”, “Futebol”, “O grande assunto de Minas”, “Internacional”, “Cinema”, “Interesse Humano”, “Educação”, “Literatura”, “Para a Mulher” e “Humor e Diversão” agregavam as diferentes matérias publicadas em meados de 1962. Essas denominações foram alteradas ao longo dos últimos anos de *Alterosa*, mas a ideia da segmentação do conteúdo em feminino, nacional, internacional, regional e literário prevaleceu.

Vale ressaltar que duas novas seções foram criadas após a morte de Miranda e Castro: *Política* e *Em poucas Palavras*. A primeira, com um espaço mais amplo, publicava reportagens sobre temas em voga naquele contexto histórico, textos com caráter interpretativo e notícias sobre os políticos, especialmente Magalhães Pinto e João Goulart, sempre recheada de fotografias.

Já a seção *Em poucas palavras*, como o próprio nome sugere, era composta por pequenas notas telegráficas relativas à política, ao futebol e às artes, muitas vezes em tom de fofoca, sempre em um espaço fixo: duas páginas. As duas seções substituíram a antiga *Picadeiro* e em seus espaços voltaram a figurar os assuntos políticos, que por vezes também foram diluídos em matérias aparentemente consideradas de interesse geral. Foram essas

duas seções as escolhidas para serem analisadas nesta dissertação por tratarem da política nacional daquele contexto.

Assim, é a partir da edição de junho de 1962 que é possível notar as principais reformulações prometidas nos editoriais da revista nos meses anteriores. Daquele momento em diante, as capas de *Alterosa* seriam preenchidas por fotos de pessoas com destaque em diversas áreas, tanto nacional quanto internacionalmente, seja no âmbito esportivo ou religioso; e como não poderia deixar de ser, elegantes senhoras da sociedade belo-horizontina, além de atrizes de cinema e modelos.

Quem estampou a capa de junho foi Nilton (fig.6), um dos jogadores da Seleção Brasileira, em fotografia bastante colorida e nítida, quebrando a tradição do periódico de publicar apenas mulheres em sua capa.

O Brasil disputou entre maio e junho de 1962 a sétima edição da Copa do Mundo de Futebol realizada pela FIFA. Como a revista foi publicada antes da final do campeonato, a matéria relativa ao futebol fazia uma análise da participação do time brasileiro no evento esportivo e tentava prever o desfecho da disputa internacional do qual o Brasil foi campeão.

O futebol, tema já bastante popular, ajudava a atrair leitores, especialmente o público masculino, e aumentar a vendagem da revista. Em todas as edições de *Alterosa* analisadas para essa pesquisa, foi possível identificar reportagens sobre o esporte preferido dos brasileiros.

Mesmo em outras seções, como *Política*, por exemplo, há, nos textos, o uso de metáforas relativas ao esporte, o que poder ser um indício também de tentativa de popularização do periódico.



Figura 6: Alterosa, junho 1962.

Além das mudanças mencionadas, houve também algumas continuidades. O serviço das agências internacionais foi mantido e *Alterosa* continuou a adquirir material da Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld, United Overseas Press e esporadicamente da Dalmas, fundada em 1958.

Já a partir do segundo semestre de 1962 a revista passou a circular com novo tamanho – cresceu de 26x18cm para 33x26cm – e os contos deixaram de ocupar as páginas da revista e passaram a compor um encarte em forma de pequeno livro que vinha no centro da publicação e poderia ser destacado pelos leitores. Assim, em agosto daquele ano surgiu o primeiro número de *Alterosa* completamente reformulado (fig. 7). O editor anunciou:

Desde já, porém, sua revista seguirá por caminhos definidos: terá uma personalidade própria, capaz de distingui-la entre as demais e de impedir que seja confundida com quaisquer outras experiências de aquém ou além mar. Agradar, principalmente, a seus leitores de Minas, é o objetivo central na nova ALTEROSA, que pretende, de 30 em 30 dias, chegar à sua casa como uma visita sempre aguardada, que não cansa. Isso porque, dentro de sua variedade, a sua revista há de ser como os amigos de prosa agradável, que falam de coisas sérias, fazem rir, ensinam, mostram novidades. Buscando dar uma leitura fácil, capaz de satisfazer a sua curiosidade, a nova ALTEROSA, que se filia ao mais moderno jornalismo brasileiro,

terá um único critério da escolha de seus temas: - tudo que for digno do interesse e da atenção de seus leitores.

Por fim: não será uma revista nem masculina, nem feminina, mas vai procurar oferecer, sem puritanismo, leitura para toda família. Será uma moderna revista para o lar.

O Editor⁹⁶.



Figura 7: Alterosa, agosto 1962.

Capa: Jacqueline Kennedy.

Obviamente, as mudanças não passaram despercebidas. Através das cartas enviadas à redação e comentadas pelo editor na seção *Diálogo com o leitor*, temos uma ideia de como a reforma gráfica de *Alterosa* foi recebida pelo público.

Entendemos que o estudo da recepção é extremamente difícil e deve ser permeado de cuidados. Embora utilizemos aqui as cartas publicadas como um indicativo do que os leitores pensavam, temos consciência dos riscos metodológicos, uma vez que as missivas foram selecionadas pelo editor e, assim, já expressam as escolhas da redação.

Mas a fala de Jarbas Juarez Antunes ajuda-nos a entender um pouco a relação que os leitores mantinham com o periódico.

JA: (...) E o pessoal criticava entende? Uma vez fiz ilustração para a *Alterosa* de um conto, botei uns índios lá, o

⁹⁶ *Alterosa*, agosto de 1962. Ano XXIV Nº356, p. 2. Acervo da autora.

cara fez uma crítica, tal. Aqui no Brasil não tinha índio forte igual eu coloquei. Ele queria que eu colocasse o índio do jeitinho que ele era. Eu estava fazendo um desenho, uma ilustração criativa, não tinha nada a ver, não é? O cara estava exigindo mesmo. Era do interior aí. Quer dizer, ele queria que eu fizesse...

CR: Eles escreviam então?!

JA: Escreviam para a redação, a redação respondia, não é? Então tinha essas... Dentro da redação tinha as moças que recebiam essas correspondências, às vezes escreviam para eles. Recebia cartas, recebia assim as reportagens, fotografias. Tinha um grupinho ali que era... Interessante⁹⁷.

Como exemplo da recepção às mudanças editoriais e gráficas do periódico, citamos as cartas comentadas na edição de novembro, que resumem um pouco as manifestações dos leitores que foram publicadas por *Alterosa* ao longo do segundo semestre daquele ano.

Já o Sr. Nelson Pena Filho, estudante de medicina, pergunta se 'essa preocupação de deixar partes em branco não é um tolo e dispendioso modernismo'.

Não é não, Sr. Pena Filho: a paginação de *Alterosa* é assim e assim continuará por três razões principais. A primeira: os claros tornam as reportagens mais fáceis para a leitura e estimulam o leitor a ir até o fim, sem cansar, de uma reportagem; a segunda: os claros embelezam as páginas, permitindo, por motivos estéticos, que qualquer um seja diretamente atraído para a leitura; a terceira: dá a *Alterosa* a sua personalidade própria, pois não queremos copiar as outras revistas brasileiras, mas criar uma forma de apresentar as reportagens que seja só nossa.

(...)

Numa carta em que revela a sua condição de leitor de *Alterosa* desde menino e a partir de um dia de 1940, quando a teve em mãos pela primeira vez, um leitor de Belo Horizonte, que assina apenas "José" se confessa "entusiasmado com a nova fase da revista".

- É um prazer vê-la nas bancas, aparecendo e brilhando tanto graficamente quanto as melhores publicações cariocas, constituindo justo motivo de orgulho para os mineiros⁹⁸.

Como afirma Roberto Drummond no trecho acima citado, a revista passara a posicionar textos e imagens de forma diferente. Os textos agora

⁹⁷ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

⁹⁸ Diálogo com o Leitor. *Alterosa*, novembro de 1962. Ano XXIV Nº 359. Coleção *Alterosa* / APCBH, p. 2.

eram mais sucintos, distribuídos entre as fotografias e os anúncios publicitários, deixando espaços em branco.

Embora o editor deixe clara a posição da revista em relação à sua nova paginação, ela não era um consenso dentro da própria redação de *Alterosa*. Em entrevista, o paginador Jarbas Juarez Antunes afirmou que não concordava com as ordens do editor, o que, por vezes, gerava desentendimento entre os dois colegas de trabalho. Para Jarbas, muitos espaços em branco representavam um prejuízo para a revista, pois o periódico deixava de publicar muitos anúncios⁹⁹.

Além disso, reportagens com textos mais concisos e fotografias com tamanhos e posicionamentos diferenciados sugerem uma leitura hierarquizada da informação visual. Os dispositivos visuais utilizados nas páginas do artefato editorial tinham como objetivo “fixar um sentido e enunciar a interpretação correta” para impor algum limite à leitura e ao olhar¹⁰⁰. Os leitores deveriam se habituar a esse novo padrão gráfico e estabelecer a relação de complementariedade entre foto e texto já proposta na revista.

No entanto, as cartas do público não se referiam apenas à paginação. Muitas vezes os leitores também se posicionaram diretamente em relação ao conteúdo publicado e são comuns os pedidos de reportagens sobre a primeira-dama brasileira, Thereza Goulart.

(...) a jovem Ruth Magalhães, que faz questão de dizer que tem 17 anos, acha que devemos “tirar a Sra. Thereza Goulart de sua solidão e trazê-la numa das próximas capas, de preferência sorrindo”.¹⁰¹

O trecho acima transcrito não é um apelo isolado e refere-se à fotorreportagem *Primeiras Damas: diplomacia veste saia*¹⁰² publicada em agosto de 1962 e que será tratada em detalhes no capítulo 2.

Posteriormente, os pedidos dos leitores foram atendidos com um pouco de má vontade por *Alterosa* depois que a carta da leitora Ruth Magalhães foi publicada. Thereza Goulart ganhou a capa da edição de novembro (fig. 8), mas

⁹⁹ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

¹⁰⁰ Chartier, 1994, p. 9

¹⁰¹ *Alterosa*, outubro de 1962. Ano XXIV N° 358. Coleção *Alterosa/APCBH*, p.4.

¹⁰² *Alterosa*, agosto de 1962. Ano XXIV n° 356. Acervo da autora.

só. Não houve, como de costume, uma “matéria de capa” que tratasse apenas da primeira-dama brasileira. Nesta edição, a principal reportagem foi *Quem ganhou a guerra que não houve: URSS, EUA ou Cuba?*, escrita pelo repórter José Salomão. O texto referia-se ao bloqueio de Cuba pela Marinha dos Estados Unidos em razão da Crise dos Mísseis¹⁰³.

Nenhuma linha para Thereza Goulart, a não ser na seção *Em poucas palavras* que, como já foi dito, apresentava notas breves acerca de diversas personalidades, preferencialmente do mundo político.

A Sra. Maria Thereza Goulart, não só pelo receio de uma guerra nuclear, ficou muito amolada com a crise E.U.A. X Cuba: pela segunda vez ela renovou seu guarda-roupa, com as últimas criações da alta costura e Jackie Kennedy não pode vir para o duelo de elegância e beleza que as duas teriam¹⁰⁴.



Figura 8: Alterosa, novembro 1962.

¹⁰³ A Crise dos Mísseis, conhecida como Crise Caribenha pelos russos ou Crise de Outubro pelos cubanos, foi um dos momentos de maior tensão durante a Guerra Fria. Em outubro de 1962 os Estados Unidos divulgaram fotos coletadas através de voo secreto sobre Cuba, de instalações que abrigavam mísseis nucleares soviéticos em território cubano. Durante treze dias a crise gerou alarme pela possibilidade de uma nova guerra e culminou com a assinatura de um tratado de não proliferação de armas nucleares entre EUA, Grã-Bretanha e União Soviética em 1963.

¹⁰⁴ Alterosa, novembro de 1962. Ano XXIV Nº 359. Coleção Alterosa /APCBH.

A revista terminou o ano de 1962 com o seu novo modelo consolidado. *Alterosa* conseguiu novos e importantes anunciantes como a Volkswagen, o Bank of London, Johnson e Johnson, Lupo, produtos Lever, etc., como é anunciado na seção recém-criada “Progap”.

Oito grandes em *Alterosa*.

Mostrando que a nova fase de *Alterosa* veio transformá-la num excelente veículo, que já era bom mesmo na fase antiga, oito grandes anunciantes passaram, nos últimos três meses, a programar seus produtos em nossa revista. São eles: Lever, com ‘Signal’, Laboratório Hepacholan, com “Anti-Cárie Xavier com Flúor”, Erven Lucas Bols, com o uísque ‘Read Seal’, Canetas Compactor, Usiminas, Belgo Mineira, Mesbla e ‘Bank of London’. Detalhe importante: *Alterosa* já possui quase todos os anúncios nacionais que saem nas revistas e jornais brasileiros¹⁰⁵.

A seção Progap foi criada com o “objetivo de prestigiar as verdadeiras agências de publicidade e os serviços de imprensa das organizações brasileiras, noticiando com isenção¹⁰⁶ as suas principais atividades”. O nome da seção significava “Produto Garantido Pela Propaganda” e foi tomado emprestado da Associação Brasileira de Propaganda, como a própria revista explicou.

É interessante pensar a “isenção” anunciada pelo texto da revista quando a comparamos ao grande destaque conferido ao Banco Nacional e ao grupo Magalhães Pinto, controlador do periódico, nesta nova seção.

Como exemplo podemos citar a reportagem “Banco Nacional agora tem um novo irmão: BNSP” (fig.9). O texto trata da inauguração do Banco Nacional em São Paulo e ressalta que a presidência do mesmo era ocupada por um jovem banqueiro de 27 anos, Marcos Magalhães Pinto, além de destacar a presença dos dois primeiros depositantes do BNSP na solenidade de inauguração, Pelé e Zito. Os famosos jogadores de futebol aparecem ao lado dos banqueiros, filhos do governador Magalhães Pinto, em duas fotos que compõem a reportagem.

¹⁰⁵ *Alterosa*, dezembro 1963. Ano XXIV Nº 360, p. 6. Coleção *Alterosa*/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

¹⁰⁶ Grifo nosso.



Figura 9: Seção Prograp. Alterosa, janeiro 1963.



Figura 10: Publicidade do Banco Nacional de Minas Gerais na contracapa da edição de dezembro de 1962 da revista Alterosa.



Figura 11: Mensagem de Natal do BNMG. Alterosa, dezembro 1962.



Figura 12: Anúncio sabão em pó OMO. Alterosa, dezembro 1962.

1.2.1. Magalhães Pinto e a nova equipe de *Alterosa*.

Nesta parte do texto, procuramos delimitar a atuação de alguns profissionais que ocuparam cargos de chefia¹⁰⁷ dentro da Editora *Alterosa*, assim como a relação do governador Magalhães Pinto com o periódico. Essa análise se baseou, principalmente, nas fontes orais produzidas durante a pesquisa¹⁰⁸.

As transformações editoriais da revista *Alterosa* analisadas no início deste capítulo foram empreendidas por uma nova equipe jornalística e administrativa. Os jornalistas Lúcio Nunes¹⁰⁹ e Roberto Drummond¹¹⁰, superintendente e editor de *Alterosa* respectivamente, desejavam transformar a revista na “*Paris Match* brasileira”¹¹¹.

Drummond começou a sua carreira na extinta *Folha de Minas*, periódico que pertencia ao governo do estado e que deixou para trabalhar no semanário *Binômio*, dos jornalistas Euro Arantes e José Maria Rabelo. Em 1960, passou a ser chefe de reportagem da edição mineira do jornal *Última Hora* e já em 1962 foi contratado como editor-chefe da revista *Alterosa*, da qual já era colaborador há algum tempo.

Jango tomou posse com o parlamentarismo aprovado a toque de caixa, como dizia o jornalista Sebastião Nery; pouco depois, José Maria Rabelo deu um murro na cara do General Punaro Bley, comandante da ID-4 em Belo Horizonte, e deixou uma flor lilás no olho esquerdo do general; tudo aconteceu de manhã – por volta do meio-dia, tropas militares comandadas

¹⁰⁷ Os demais profissionais que atuaram na revista *Alterosa* e que são citados ao longo deste trabalho tiveram breves biografias compostas em forma de notas de rodapé.

¹⁰⁸ Os aspectos que nortearam a opção pelo uso da metodologia da história oral e a definição da comunidade de entrevistados se devem aos motivos expostos na introdução desta dissertação.

¹⁰⁹ Lúcio Nunes mudou-se para Belo Horizonte na década de 1950 para tratar problemas de saúde. Trabalhou no jornal *Binômio* e foi superintendente de *Alterosa* por alguns meses até ser transferido para o jornal *Diário de Minas*. Devido ao pouco tempo que exerceu o cargo de superintendente da revista, não obtivemos informações detalhadas sobre sua atuação na Editora *Alterosa*. Segundo a historiadora Heloísa Starling, o jornalista se viu coagido a abandonar Belo Horizonte em 1964 por ter sido perseguido pela polícia por sua ligação com a *Ação Popular*. STARLING, 1986, p. 241.

¹¹⁰ Roberto Drummond, cujo nome de registro era Robert Francis Drummond, nasceu em 1933 na pequena Santana dos Ferros (MG) e faleceu em 2002, na cidade de Belo Horizonte.

¹¹¹ Carlos Alberto Rangel Proença. Entrevista, 25/05/2012.

pelo Coronel Roberto invadiram a redação do *Binômio* e quebraram tudo; nada restou, inclusive o laboratório fotográfico, e eu fiquei sem os negativos das fotografias do meu casamento com a bela B. que Antônio Concenza tinha feito e guardado lá; estava começando, sob o governo de João Goulart, um tempo de muita agitação, conspiração militar, greves e a promessa de que a reforma agrária viria, na lei ou na marra. Por esse tempo, o grupo Magalhães Pinto comprou a revista *Alterosa* e fui para lá como editor...¹¹²

Roberto casou-se em fevereiro de 1960 com dona Beatriz, a personagem Bela B. de seu livro *Hilda Furacão*. Beatriz Drummond¹¹³ relatou em entrevista que o marido era membro do Partido Comunista e chegou, inclusive a realizar viagens pelo PCB antes do casamento. Mas, pelo que pudemos observar, a militância política de Roberto Drummond foi discreta a partir dos anos 1960, o que não impediu que a família de Beatriz reprovasse o casamento com o jornalista.

CR: E nessa época ele já trabalhava na imprensa?

BD: Já. Nessa época ele trabalhava no *Binômio*.

CR: E a senhora fazia o que? Era dona de casa? Estudava ainda?

BD: Não. Eu deixei de estudar. Morava na fazenda com meu pai e minha mãe lá em Ferros. Aí para encontrar com ele eu fugi que o meu pai não queria. [risos] [sic] Ele tinha medo, não é? Porque falavam que ele era comunista. Essas coisas. E você sabe... É... Naquela época era um bicho, não é, assim, de sete cabeças com esse perfil. Aí depois nós casamos aqui. Meu irmão, até já morreu, ele me trouxe. Eu falei que ia fugir, não é? Para casar. Então ele me trouxe. Fez o casamento. Eu fiquei dez anos sem falar com minha mãe e com meu pai. //CR: Nossa! // Mas tudo bem.

CR: Mas depois aceitaram.

BD: Depois acertamos.

CR: Nessa época que vocês casaram ele continuou fazendo viagens pelo partido?

¹¹² DRUMMOND, 1991, p. 216.

¹¹³ Em entrevista, dona Beatriz salientou que o sobrenome da família é grafado apenas com uma letra "m", mas que o marido preferia dobrar a letra quando assinava. Assim, para a entrevistada, mantivemos a grafia original que consta em sua carteira de identidade. Daí a diferença ao longo do texto entre as grafias do nome da esposa e do marido. Beatriz Moreira Drummond. Entrevista, 16/04/2013

BD: Não. Aí ele já tinha parado¹¹⁴.

A nova equipe de *Alterosa* composta por Drummond estava, em média, entre os 25 e 30 anos de idade. Wilson Manso Pereira, cunhado de Miranda e Castro e gerente geral das oficinas gráficas, foi um dos poucos funcionários da primeira fase de *Alterosa* que permaneceram em postos de comando.

Como indicador dessa mudança, apresentamos abaixo o expediente da edição de junho de 1962, tal qual foi publicado. Miranda e Castro aparece como fundador ao lado de sua esposa e não mais como diretor. O jornalista Roberto Drummond por sua vez já tem seu nome listado como editor. Note-se também que não há referências ao grupo Magalhães Pinto enquanto detentor do periódico.

Alterosa – a revista da família brasileira. Ano XXIV Nº 354.
Propriedade da Soc. Editora Alterosa Ltda.
Rua Rio de Janeiro, 926.
Fundadores: Miranda e Castro e N. M. Castro.
Superintendente: Lúcio Nunes.
Editor: Roberto Drummond.
Paginador: Jarbas Juarez.
Serviço Internacional: Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld e United Overseas Press.
Oficinas Gráficas e Fotogravura: Wilson Manso Pereira, gerente geral; assistentes técnicos: Juarez Drosghic e Oldemar Almeida¹¹⁵.

O perfil dessa nova equipe de trabalho da revista foi composto por Roberto Drummond na seção *Diálogo com o leitor*, quando o editor rebateu algumas críticas dos leitores e esclareceu o aumento de preço da revista no início do ano de 1963.

O Lado Humano

(...)

A nova equipe, com uma média de idade de 26 anos, é duas vezes mais bem paga que a da antiga *Alterosa* porque todos estavam em outras redações e foram trazidos para cá, ganhando, pelo menos, o que já recebiam.

¹¹⁴ Beatriz Moreira Drummond. Entrevista, 16/04/2013, trecho editado.

¹¹⁵ *Alterosa*, junho de 1962. Ano XXIV Nº 354. Acervo da autora, p. 4.

O aumento de 100% no volume de cartas, de 700% na venda avulsa em todo País, mostram que o início da nova fase é bem recebido. Mas é quando ficamos sabendo que o preço unitário da revista, que fica menos cara por sua grande tiragem, mas ainda é cara, não é só de Cr\$115,20. Há o que não tem preço: a vontade de fazer sempre a próxima revista melhor que a atual. Mesmo em casa, os soldados de Alterosa ainda pensam nela: o paginador Jarbas Juarez pesquisa para conseguir, dentro da nova linha jornalística traçada para a nossa revista, a maneira de apresentar os assuntos com beleza, atração e variedade. O repórter fotográfico Pepito Carrera¹¹⁶, busca ângulos novos para as fotografias. Os reescrevedores, entre os quais José Salomão, preocupam-se com os títulos e os textos.

Tudo isso para fazer, em Minas, uma revista igual às outras. E a nova Alterosa já descobriu dois grandes colaboradores: um grande poeta, Bueno de Rivera, que só agora faz experiências no jornalismo e um rapaz de 17 anos, Henrique de Souza Filho, o Henfil humorista do traço. O grande cabeleireiro Déo, o pintor Vicente de Abreu, o cronista Ivan Ângelo¹¹⁷, que é o melhor de Minas, completam a equipe que trabalha, dentro e fora da redação para fazer um jornalismo sério e honesto, um jornalismo para a família¹¹⁸.

Além dos nomes citados por Drummond, a revista *Alterosa* tinha outros importantes profissionais, entre efetivos e colaboradores, como os jornalistas Fernando Gabeira¹¹⁹, Oswaldo Amorim, Alvimar de Freitas, Geraldo Magalhães, José Salomão David Amorim, José Maria Mayrink, Carlos Orlando e Ponce de Leon¹²⁰.

¹¹⁶ O jornalista Pepito Carrera, além de trabalhar na revista Alterosa, foi fotógrafo do jornal O Diário. Seu pai, Dalio Carrera, também era fotógrafo e foi chefe da seção de fotografia de O Diário. O roteiro básico elaborado para a realização das entrevistas previa uma lista de nomes retirados da própria revista Alterosa que eram colocados aos entrevistados como forma de tentar reconhecer outros sujeitos que pudessem fornecer depoimentos para esta pesquisa, especialmente repórteres responsáveis pelas matérias aqui analisadas. Poucos entrevistados souberam dar informações sobre Pepito Carrera. Também não encontramos nenhuma referência ao nome deste jornalista durante a pesquisa bibliográfica.

¹¹⁷ Ivan Ângelo nasceu em 04/02/1937 em Barbacena-MG. Trabalhou como repórter no Estado de Minas e no Diário da Tarde, além de ter sido redator no Correio de Minas e Diário de Minas. Mudou-se para São Paulo em 1965. Trabalha atualmente na revista Veja – São Paulo.

¹¹⁸ Diálogo com o Leitor. Alterosa, janeiro de 1963. Ano XXV Nº361. Coleção Alterosa/ APCBH. s/p.

¹¹⁹ Fernando Gabeira nasceu em 1941 em Juiz de Fora. É escritor, jornalista e ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro (2008-2010). Segundo a biografia que consta em seu site é “carioca por opção” desde 1963. Fonte: <http://gabeira.com.br/biografia/>. Acesso em 01/03/2013.

¹²⁰ Ao longo dos capítulos 2 e 3 esses jornalistas serão identificados de acordo com os créditos das reportagens analisadas.

É interessante notar a parceria estabelecida pelo jornalista Dirceu Soares e o fotógrafo Euler Cássia¹²¹. Euler Cássia foi admitido como repórter fotográfico pela Editora Alterosa em 12 de março de 1963 (ver anexo) e com o colega de trabalho Dirceu Soares, realizou diversas reportagens especiais para a revista *Alterosa*.

A dupla ganhou o Prêmio Esso – categoria regional – de 1964¹²² com a reportagem “Aqui se morre como um passarinho¹²³”. A fotorreportagem refere-se ao alto número de mortes na cidade de Itacambira, localizada na região norte de Minas Gerais. A baixa expectativa de vida e a diminuição alarmante da população deviam-se à disseminação da doença de Chagas que, segundo os repórteres, matava silenciosamente os habitantes do município.

O sistema de parceria entre o repórter de texto e o repórter fotográfico havia sido desenvolvido com sucesso pela dupla Jean Manzon e David Nasser na revista *O Cruzeiro*, apesar dos métodos discutíveis que a dupla empregava para realizar suas reportagens.

Vale ressaltar a existência de parceria entre fotógrafo e repórter, em que ambos assinam seu trabalho, texto escrito e visual. Tal recurso é utilizado nas reportagens fotojornalísticas a partir de fins da década de 1930 e estabelecia uma nova relação entre linguagem escrita e visual. Neste caso, a fotorreportagem adquiria uma narrativa que poderia ultrapassar uma edição da revista, caso o tema fosse sucesso de público, como os famosos crimes passionais, com cobertura exclusiva¹²⁴.

A análise das fotorreportagens realizadas pela dupla Dirceu Soares e Euler Cássia excedem o escopo deste trabalho, uma vez que não se tratam de reportagens políticas. No entanto, a parceria vale ser lembrada já que apenas com a reformulação de *Alterosa* nos anos 1960, a revista passou a contar com

¹²¹ Euler Cássia nasceu em 29 de junho de 1939 em Santo Antônio do Itambé. Trabalhou nas empresas Diário de Minas, Última Hora, Revista Alterosa (de 12 de março de 1963 a 23 de março de 1964), O Estado de São Paulo, O Globo, Palácio do Governo de Minas entre outros. Euler Cássia de Souza Júnior. Entrevista, 22/05/2013.

¹²² Prêmio Esso 1964 - <http://goo.gl/T52TPO> Último acesso em 16/08/2013. DRUMMOND, Roberto. A canção da morte como passarinho ou porque o Esso é nosso. *Alterosa*, junho/julho de 1964. Coleção *Alterosa* / Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

¹²³ “Aqui se morre como um passarinho”. *Alterosa*, 10 de maio a 10 de junho de 1963. Coleção *Alterosa* /APCBH.

¹²⁴ MAUAD, 2008, p. 159.

um departamento de fotografia próprio, ou seja, com fotógrafos exclusivos, seguindo tendência já inaugurada pela revista *O Cruzeiro* anos antes.

Alterosa era um produto inédito para os membros da nova equipe, que, em sua grande maioria, nunca tinham trabalho em revista antes¹²⁵. Em entrevista, Carlos Alberto Rangel Proença, diretor-administrativo de *Alterosa* abordou a constituição do novo quadro de funcionários e explicou que com a nova administração, a Sociedade Editora Alterosa foi dividida em setores distintos: setor financeiro, setor de jornalismo, setor gráfico, etc.

Nascido em 18 de janeiro de 1938 e graduado em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Proença trabalhava no departamento de economia do extinto Banco de Minas Gerais quando recebeu o convite do colega de infância, José Alberto da Fonseca, para trabalhar na Editora Alterosa. A contratação do economista atesta o objetivo da nova administração de enquadrar a Editora em um novo padrão empresarial.

Carlos Alberto e José Alberto da Fonseca faziam parte do movimento católico em Belo Horizonte.

CP: (...) O Henfil¹²⁶ é... Nós éramos de Ação Católica naquela época, eu te falei da minha conversão. Eu frequentava o convento dos dominicanos, o Henriquinho também com o Betinho, com o José Alberto e nós lá convivíamos com os frades dominicanos. E o Henriquinho gozava os frades de todas as maneiras que você pensa em imaginar. Então tinha lá o frade comprido e o outro que era menorzinho, e ele começou então a fazer a charge deles, os dois fradinhos. Você já viu?¹²⁷

¹²⁵ José Alberto da Fonseca. Entrevista, 16/04/2013.

¹²⁶ Segundo Carlos Alberto Proença, Henrique Filho, o Henfil, começou a trabalhar na revista *Alterosa* como contínuo a pedido do irmão Betinho. Existe uma disputa de memórias em relação a quem teria atribuído o apelido ao menino que teve seus primeiros desenhos publicados por *Alterosa*: se Jarbas Juarez Antunes ou Roberto Drummond. Sobre a trajetória de Henfil na revista *Alterosa* ver "O pupilo de Yustrich". In: MORAES, Dênis de. *O Rebelde do Traço: a vida de Henfil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

¹²⁷ Carlos Alberto Rangel Proença. Entrevista, 25/05/2012.

A Ação Católica foi criada no Brasil nos anos 1930 com uma orientação conservadora. A ideia era organizar a ação de leigos católicos, entre outros objetivos, para barrar o caminho das esquerdas, especialmente o comunismo, e difundir os princípios cristãos. Com a reestruturação da Ação Católica em 1950 foram criadas subdivisões: Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Operária Católica (JOC).

Segundo Gavião¹²⁸, ao longo da década de 1950, parte dos estudantes jucistas mudou substancialmente o sentido de suas práticas nas universidades brasileiras, chocando-se com as determinações e interesses do grupo hegemônico da hierarquia católica. Foi no final dos anos 1950 que a JUC se "esquerdizou" e dela saíram os fundadores da Ação Popular, que já nasceu como uma organização de esquerda.

Foi este o caminho trilhado por José Alberto da Fonseca¹²⁹ que foi cronista de cinema do jornal *O Diário Católico*, redator da seção de política internacional do *Binômio*, além de ter trabalhado no *Correio de Minas*.

José Alberto ingressou na revista *Alterosa* a convite de Lúcio Nunes no início de 1962 quando passou a exercer o cargo de chefe do Departamento de Circulação da Sociedade Editora Alterosa e a escrever matérias sobre cinema para a revista. Assumiu o Departamento de Publicidade do periódico no final de 1962, após a morte do antigo funcionário, Oscar de Oliveira.

O publicitário integrou a Juventude Estudantil Católica (JEC) quando estudava na Escola Estadual Governador Milton Campos, o colégio Estadual Central de Belo Horizonte. Depois se transferiu para a Juventude Universitária Católica (JUC) quando ingressou no curso de Sociologia, que não chegou a concluir.

Foi nesta época que se tornou um dos fundadores da Ação Popular (AP) junto com Herbert José de Souza, o Betinho, e também editor do periódico editado pela AP em Belo Horizonte. A revista *Alterosa* chegou a noticiar a articulação do grupo em nível nacional no início de 1963.

¹²⁸ Gavião, 2007, p. 30

¹²⁹ José Alberto da Fonseca nasceu em 15 de abril de 1937 e é primo em segundo grau de José Aparecido de Oliveira. José Alberto da Fonseca. Entrevista, 16/04/2013

O I.N.A.P., que será o Instituto Nacional de Ação Popular, com o objetivo de defender exatamente o contrário do Instituto Brasileiro de Ação Democrática, que atua na meia e na extrema direita, já está quase criado. Seus principais fundadores: professores Oswaldo Gusmão e Herbert José de Souza, do ISEB¹³⁰.

Segundo um informe do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), o quinzenário *Ação Popular* era impresso nas oficinas da Sociedade Editora Alterosa¹³¹. No entanto, a informação não foi confirmada por José Alberto da Fonseca, que disse em entrevista não se lembrar desse fato.

A esquerda católica representada pelos membros da AP compreendia que as mudanças políticas, sociais e econômicas deveriam ser feitas através da ação e não apenas pela “salvação das almas”¹³². A organização fundada dois anos antes do golpe de 1964 reuniu estudantes, professores, artistas, jornalistas, profissionais liberais e, em menor escala, setores das classes populares.

CR: Então tinha uma ligação do movimento estudantil com o movimento de esquerda?

JF: Esquerda cristã, vamos chamar assim. AP era Ação Popular que foi... A ideia veio com o Betinho do Chile. No Chile eles tinham feito esse movimento *Acción Popular*, que era o movimento político da, de pessoas, cristãos que tinham posição contrária à estrutura de poder da Igreja. Não é?

CR: E vocês tinham alguma ligação com a POLOP?

JF: Não. POLOP era inimiga da gente. A gente conhecia as pessoas da POLOP, mas... Você tinha três segmentos da esquerda. Você tinha o PCB, POLOP e AP¹³³.

¹³⁰ Em poucas palavras. Alterosa, janeiro de 1963. Ano XXV Nº361. Coleção Alterosa/ APCBH. s/p.

¹³¹ Difusão de Materiais e Organizações da Esquerda Estudantil. Arquivos da polícia política – DOPS/MG. Arquivo Público Mineiro. <http://goo.gl/lyCeU>. Último acesso em 03/07/2013. A Editora Alterosa S.A. realizava serviços gráficos para diversos clientes. Foi responsável também pela impressão de parte do material de propaganda eleitoral produzido pela Ação Democrática Popular (ADEP) em 1962 para candidatos financiados pela rede IBAD/ADEP/ADP que concorrerem nas eleições daquele ano (STARLING, 1986, p. 285).

¹³² CIAMBARELLA, 2007, p. 101.

¹³³ José Alberto da Fonseca. Entrevista, 16/04/2013.

Mas, como se dava a relação de uma equipe de jovens, em sua maioria, identificados com os movimentos das esquerdas, com o grupo Magalhães Pinto, considerado conservador?¹³⁴

José de Magalhães Pinto (1909-1996) era natural de Santo Antônio do Monte. Fundador e proprietário do Banco Nacional de Minas Gerais, uma das maiores instituições do setor bancário no país, teve uma longa e expressiva carreira política. Foi signatário do Manifesto dos Mineiros em 1943 e integrou-se à União Democrática Nacional (UDN) logo após sua fundação em 1945, mesmo ano em que foi eleito deputado. Foi reeleito sucessivamente em 1950, 1954 e 1958.

Magalhães Pinto tinha, desde a década de 1950, pretensões de alcançar altos postos de governo, como por exemplo, o cargo de governador de Minas Gerais. Para isso, sabia que era necessário conquistar projeção nacional. Buscou a presidência nacional de seu partido e deu início à parceria com José Aparecido de Oliveira que já “entrou com o esquema de imprensa naquela época”¹³⁵.

Ainda em 1958 tornou-se presidente da UDN mineira e em 1959, presidente nacional do partido. Foi eleito governador de Minas no pleito realizado em outubro de 1960, quando derrotou o candidato pessedista Tancredo Neves por 760.427 votos contra 680.538¹³⁶. Tancredo era o principal adversário político de Magalhães em Minas. Uma aproximação entre ambos só seria vista nos anos 1970 com o processo de liberalização da política brasileira no final da ditadura civil-militar.

¹³⁴ A relação entre jornalistas comunistas e jornais conservadores é considerada como uma relação de clientelismo pelo pesquisador Marco Roxo em pesquisa ainda em curso. Para o autor, o PCB funcionou como uma “escola” de jornalistas que atuaram na grande imprensa conservadora no Brasil, especialmente no período da Ditadura Militar. Além disso, Roxo considera que o modelo de jornalismo norte-americano e a disciplina e autocensura dos jornalistas comunistas facilitaram a convivência com as empresas jornalísticas conservadoras. ROXO, Marco; MOURÃO, Mônica. Jornalismo, Memória e Clientelismo. O pacto entre comunistas e imprensa conservadora no Brasil. In: NAPOLITANO;CZAJKA;MOTTA, 2013, p. 251-270.

¹³⁵ Entrevista com Carlos Eloy Guimarães. In: DRUMMOND; MELO, 1994, p. 59.

¹³⁶ José de Magalhães Pinto. Verbete biográfico. Fonte: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. CPDOC/FGV <http://goo.gl/vjPr4>. Último acesso em 04/09/2013.

O político assumiu o governo do estado de Minas Gerais em janeiro de 1961 e, naquela ocasião, foi substituído na presidência da UDN, que ocupava desde 1959, pelo deputado Herbert Levy.

Em dezembro de 1962 *Alterosa* anunciou a saída de Magalhães Pinto da presidência do Banco Nacional de Minas Gerais em decorrência de seu mandato de governador. Assim, ele poderia se dedicar inteiramente à política.

Uma das renúncias mais comentadas dos últimos dias: a do Governador Magalhães Pinto, que renunciou à Presidência do Banco Nacional de Minas Gerais, da qual se licenciara ao assumir o Palácio da Liberdade. Seu filho mais velho, Eduardo Magalhães Pinto, é o novo ocupante do lugar, enquanto Marcos Magalhães Pinto passou a diretor geral e o mais novo dos três filhos, Fernando, foi eleito para a diretoria¹³⁷.

No meio político, o governo de Minas era considerado como um “trampolim” para a Presidência da República¹³⁸. Durante seu mandato de governador, Magalhães Pinto atuou de forma a credenciar-se como possível candidato presidencial para as eleições de 1965, o que ficou claro especialmente a partir de 1963 como podemos observar através de uma nota publicada por *Alterosa* na seção *Em poucas palavras*.

“Magalhães, 65” – esta frase, escrita ao lado do desenho de um pinto, já pode ser lida em todos os pontos estratégicos – aqueles que chamam atenção – na BR-3, trajeto Belo Horizonte – Rio¹³⁹.

É preciso observar que, embora muitas notícias como esta tenham sido veiculadas sobre o governador de Minas na revista *Alterosa* - especialmente o conteúdo que será apresentado no capítulo 2 -, entre os anos de 1962 e 1964, o nome de Magalhães Pinto nunca é listado como proprietário da revista, uma vez que esta e a gráfica compunham uma sociedade limitada e posteriormente uma sociedade anônima¹⁴⁰.

¹³⁷ *Alterosa*, dezembro de 1962. Ano XXIV Nº360. Coleção *Alterosa*/ APCBH, p. 12.

¹³⁸ DRUMMOND; MELO, 1994, p. 89-90.

¹³⁹ *Em poucas palavras*. *Alterosa*, abril de 1963. Ano XXV Nº364. Coleção *Alterosa*/ Hemeroteca -Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 28.

¹⁴⁰ Carlos Alberto Rangel Proença. Entrevista, 25/05/2012.

No entanto, Magalhães Pinto se fazia presente na Editora Alterosa através do cargo de diretor, ocupado pelo jornalista e político José Aparecido de Oliveira (1929-2007).

(...) temos outras boas surpresas para os leitores. Uma delas é a que o jornalista (e deputado federal) José Aparecido de Oliveira acaba de assumir o cargo de Diretor-Presidente da Sociedade Editora Alterosa Ltda., que publica nossa revista. Na verdade, há um ano, o jornalista José Aparecido de Oliveira já era pessoa da casa, só que não tinha o nome no expediente. Mas sua presença efetiva, após a última assembleia dos acionistas, à frente da S.E.A.L. terá, como todos irão sentir uma grande importância nos destinos da nova Alterosa. Temos ainda mais dois diretores: o jornalista Roberto Drummond, que vem comandando, há um ano, a equipe que faz nossa revista e que terá, agora, a responsabilidade de chefiar, também, os outros setores diretamente ligados à parte editorial e o economista Carlos Alberto Rangel Proença, a quem caberá dirigir a parte industrial da empresa. Como o jornalista José Aparecido, Carlos Alberto Rangel Proença já prestava seus serviços a Alterosa há um ano. O jornalista Lúcio Nunes, nosso ex-superintendente, é agora Diretor-Superintendente do Diário de Minas¹⁴¹.

José Aparecido já havia preenchido o cargo de relações públicas do Banco Nacional no final dos anos 1950. Foi secretário particular do ex-presidente Jânio Quadros e eleito deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN) em 1962, além de atuar como Secretário da Agricultura e Secretário de Governo do estado de Minas também entre 1962 e 1964.

Foi um dos principais colaboradores do governador Magalhães Pinto durante toda sua carreira política. Segundo sua esposa, Maria Leonor, José Aparecido “era jornalista, mas cem por cento dedicado à política; um verdadeiro animal político”¹⁴².

As relações entre Magalhães Pinto, José Aparecido de Oliveira e *Alterosa* podem ser elucidadas através da fala do entrevistado Carlos Alberto Rangel Proença, diretor-administrativo do periódico.

CR: Pois é, eu tenho algumas dúvidas a respeito dessa atuação do Magalhães na revista. Porque hora nenhuma ele aparece no expediente da revista como dono da Alterosa.

¹⁴¹ Diálogo com o leitor. *Alterosa*, 10 de junho a 10 de julho de 1963. Coleção *Alterosa*/ Hemeroteca Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 5.

¹⁴² Maria Leonor Gonçalves Oliveira. Entrevista, 03/07/2012.

CP: Mas na verdade ele [Magalhães Pinto] nem chegou a ser dono, porque ele é... Outras pessoas, a pedido dele, é que compraram a revista. Ele reservou a si o direito de escolher os jornalistas que iam comandar a revista.

CR: Entendi. Quem eram essas pessoas que ele...

CP: Olha, isso aí já tem coisa de sessenta e tantos anos, não é? Eu teria até que buscar lá na... Mas eram pessoas assim desconhecidas.

CR: Entendi.

CP: Alguns até parentes. O Antônio Araújo... Antônio de Souza Araújo¹⁴³ era primo dele e até hoje ele é o presidente do conselho de administração.

CR: Da editora.

CP: Da editora.

CR: Bom, mas o senhor estava me dizendo que ele [Magalhães Pinto] se reservou o direito de escolher os jornalistas.

CP: Sim.

CR: Então foi ele que chamou o Zé Aparecido, o Roberto Drummond...

CP: Foi, foi. Ele não. É uma coisa mais para o Zé Aparecido. //CR: Entendi.// Que o Zé Aparecido era jornalista e era secretário do gabinete civil dele. Então ele falou: - Ah, o Zé, cuida disso. E o Zé que cuidou.

(...)

CR: (...) E o senhor pode me contar um pouco do José Aparecido, assim, como é que ele era? Como é que era a atuação dele na revista?

CP: O Zé, como eu te falei, ele era jornalista por excelência. E um bom jornalista. E evidentemente que ele com o Roberto procurava assuntos. – Que assunto que vai ser? O Roberto ia com a equipe dele e falava: - Ô Zé, a turma está achando que são esses assuntos aqui. Tem mais algum, não sei o quê... Tem, não tem. Não. Vai desse jeito. Mais isso. A influência do Zé Aparecido não foi nada além disso. Mais nada.

CR: Era um bom jornalista?

CP: Ele era. E ele era, como ele era secretário de governo, do Magalhães, muitas vezes eu tinha assuntos econômicos para tratar e eu ia na casa dele 6 horas da manhã. Era o horário que ele tinha vago para mim.

CR: Era muito ocupado, não é?

CP: Muito ocupado. Ele não tinha tempo. Então eu não me lembro do Zé dentro da empresa um dia. É aquele do gênio, se você um dia estudar o Zé, ele era político por excelência, muito relacionado, não é? O dia inteiro ligando, falando. Ele era político. Ele era político mesmo, não é?

CR: Depois do Golpe, o senhor manteve contato com ele de alguma forma?

¹⁴³ Antônio de Souza Araújo era primo de Magalhães Pinto. Na época em que Carlos Alberto R. Proença concedeu esta entrevista, Souza Araújo ainda era presidente da Editora Alterosa, cargo que ocupou até seu falecimento em 06/11/2012.

CP: Não. Não. Eu conheci o Zé aqui e nos conhecemos e depois ele saiu. Eu nunca fui amigo... //CR: Amigo íntimo não. // Não¹⁴⁴.

José Aparecido de Oliveira realizava a ponte entre Magalhães Pinto e o periódico. No entanto, vários entrevistados foram unânimes ao dizerem que o diretor da Editora Alterosa nunca frequentou a redação da revista¹⁴⁵.

Os três funcionários responsáveis por tratar dos assuntos administrativos e editoriais de *Alterosa* com José Aparecido de Oliveira e o grupo Magalhães Pinto eram o editor da revista, Roberto Drummond, o diretor-administrativo, Carlos Alberto Rangel Proença, e José Alberto da Fonseca, diretor de publicidade.

Roberto Drummond tinha reuniões frequentes com os filhos do governador Magalhães Pinto, Marcos e Eduardo, na sede do Banco Nacional para tratar de assuntos referentes à publicação mensal, ao ponto de mencionar, casualmente, o assunto em seu romance *Hilda Furacão*.

2 de setembro de 1963 (10 da noite)

Recebi hoje à tarde uma visita inesperada na *Alterosa*: Hilda Furacão. Eu tinha ido ao Banco Nacional para uma reunião com Eduardo e Marcos Magalhães Pinto, que são os donos da *Alterosa*, e quando voltei, ela [Hilda Furacão] estava à minha espera¹⁴⁶.

CR: Ele [Roberto Drummond] se refere também [sic] no livro, em alguns momentos, que ele foi, ia até o Banco Nacional para ter reuniões com o Marcos e o Eduardo Magalhães Pinto para decidir coisas a respeito da revista.

CP: Sim.

CR: A respeito do conteúdo ou a respeito...

CP: E muitas vezes eu ia com ele.

CR: Sim.

CP: E o negócio era para... a única coisa que a gente ia lá era buscar dinheiro. Perguntar: - Ó, então não tem dinheiro. Vamos fazer um papagaio aí e tal. Você podia financiar. Então eram encontros assim mais financeiros. Isso... E o Eduardo gostava muito de revista. Então ele estava interessado. Mas eles não

¹⁴⁴ Carlos Alberto Rangel Proença. Entrevista, 25/05/2012. Trecho editado.

¹⁴⁵ Entrevistas Carlos Alberto R. Proença, Jarbas Juarez Antunes e José Alberto da Fonseca.

¹⁴⁶ DRUMMOND, 1992, p. 232.

tinham... Você pega a revista por exemplo e vê assim, vamos ver se esta revista tem conteúdo político. Não tem. Você já olhou. Não tem. É... Mal fala no Magalhães, mal fala em política né? Embora o Roberto fosse do PCB. Roberto era comunista vermelho, não é? Então se fosse para fazer propaganda de direita não era o Roberto que ia para a revista. //CR: Entendi.// Então o Roberto era isento nisso. E ninguém nunca exigiu que o Roberto fizesse campanhas ou políticas para quem quer que seja. E o bacana é que o Eduardo sempre respeitou isso.

CR: Então eles não interferiam no conteúdo da revista.

CP: Não.

(...)

CP: Não. //CR: Não. // Eram todas pessoas conhecidas porque quem está no ramo do jornalismo se encontra, não é? E, mas nunca teve... Eram encontros naturais e mais, nunca... Como não tinha o interesse do Magalhães de fazer da Alterosa um veículo político, tudo isso esvazia. //CR: Entendi.// E a prova é o conteúdo que tem. Quando você fala assim, por exemplo, “governadores, encontro marcado em Araxá”¹⁴⁷, todas as revistas deram isso. Todas. E quem, a empresa, a revista que não desse isso estava fora. O jornalista não pode perder eventos e acontecimentos, não é?¹⁴⁸

José Alberto da Fonseca também foi questionado em entrevista sobre a posição de José Aparecido de Oliveira e do grupo Magalhães Pinto no periódico. O entrevistado elucidou a relação dos funcionários que exerciam cargos de comando dentro da revista com o diretor e o grupo Magalhães Pinto.

CR: E como é que era a atuação dele [José Aparecido de Oliveira] na Alterosa?

JF: Ele não participava. Quer dizer, não tinha fisicamente participação.

CR: Mas vocês tinham reuniões com ele?

JF: Tínhamos. Tínhamos reuniões com ele. Sempre. (...) Porque na verdade era o seguinte, a gente era mais para discutir a linha política, a postura, não é? Como é que a gente vai trabalhar esse novo produto que era a Alterosa grande¹⁴⁹. Mas ele não intervinha não. Ele escutava, falava: - Olha, isso aí é bom. Tinha uma capacidade incrível de perceber, tinha um olfato.

(...)

JF: Quem era entusiasmado com a revista era o Eduardo Magalhães Pinto. Ele ia escolher uma capa, o Roberto falou: - Vamos lá no Banco Nacional para o Eduardo ver. Ia para a sala dele, botava o projetor. Um dia nós estávamos lá assim, até deitados, encostados no chão assim, doutor Magalhães Pinto

¹⁴⁷ Refere-se à reportagem da revista de junho de 1962 que será apresentada neste trabalho.

¹⁴⁸ Carlos Alberto Rangel Proença. Entrevista, 25/05/2012. Trecho editado.

¹⁴⁹ O entrevistado refere-se ao novo tamanho da revista lançado em agosto de 1962.

entrou. Aquele pessoal na presidência do Banco Nacional deitado vendo foto de capa. (risos)

CR: Ele ajudava a escolher também? //JF: Quem? // Dava palpite? O Eduardo?

JF: Dava. Dava. Eduardo dava. Ele era muito simpático. Boa pessoa. Doutor Magalhães, o governador olhou assim: - Eduardo! – Oi pai. Oi pai. (risos) Mas não tivemos nenhum... Eu não me lembro de ter pressão política. Não me lembro de ter corte. Não teve censura. Roberto fazia a pauta, distribuía a pauta. O time de redatores da Alterosa, dificilmente outro veículo teve aqui em Minas Gerais¹⁵⁰.

Embora as falas dos dois entrevistados coincidam no que diz respeito à autonomia de conteúdo da revista, é preciso observar que, como se verá no capítulo 2, a fala de Carlos Alberto R. Proença é relativa. É o lugar de fala do entrevistado que rege seu discurso. Proença nunca foi membro de movimentos de esquerda, sua atuação ficou limitada à Ação Católica. Além disso, o entrevistado é o atual diretor-presidente da Editora Alterosa. Consideramos, portanto, que ao não considerar o conteúdo político de *Alterosa*, o entrevistado busca resguardar a imagem de autonomia de sua empresa.

Assim, embora seja possível atestar a relação do periódico aqui estudado com o grupo Magalhães Pinto, tanto através da documentação da Editora Alterosa presente no Fundo José Aparecido de Oliveira do Arquivo Público Mineiro¹⁵¹, quanto através das falas de outros entrevistados, Carlos Alberto Rangel Proença também negou em entrevista que houvesse uma relação direta entre a Editora Alterosa e o Banco Nacional.

CR: Aqui nesse exemplar, por exemplo, a gente tem a publicidade do Banco Nacional.

CP: Tem.

CR: Então o Banco Nacional era um cliente comum?

CP: Um cliente comum.

CR: Da gráfica, da revista.

CP: Nunca foi dono, nem direto e nem indireto da empresa.

//CR: Entendi.// Até que para nós se fosse era muito bom, não é? Porque o caixa estava sempre reforçado¹⁵².

¹⁵⁰ José Alberto da Fonseca. Entrevista, 16/04/2013. Trecho editado.

¹⁵¹ A documentação da Editora Alterosa S.A. presente no Fundo José Aparecido de Oliveira/APM será analisada no capítulo 3.

¹⁵² Carlos Alberto Rangel Proença. Entrevista, 25/05/2012. Trecho editado.

Em entrevista, o paginador de *Alterosa*, Jarbas Juarez Antunes, definiu-se como anarquista e salientou que nunca participou de nenhum grupo político organizado. Sua fala, ao ser questionado sobre a relação da equipe da revista com o grupo Magalhães Pinto, nos parece esclarecedora no que toca a questão da relação dos outros profissionais do periódico, que não ocupavam cargos de chefia, com o diretor da Editora e com o seu grupo detentor. Juarez salientou que os funcionários não tinham acesso ao que era discutido entre os diretores e os donos do periódico.

JA: (...) A gente chamava de grupo, mas quem mandava era o Marcos Magalhães Pinto. (...) Tudo que era resolvido aqui, quem resolvia era o José Aparecido de Oliveira. Ele é que era o contato com o Marcos Magalhães Pinto. O que interessava para o Marcos Magalhães Pinto na revista *Alterosa*, que ele comprou, era a oficina lá em cima.

CR: Entendi.

JA: Por que lá ia imprimir os impressos do Banco Nacional todo.

CR: Então o Marcos, ele, o senhor sabe se ele chegava a discutir com o Zé Aparecido a respeito de pauta da revista, alguma coisa assim?

JA: Ouvi falar que ele tinha isso. Porque eu não tinha acesso a ele. E até eu não conheço Marcos Magalhães Pinto. Conheço ele assim, de fotografia. Mas eu não conheço ele, não sei nada sobre ele.

CR: Mas o que era falado assim?

JA: O que falavam era que ele conversava com o José Aparecido de Oliveira, tátátá, que o Roberto mostrava para ele a revista, que ele tinha que fazer mudança na revista, tal. Mas assunto que o Roberto também conversava lá ficava entre eles lá. Não chegava ao ouvido da gente não. Que dizer, então o dono da revista mesmo eu não sei nada sobre ele. Eu nunca cheguei perto dele, não conheço ele. Conheço só de fotografia.

(...)

CR: Como era a relação do senhor com o Zé Aparecido?

JA: Não conheci.

CR: Não?

JA: Não.

CR: Ele não frequentava a redação?

JA: Não. Eu nunca pus a mão na mão dele. Não conheci o Zé Aparecido de Oliveira. Eu ficava sabendo das coisas, lendo sobre ele, notícia sobre ele, não é? (...) Eu não via ele lá na redação não. Ele tinha a vida dele lá. Não sei, político, não é? Quando precisava dele, talvez ele conversasse lá com o filho do Magalhães Pinto, ele podia chamar o Roberto Drummond lá.

Conversava com o Roberto o que tinha que conversar, não é? Quer dizer, então, esses dados assim muito íntimos da revista eu não tinha acesso. Não era só eu não. Outros colegas meus também não tinham¹⁵³.

A nosso ver, foi José Alberto da Fonseca quem melhor resumiu, em entrevista, a questão da relação entre o grupo Magalhães Pinto e os funcionários de *Alterosa* identificados com os movimentos de esquerda.

JF: A revista na verdade era o seguinte. Nós éramos vendedores da força do nosso trabalho. Se é que se pode falar isso em tempos de capitalismo. Não vendíamos a nossa consciência. Não pensávamos que aquilo fosse capaz de resolver o problema da comunicação. Não¹⁵⁴.

Como afirma Chartier, é preciso lembrar que o escritor (no caso aqui os profissionais de imprensa) cria na dependência. Uma dependência “em face das regras (do patronato, do mecenato, do mercado) que definem a sua condição”¹⁵⁵.

O objetivo principal deste capítulo foi apresentar a reforma editorial de *Alterosa* a partir do contexto do novo jornalismo praticado no Brasil. O periódico estudado compõe o quadro das chamadas revistas de variedades, que foram um dos principais produtos da indústria cultural que nasceu no século XX.

A sua nova apresentação física e estruturação de conteúdos revelam não só as inovações tecnológicas agregadas pela imprensa, mas também a capacidade de seu mecenas, que a viu como instrumento de politização e manipulação de interesses. Aqui nos valem mais uma vez das palavras de Ana Luisa Martins:

(...) A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida, se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu

¹⁵³ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

¹⁵⁴ José Alberto da Fonseca. Entrevista, 16/04/2013, trecho editado.

¹⁵⁵ CHARTIER, 1994, p. 9.

mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia, e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos¹⁵⁶.

Assim, o que tentamos demonstrar foi a condição de produção da revista aliada à natureza dos capitais envolvidos, ou seja, aqueles provenientes do grupo Magalhães Pinto, detentor do Banco Nacional de Minas Gerais. No próximo capítulo vamos analisar como Magalhães Pinto teve sua imagem divulgada pela revista. Como veremos, o político mineiro foi representado sempre em tom elogioso.

¹⁵⁶ MARTINS, 2001, p. 21.

Capítulo 2: Quem detém a mídia, detém o poder?

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma análise de fotorreportagens publicadas entre 1962 e 1964 que tratem diretamente do presidente João Goulart e do governador Magalhães Pinto (ou de seus familiares), figuras de proa da nossa pesquisa. Muitas das reportagens publicadas neste período tratam de relações familiares, cotidiano dos políticos, etc.

O material levantado nos permite uma comparação entre os textos que denunciam Jango como um mau pai, um mau marido e mau político, e aqueles que dizem exatamente o contrário de Magalhães Pinto.

Além disso, apresentaremos reportagens e notas que dizem respeito à política, quer dizer, aos discursos e ações atribuídas aos parlamentares, aos partidos políticos, etc.

Em geral, essas matérias se articularam com o posicionamento político de Magalhães Pinto e acompanharam as mudanças de estratégia do governador. Assim, ainda em 1962 é possível reconhecer um discurso parcialmente favorável a Goulart, época em que Magalhães Pinto mantinha uma boa relação com o presidente. Isso se modifica ao longo de 1963, quando as críticas a João Goulart acompanharam o afastamento do governador de Minas em relação a Jango. Quanto ao PSD, as críticas a esse partido adversário da UDN foram constantes, especialmente ao ex-presidente Juscelino Kubistchek.

Para os fins desta análise, partimos das considerações do estudioso Bronislaw Baczko (1985) que considera que o imaginário coletivo intervém no exercício do poder político. Para ele, muitos “chefes” são julgados não só pelas suas competências, mas também pelas imagens políticas que lhes são atribuídas.

O autor afirma ainda que a implantação duradoura dos meios de comunicação marca uma ruptura significativa em relação às modalidades de emissão e controle de informações que, por sua vez, oferecem novas formas à propaganda política. Essa ruptura está relacionada com a possibilidade de um

único emissor atingir simultaneamente uma grande audiência. Não é só o fluxo de informações que se altera ao longo do século XX, mas também as suas características. A informação torna-se atomizada e fragmentada, o que segundo Baczko facilitaria as manipulações.

Num só movimento, os meios de informação de massa fabricam uma necessidade, que abre possibilidades inéditas à *propaganda* e encarregam-se, simultaneamente, de satisfazer essa necessidade. Com efeito, aquilo que os *mass media* fabricam e emitem, para além das informações centradas na atualidade, são os imaginários sociais: as representações globais da vida social, dos seus agentes, instâncias e autoridades; as imagens dos chefes, etc. Em e mediante a propaganda moderna, a informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação, contaminando-se uns aos outros numa amálgama extremamente ativa, através da qual se exerce o poder simbólico¹⁵⁷.

Certas representações da realidade oferecem formas de compreensão do mundo, fornecem identidades às quais os indivíduos possam se filiar e podem até legitimar violências.

Durante os primeiros anos da década de sessenta, o controle da maior parte da mídia pelas correntes oposicionistas ao governo do presidente João Goulart, foi um instrumento poderoso de abalo ao regime, uma vez que permitiu à direita transmitir sua própria imagem do processo de crise e produzir um clima de excitação e alarme¹⁵⁸.

Além do impasse econômico e dos fatores de ordem político-institucional, foram as representações do governo de João Goulart que forneceram espaço para uma ação da oposição que culminou no Golpe em março de 1964.

A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Para garantir a dominação simbólica, é de importância capital o controlo destes meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças. É assim que qualquer poder procura desempenhar um papel privilegiado na emissão dos discursos que veiculam os

¹⁵⁷ [cf. Ellul 1962; Domenach 1954; Schramm e Roberts 1965] BACZKO, 1985, p. 314.

¹⁵⁸ DULCI, 1986, p. 190 e 191.

imaginários sociais, do mesmo modo que tenta conservar um certo controlo sobre os seus circuitos de difusão. As modalidades de emissão e controlo eficazes alteram-se, entre outros motivos, segundo a evolução do suporte tecnológico e cultural que assegura a circulação das informações e imagens¹⁵⁹.

Muitos aspectos ajudam a esclarecer a posição da mídia frente ao governo João Goulart, entre eles o fato de a imprensa ter conhecido o apogeu do jornalismo político nos anos 1960 e a visão conservadora dos proprietários dos jornais.

A imprensa desempenhou, igualmente, papel de destaque junto à opinião pública. À medida que progredia a crise global do país e, especificamente, a deterioração do regime, os grandes jornais se colocaram vigorosamente contra Goulart e as esquerdas. Não se tratava mais apenas da opinião editorial de jornais tradicionalmente contrários ao varguismo, como o Estado de São Paulo, Diário de Notícias e Tribuna da Imprensa. Outros, cuja linha era variável, a eles se uniram. O Globo, Jornal do Brasil e a grande cadeia dos Diários Associados, influente sobretudo na esfera regional. Dos grandes periódicos, apenas Última Hora mantinha-se ao lado do governo.¹⁶⁰

O maior combustível para a crise eram as acusações da aliança de Jango com os comunistas e de uma possível revolução social encabeçada pelas esquerdas no Brasil. Em meio ao clima de radicalização nos meses anteriores ao golpe, a definição de comunismo e de quem era efetivamente comunista adquiriu contornos muito vagos. A nova classe média que havia se formado desde os anos 1950 era sensível a todo e qualquer discurso que abordasse o perigo da perda de sua situação social e econômica recém-adquirida.

Qualquer discurso pró-reformas que aparentemente colocasse em risco os benefícios dos grupos privilegiados – entre eles as empresas jornalísticas – era considerado uma subversão da ordem e demonstração de comunização. Foi essa insegurança que levou órgãos tradicionalmente liberais, como o *Jornal do Brasil*, a adotarem posições cada vez mais conservadoras e a veicularem notícias com caráter anti-esquerdista de uma forma geral.

¹⁵⁹ BACZKO, 1985, p. 313.

¹⁶⁰ DULCI, 1986, p. 190.

Como já foi dito na introdução deste trabalho, a imprensa contribuiu para o enfraquecimento do governo ao divulgar imagens e textos que ajudaram a disseminar insegurança e medo nos setores médios e altos da sociedade brasileira.

A eclosão da crise que levaria ao golpe deveu-se à percepção de que Jango impulsionaria a luta pelas reformas sociais. Dentro da perspectiva da direita, o presidente era herdeiro do legado varguista e nutria relações com grupos de esquerda, especialmente com o Partido Comunista, o que levava os conservadores a taxarem-no de demagogo, autoritário e protetor dos comunistas, aspectos largamente explorados nos grandes jornais¹⁶¹.

Já para os grupos de esquerda, João Goulart aparecia com uma imagem favorável, protetor dos anseios populares e nacionalistas. Na perspectiva dos aliados, as críticas recaíam sobre a indecisão de Jango de engajar-se totalmente nos projetos reformistas. Embora as críticas da esquerda existissem, essas foram mais leves e circularam em menor proporção do que as críticas agudas apontadas pelos setores conservadores, uma vez que o *Última Hora* era o único jornal da grande imprensa leal ao governo, como já foi destacado anteriormente.

Tanto para a esquerda, quanto para a direita, Goulart era visto como um político de posições pouco sólidas¹⁶². Deste modo, a percepção que os atores políticos formaram acerca da figura de João Goulart foi fator decisivo na formação da crise e, conseqüentemente, do golpe.

Além dos pontos já destacados, muitos outros temas também desfavoráveis ao governo de Jango foram explorados pela grande imprensa como, por exemplo, as denúncias de corrupção, associadas ao tema da infiltração comunista em setores importantes da administração pública como nos quadros de funcionários da Petrobrás, a crise econômica e o aumento da inflação, a onda grevista, as relações diplomáticas com países do eixo comunista, etc.

Assim como os jornais de maior circulação do país, outros periódicos contribuíram, em maior ou menor proporção, para a formação de um retrato

¹⁶¹ MOTTA, 2006, p. 45.

¹⁶² MOTTA, 2006, p. 45-46.

desfavorável de João Goulart e de sua equipe de governo. Foi o caso da revista *Alterosa*.

Apresentaremos aqui as concepções políticas divulgadas pela revista *Alterosa*, principalmente através de seu fotojornalismo, para compreender a posição da publicação no contexto da crise institucional do governo João Goulart. Nosso objetivo principal é discutir como as reportagens veiculadas pela revista contribuíram para criar e/ou reafirmar visões sobre o governo, sobre o presidente João Goulart e sobre o governador mineiro, Magalhães Pinto.

A hipótese que aventamos é de que *Alterosa* serviu de plataforma para a difusão das ideias de grupos que se engajaram nos debates políticos da época, especialmente aqueles ligados a José de Magalhães Pinto.

Ora, a propaganda moderna goza de possibilidade técnicas, culturais e políticas que permitem fabricar e manipular as emoções e imaginários coletivos em que assenta o carisma. Em certas condições, a propaganda consegue fazer subir as angústias e esperanças coletivas, levando-as à histeria, ao mesmo tempo que projeta constantemente, sobre o chefe, os imaginários que se confundem na representação global do salvador supremo, instrumento eleito pela Nação e a História, etc.¹⁶³

Em muitas reportagens da revista mineira, o “chefe” projetado era sempre Magalhães Pinto, considerado homem apto a governar de forma correta os rumos da Nação.

Antes de passarmos à análise das fotorreportagens, convém esclarecer que no que toca à questão do exame das variáveis que compõem o espaço fotográfico das matérias, preferimos estabelecer apenas uma projeção do padrão métrico das fotografias em relação à página da revista. Assim, a atribuição da definição de tamanho – pequeno (cerca de 1/8 da página), médio (cerca de 1/4 da página) e grande (1/2 ou página inteira) – não se pautou por uma rigorosa medição, uma vez que tivemos acesso às fontes em suportes diferentes (papel, microfilme, arquivo digital). Quanto ao formato e as cores das fotografias, a variação é praticamente nula. O padrão predominante é o

¹⁶³ BACZKO, 1985, p. 314.

quadrilátero – retangular ou quadrado – com impressão colorida para as capas e em preto e branco para o miolo da revista.

A edição de *Alterosa* de outubro de 1962¹⁶⁴ apresenta na seção de política, entre as páginas 68 e 73, uma reportagem do jornalista Oswaldo Amorim¹⁶⁵ intitulada *Um governador na intimidade (fig. 13-18)*. A matéria não possui chamada de capa e no sumário foi caracterizada com o título *Magalhães Pinto: alegrias e tristezas de um governador*.

O texto e as fotografias procuram traçar o perfil do governador como um chefe de família trabalhador e atarefado, mas que jamais deixa de cumprir suas obrigações e de desfrutar da companhia dos filhos, da neta, da mãe e da esposa.

Além disso, a reportagem descreve em detalhes a rotina de um dia comum de trabalho do político mineiro, oferecendo aos leitores os minutos exatos em que o governador acorda, almoça ou se deita.

Em entrevista, Magalhães Pinto tenta manter seu tom conciliatório quando perguntado se era “da direita ou da esquerda”, preferindo uma terceira opção. Posições e atitudes ambíguas como esta o levariam a ser afastado dos processos de decisão após o golpe de 1964 por grande parte da coalizão golpista.

¹⁶⁴ *Alterosa*, outubro de 1962. Ano XXIV Nº 358. Coleção *Alterosa* / APCBH.

¹⁶⁵ Oswaldo Guimarães Amorim nasceu em 10 de janeiro de 1931 na cidade de Patos de Minas onde iniciou a carreira de jornalista. Transferiu-se para Belo Horizonte em 1957. Durante sua carreira colaborou com os jornais *Diário de Minas*, *Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *Binômio*, entre outros, além das revistas *Alterosa* e *O Cruzeiro*. Seu último emprego foi na Radiobrás. Faleceu em 15 de agosto de 2001.

Fonte: <http://www.efecade.com.br/patosdeminas/?p=1410>. Último acesso em 16/05/2013.



Figura 13: Alterosa, outubro 1962.



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18

Ao todo são veiculadas nove imagens em formato quadrangular com tamanhos variados. A primeira foto em tamanho médio mostra o governador Magalhães Pinto com sua primeira neta, Andréa (fig. 13). Já na segunda, em tamanho grande, podemos ver o político dançando com sua esposa, dona Berenice (fig. 14). O texto de introdução da reportagem dita a leitura das imagens, que não possuem legendas próprias:

Vivendo 18 horas na intimidade dos problemas de 11 milhões de mineiros, o Governador Magalhães Pinto, que dorme 120 minutos a menos do que pede seu médico, só tem 15 minutos por dia para satisfazer sua principal alegria de avô: ter nos braços a primeira neta, Andréa, com quem conversa como se fosse, também, criança. Ainda assim, o Governador Magalhães Pinto é feliz porque, à meia noite e quinze, quando apaga a última lâmpada acesa do Palácio Mangabeiras, encerrando um dia de trabalho durante o qual toma 15

cafezinhos, sente-se feliz: um exame de consciência mostra que ele fez o máximo por Minas. Quase nunca podendo ir a festa, o Governador não deixa, nas raras ocasiões que lhe aparecem, de dançar com dona Berenice, ao som de uma música que, em qualquer ritmo, tem sempre o sabor das valsas que um bancário e uma professora do interior dançavam sonhando com um futuro feliz.¹⁶⁶

A terceira imagem em grande formato retrata Magalhães Pinto beijando a mão de sua mãe, dona Maricota, com a seguinte legenda: “Beijar a mão de d. Maricota, todas as manhãs, é uma das alegrias diárias do Governador Magalhães que, segundo a mãe, “vem sendo tão bom governante como bom filho” (fig. 15). Ao lado desta, vemos uma fotografia do político com familiares. A legenda identifica os outros personagens: “Sorriso em família: o governador ao lado de d. Maricota e das irmãs Inesita e Marianinha. O de ‘ray-ban’ é Joaquim Vieira, cunhado de Magalhães” (fig. 16).

As três imagens seguintes mostram Magalhães Pinto sendo aplaudido em um evento não identificado, o político mineiro batizando uma criança e o governador acenando para colegas (fig. 16-18). A legenda que norteia as três imagens é a seguinte: “Batizar meninos filhos de amigos, que o convidaram para compadre antes de ser governador, é outra alegria do Sr. Magalhães Pinto para quem, ser bem recebido pelo povo nas concentrações a que comparece é também muito bom”.

Por fim, o repórter Oswaldo Amorim apresenta duas imagens em pequeno formato. A penúltima foto da matéria mostra Magalhães Pinto no casamento de seu terceiro filho. A legenda desta foto é a seguinte: “Fernando é o terceiro filho que o governador Magalhães Pinto viu casar, dias atrás, com a Sta. Lúcia Masotti.”

Por último, a foto da conversa entre Magalhães Pinto e o deputado Pio Canedo (PSD) com a legenda “A oposição bebe café com o governador Magalhães Pinto: aí está, a seu lado, o deputado Pio Canedo, presidente da Assembleia Legislativa” (fig. 18).

Algumas das imagens da fotorreportagem apresentada podem caracterizar-se como aquilo que Sousa¹⁶⁷ chamou de pseudo-fotografias

¹⁶⁶ Alterosa, outubro de 1962. Ano XXIV Nº358. Coleção Alterosa/ APCBH, p. 68.

¹⁶⁷ SOUSA, 2004. P. 104

jornalísticas, ou seja, fotos fabricadas especificamente para serem objeto do discurso jornalístico, como a que Magalhães toma cafezinho com o deputado Pio Canedo, presidente da Assembleia Legislativa; ou como fotos-mediáticas, aquelas que retratam situações que ocorreriam mesmo sem a presença de fotojornalistas, como a que Magalhães está com sua neta no colo ou beijando a mão de sua mãe, ações que, segundo a revista, faziam parte da rotina do governador.

Já na reportagem fotográfica realizada pelo jornalista Pepito Carrera e veiculada por *Alterosa* em abril de 1963¹⁶⁸ a estratégia é mostrar através do texto e das oito fotografias um pouco do cotidiano do governador de Minas e sua relação com a família (fig. 19-21).

A chamada de capa é a seguinte: “As fotos que ninguém viu. MAGALHÃES e a neta de 2 anos”. No sumário da revista a matéria é colocada da seguinte forma: “A mais nova secretária sem pasta: diálogo do Governador Magalhães Pinto e sua neta, de 2 anos.” De acordo com o padrão estabelecido por *Alterosa*, as imagens tem formato quadrangular e variam do porte médio ao grande. Todas as fotos reproduzem o encontro do governador Magalhães Pinto com sua neta e o texto e as legendas floream esse momento. Destacamos um trecho a seguir:

Eis a mais nova secretária sem pasta.

Uma menina de 2 anos e cabelos louros, Andréa, cujo nome nunca aparece no noticiário político, é a figura mais forte do Governo de Minas, no momento. Além de penetrar, sem se fazer anunciar, nos dois palácios, de suspender despachos com os secretários e interromper reuniões importantes, ela consegue uma proeza: é a única pessoa que dá ordens, cumpridas com melhor sorriso, ao Governador Magalhães Pinto. Ela é uma espécie de secretária sem pasta que, pelo menos uma vez por semana, é recebida numa audiência informal pelo Governador, com quem passeia de mãos dadas e discute assuntos inadiáveis para sua curiosidade infantil. Um deles: ‘passarinho nada?’. A força de Andréa, que vê todas as suas vontades atendidas, se explica: ela é a primeira e única neta do Governador Magalhães Pinto.

Diante dela todos se curvam

Quando Andréa chega ao Palácio das Mangabeiras, quase sempre às 8 horas da manhã, mas sem marcar audiências, o

¹⁶⁸ *Alterosa*, abril de 1963. Ano XXV Nº364. Coleção *Alterosa*/ Hemeroteca- Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

Governador Magalhães Pinto que costuma receber seus auxiliares bem cedo, é obrigado a: 1-Curvar-se para cumprimentar Andréa, que é muito pequena;2- Suspender a reunião por prazo indeterminado, mas nunca, a não ser aos domingos, além de 10 minutos; 3- Passear com Andréa em volta da piscina e contar-lhe as histórias de que gosta, mesmo de dia.

Andréa conhece como ninguém o Vovô Magalhães e, quando conversa a sós com suas bonecas, fala que ele é muito alegre, gosta de rir e contar histórias. (página 33)

(...)

Como Governador, o Vovô Magalhães é quem, mesmo com um sorriso, encerra as audiências: há um momento em que qualquer um sente ter chegado o fim da conversa. Mas os papéis se invertem quando se trata de Andréa: certa de sua importância na vida do Governador, ela é quem decide quando devem terminar as histórias e o vai-e-vem em volta da piscina. Homem hábil, o Governador de Minas, sabe quando chega o instante final: é na hora em que Andréa recusa receber 'Luluzinha', sua boneca mais querida, de suas mãos, e se cala.

(...)

Para o Governador Magalhães Pinto não há nada tão bom como crianças. Além de dar conselhos – um deles é que como 'todos os casais brigam, o marido ou a mulher nunca deve ficar com raiva mais de 15 minutos' – o que mais gosta é de conversar com meninos.



EIS A MAIS NOVA SECRETÁRIA SEM PASTA

Uma menina de 2 anos e cabelos loiros, Andréa, que tanto tempo passou no meio da política, é a filha mais nova do Governador de Minas, no momento, Adão de Aguiar, que se faz anunciar, nos dias políticos, de momento desatenta com os secretários e apresentando também, momentos de interesse, uma gravata, é a única pessoa que dá atenção, compartilhando com outras crianças, no Governador Magalhães Pinto. Ela é uma espécie de secretária sem pasta que, pelo menos, não tem um por enquanto, e recebeu muita atenção especial para o Governador, com quem sempre se sente a vontade e sempre encontra momentos para seu convívio diário. Um dia, "casualmente" a filha de Andréa, que se chama, como costuma acontecer, se espelha em a e o sobrinho e filha do Governador Magalhães Pinto.

Reportagem: Fernando Pádua, Lapa

Figura 19: Alterosa, abril de 1963.



Diante Dela Todos Se Curvam

Quando Andréa, filha de 2 anos e cabelos loiros, aparece no meio da política, todos se curvam diante dela. Ela é a filha mais nova do Governador de Minas, no momento, Adão de Aguiar, que se faz anunciar, nos dias políticos, de momento desatenta com os secretários e apresentando também, momentos de interesse, uma gravata, é a única pessoa que dá atenção, compartilhando com outras crianças, no Governador Magalhães Pinto. Ela é uma espécie de secretária sem pasta que, pelo menos, não tem um por enquanto, e recebeu muita atenção especial para o Governador, com quem sempre se sente a vontade e sempre encontra momentos para seu convívio diário. Um dia, "casualmente" a filha de Andréa, que se chama, como costuma acontecer, se espelha em a e o sobrinho e filha do Governador Magalhães Pinto.

Figura 20



Figura 21

Já em dezembro de 1963, *Alterosa* anuncia: “Um governador quebra o protocolo”. A reportagem de cinco páginas é assinada pelos “enviados especiais” ao estado do Espírito Santo, Alvimar de Freitas¹⁶⁹ e Geraldo Magalhães¹⁷⁰ (fig. 22- 24).

Doze dias de descanso em Guarapari, Espírito Santo, permitiram ao Governador Magalhães Pinto, para quem as ondas eram um sonho do tempo de menino, quebrar um protocolo (quase preconceito) que vem desde a República Velha: o de que nenhum político brasileiro sério pode ser fotografado senão de paletó e gravata, ou quando muito, de camisa esporte. Aparecer assim, de calção tomando banho de mar, como Churchill, Kennedy, De Gaulle e Fidel, era, até agora, imperdoável, em particular para os mineiros: nem mesmo o ex-presidente Kubitschek, o mais extravagante de

¹⁶⁹ Segundo o jornalista Fernando Gabeira, Alvimar de Freitas foi um dos melhores fotógrafos que conheceu ainda na década de 1960 quando trabalhavam juntos no jornal *Última Hora*, em Belo Horizonte. “Alvimar acariciava sua Rolleyflex, enquadrava o tema, olhava no visor e começava a cantar. Uma centelha de emoção parecia entrar pela lente e acionar o seu canto. Alvimar experimentava foto sem flash, com luz natural. Queria mais realidade. Já havia uma grande geração de fotógrafos nos 50 no Brasil. Eram os da revista *O Cruzeiro*, como José Medeiros, alguns vindos do Ceará: Luciano Carneiro e Luis Carlos Barreto.” GABEIRA, Fernando. *Dia do Fotógrafo*. Publicado em 20/08/2011. In: <http://goo.gl/RA0K2>. Último acesso em 16/05/2013.

¹⁷⁰ O jornalista, escritor e cineasta Geraldo Lopes de Magalhães nasceu em 13 de maio de 1934 na cidade de Itaúna. Na imprensa escrita trabalhou no *Diário de Minas*, *Diário da Tarde*, *Estado de Minas*, entre outros. Segundo o jornalista Carlos Herculano Lopes, Geraldo Magalhães viveu em Roma entre os anos de 1959 e 1965, onde estudou cinema. No entanto, *Alterosa* noticiou o fato de o jornalista viver em Roma apenas em janeiro de 1964: “... Geraldo Magalhães, da equipe de *Alterosa* em Belo Horizonte, está agora em Roma, onde ficará como nosso correspondente oficial.” (*Alterosa*, 10 de jan. a 10 de fev. 1964). Geraldo Magalhães faleceu em maio de 2011, vítima de câncer na garganta. Fonte: <http://goo.gl/v1p9P>. Último acesso em 16/05/2013.

todos, concordou que os fotógrafos o vissem na praia. O Governador Magalhães Pinto que não se importou por ter seus passos vigiados a 50 metros de distância pelas tele-objetivas, acha que tudo que um político faz o povo pode saber (e ver).

As seis fotografias em tamanhos que variaram entre o grande e o médio pretendem mostrar Magalhães Pinto como um homem comum, simples e despreocupado. As legendas descrevem as férias do governador e identificam seus acompanhantes, entre eles seu braço direito, José Aparecido de Oliveira.

- Legenda 1: “De chapéu, o Governador Magalhães Pinto enfrentava o sol, sentindo-se feliz porque quando menino mineiro, sentia vontade de conhecer o mar capixaba. Ao lado, ele parece dar um conselho político, em voz baixa”.
- Legenda 2: “Como uma espécie de comandante de ataque, o Governador de Minas caminha pela areia morena de Guarapari: como meia esquerda aparece o deputado José Aparecido e na extrema esquerda o banqueiro Oswaldo Pierucetti”.
- Legenda 3: “Lado a lado, o Governador Magalhães Pinto e o Secretário de Governo, dep. José Aparecido, enfrentam as ondas: estava, porém, proibido, falar em política”.

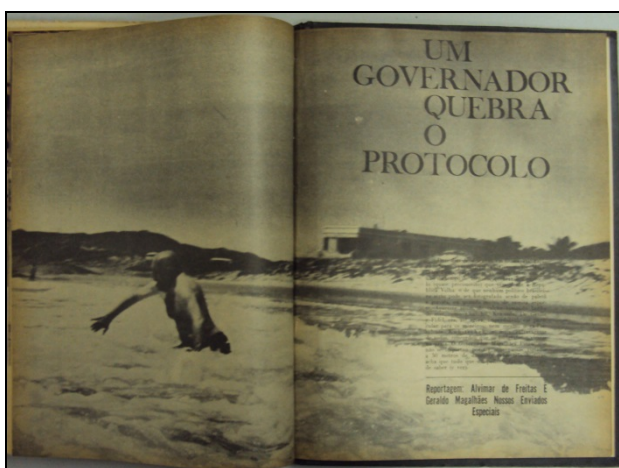


Figura 22: Alterosa, dezembro de 1963.



Figura 23



Figura 24

Já em relação a João Goulart, as reportagens da revista muitas vezes não se dirigem diretamente ao próprio presidente, mas aos seus aliados ou à sua família. Em vários momentos, notamos referências à Thereza Goulart, esposa de Jango, ou aos seus filhos João Vicente e Denise.

A primeira reportagem da nova fase de *Alterosa* relata como a primeira dama dos Estados Unidos, Jackie Kennedy, tinha presença marcante, ajudando seu país a firmar acordos internacionais e como isso era um diferencial em relação à URSS. A beleza de Jacqueline Kennedy é comparada com a de Thereza Goulart, no entanto, a primeira-dama brasileira é apresentada como “a mais triste primeira-dama”.

O texto ainda ressalta que vários governantes já notaram o poder das mulheres e não abrem mão de viajar com suas esposas para visitas oficiais a outros países e que o único presidente que insiste no contrário é João Goulart que foi sozinho aos EUA em visita oficial.

No entanto, a revista omite que Maria Thereza não viajou com o marido atendendo a uma orientação da Casa Branca. Segundo Ferreira¹⁷¹, o cerimonial da presidência norte-americana informou à primeira-dama brasileira que ela não seria recebida por Jacqueline Kennedy, que acabara de ter uma

¹⁷¹ Ferreira, 2011, p. 274.

gravidez interrompida. Do mesmo modo, Maria Thereza não poderia participar dos eventos oficiais e assim preferiu não viajar com Jango.

As quatro fotografias apresentadas na reportagem são de Jacqueline Kennedy, Grace Kelly (Mônaco), Farah Diba (Iran) e de Thereza Goulart. Todas as fotografias ocupam lugar central nas páginas onde estão inseridas, exceto a de Thereza Goulart que ocupa o canto esquerdo de uma das páginas e está em menor formato. Enquanto as três primeiras-damas internacionais estão sorridentes em suas fotografias, Thereza Goulart tem um semblante fechado e triste (fig. 25-26).



Figura 25 : Alterosa, agosto de 1962.



Figura 26

A *Alterosa* de junho de 1963 apresenta uma reportagem com vinte fotos, entre as páginas seis e quinze, sobre João Vicente, filho de Jango. Com a chamada de capa “João Vicente estreia como repórter”, a fotorreportagem é caracterizada no sumário como uma exclusividade nacional – “A estreia de João Vicente Goulart como repórter: *Alterosa* revela as primeiras fotos de Denise feitas por sua excelência, o presidentezinho.” O sumário ainda anuncia uma interpretação do comportamento das duas crianças: “Como procedem os filhos do presidente da República: o temperamento de Jô Vicente e Denise Goulart.” Os créditos da matéria são atribuídos a Dirceu Soares, Pepito Carrea e também à João Vicente Goulart.

Vejamos um trecho do texto que compõe a fotorreportagem:

O suspense durou 5 longos minutos: nos primeiros 60 segundos, João Vicente Goulart, de apenas 7 anos, fugia após

apoderar-se, à custa de uma birra, da Exakta 35 m.m com tele-objetiva. Houve gritos e um pequeno pânico: e se ele resolver jogar a máquina na piscina? Um dos guardas presidenciais da Granja do Torto se negara a perseguir o menino dizendo que tinha ordens expressas para não contrariar João Vicente.

O nervosismo aumentou. Mas enquanto Denise, a irmãzinha, sorria cheia de admiração e repetia “ele sabe, ele sabe”, uma das secretárias, que corraera até à Sra. Maria Thereza Goulart, trazia a informação oficial: João Vicente tem quatro máquinas, é um bom fotógrafo e, além do mais, já dirige automóvel, coisa mais difícil do que fotografar.

(...)

João Vicente é agressivo, gosta de mandar, não tolera ser contrariado. Denise é dócil, um pouco tímida, abaixa a cabeça para falar. Sua Excelência o presidentezinho, é a cara da Mamãe: é um menino bonitinho e, além disso, muito inteligente para os seus 7 anos. É um bom aluno no grupo, apesar de vez em quando matar aula, e com grande jeito para a matemática. Moreno claro, mede 1,10 de altura e nunca fica quieto. Denise, que gosta mais de short do que de vestido, para poder brincar livremente, é gordinha, alegre, mas muito desconfiada: tem 5 anos e puxou mais o Papai. Não discute muito com João Vicente, mas com habilidade, consegue que ele faça suas vontades. Com 90 centímetros de altura, Denise tem 25 quilos. A audiência com o presidentezinho e a irmãzinha poderia durar três horas; até as 6 e 30. Não apenas no temperamento, quanto nos rostinhos, os dois meninos presidenciais são diferentes: Denise é muito dócil. Usa os cabelos cortados à altura da orelha. Como João Vicente, prefere dizer “tu” a “você”. Sorri muito, mas de cabeça baixa e rápido. Quase não dá trabalho, obedece com facilidade. Mas aos 5 anos segue as opiniões de Sua Excelência e, se ele diz que não, Denise também diz que não.

(...)

João Vicente, depois de ameaçar chorar, já estava fotografando a irmãzinha. Mesmo fazendo amizade com os repórteres, dava-lhes ordens. Um exemplo: “troca o filme aqui para mim”. E ia ordenando aos outros: - “Sebastião, traz um copo d’água para mim”. João Vicente e Denise não sabiam, mas eram observados: será que colocaram o dedo no nariz? Nos primeiros 60 minutos, nenhum deles teve tempo de fazê-lo. Denise corria para que o repórter fotográfico João Vicente a fotografasse. De repente, disse: - “Chame meu secretário”. Parecia brincadeira. Não era: João Vicente, ao contrário de Denise, nunca suportou babás. E como gosta de imitar o Papai, cuidou de arranjar um secretário particular: Antônio, que surgia rápido ao chamado de Sua Excelência, empregado de confiança do Presidente Goulart há quatro anos¹⁷².

¹⁷² Alterosa, 10 de junho a 10 de julho de 1963. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

As treze fotografias que mostram Denise correndo pelo gramado da Granja do Torto ou brincando na casa de bonecas, que segundo a revista foi um presente do jornalista Samuel Wainer, foram clicadas por João Vicente com a máquina do repórter fotográfico Pepito Carrera (fig. 27-28). Nas outras sete imagens é possível ver João Vicente Goulart examinando detidamente a máquina fotográfica, brincando com a irmã e com os cães da família e ainda tomando o leite de sua mamadeira deitado no chão (fig. 29-31).

O texto projeta características adultas ao menino quando relata que João Vicente é cheio de “manias de gente grande”. A nosso ver, essa projeção contrasta com as fotografias que retratam um garoto curioso, que, aos sete anos, ainda toma mamadeira e é acompanhado nas brincadeiras por sua irmã, uma menina gorduchinha e risonha.

Os adjetivos atribuídos a João Vicente geralmente coincidem com aqueles que foram usados em outros momentos e meios para descrever a personalidade do presidente Jango, como aqueles que se referem à malícia e ao autoritarismo, por exemplo¹⁷³.



Figura 27: Alterosa, junho 1963.



Figura 28

¹⁷³ MOTTA, 2006, p. 43- 46.



Figura 29



Figura 30



Figura 31

Na edição de julho de 1963¹⁷⁴, a família do presidente da República está novamente nas páginas da revista, mas desta vez a protagonista da matéria é a primeira-dama Maria Thereza Goulart.

A fotorreportagem é apresentada no sumário em tom sensacionalista: “Nossa grande exclusividade – Maria Thereza Goulart conta sua vida: pela 1ª

¹⁷⁴ Alterosa, 10 de julho a 10 de agosto de 1963. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 4-11.

vez a primeira-dama faz confissões e autoriza a publicação das fotografias de seu álbum particular”.

Sob o título *Uma flor e um sorriso para o passado*, a reportagem da dupla enviada a Brasília, Dirceu Soares e Pepito Carrera, descreve uma mulher bela, tímida, fã de Frank Sinatra e dezesseis anos mais jovem que o marido. Em entrevista, a primeira-dama contou sobre o início do namoro com João Goulart, sobre sua rotina entre o Rio de Janeiro e Brasília e sobre os filhos.

É uma elegante da linha Paris e, quando não se veste com Paris, acompanha o marido, tornando-se nacionalista: o costureiro paulista Denner, é o seu preferido.

(...)

Conversa com amigas: modas, novidades da elegância. Nunca política. Não é uma mulher política¹⁷⁵.

Das dez imagens veiculadas, quatro foram reproduzidas do álbum de família da primeira-dama: Maria Thereza aos quatro anos de idade com um enorme laço de fita na cabeça; aos oito anos com um traje tipo marinheiro; durante sua primeira comunhão em São Borja e, por último, aos quinze anos (fig. 33-34). A contextualização das fotografias é feita pelas legendas localizadas ao lado das imagens. Além destas, há seis fotografias posadas da primeira-dama tiradas pelo repórter fotográfico contratado por *Alterosa* (fig. 32-35).

É interessante notar o tamanho das imagens. A primeira ocupa uma página e meia e a segunda foi reproduzida em duas páginas, tornando-se um pôster (originalmente a imagem foi reproduzida em sentido horizontal no corpo da revista, mas foi aqui invertida para facilitar a visualização do leitor). As três imagens seguintes não diferem do padrão estabelecido pelo artefato editorial. Já as últimas cinco fotos compõem um mosaico com diferentes perfis da primeira-dama.

¹⁷⁵ *Alterosa*, 10 de julho a 10 de agosto de 1963. Coleção *Alterosa*/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 11.

As fotorreportagens publicadas nas edições de junho e julho de 1963 que acabamos de analisar, atestam a popularidade da família Goulart no início da década de 1960. Embora a revista não esclareça o contexto de produção das duas reportagens, os textos sugerem que os “enviados especiais” Pepito Carrera e Dirceu Soares foram a Brasília com o objetivo único de retratar os familiares de Jango.

Já em fotorreportagem de janeiro de 1964¹⁷⁶, que também fala do filho do presidente João Goulart, não há o tom enternecedor empregado na reportagem sobre a neta de Magalhães Pinto. E, desta vez, João Vicente também não foi tratado com a mesma condescendência vista na matéria de junho de 1963, embora seja possível perceber algumas críticas nas entrelinhas daquela reportagem.

A pergunta “João Vicente é um mau menino?” já esboça o perfil da criança que seria traçado pela matéria do jornalista Dirceu Soares. Com seis páginas e oito fotografias, o texto de janeiro de 1964 acusa João Vicente de ser um menino mal criado.

João Vicente é um mau menino?

Por causa dele, a Sra. Maria Thereza Goulart sabe o quanto dói um beliscão dado de fininho; por causa dele, Denise, a irmãzinha, aparece, no Jardim de Infância, com o rosto todo unhado; por causa dele, o Papai presidente já indenizou vários fotógrafos que tiveram suas máquinas quebradas; por causa dele a Granja do Torto foi declarada território proibido para os passarinhos; por causa dele, o poeta Carlos Drummond de Andrade fez uma crônica, em defesa das pomba-rolinhas; por causa dele, as opiniões de dividem: uns consideram João Vicente Goulart, de 8 anos, um menino muito bonitinho; outros, projetando nele a raiva que sentem do Pai, acrescentam: - É bonitinho, mas ordinário.

Lição das coisas de João Vicente

(...) João Vicente, mais que os outros garotos de 8 anos, apesar de ser muito bonitinho (parece demais com a mamãe

¹⁷⁶ Alterosa, 10 de janeiro a 10 de fevereiro de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 30-35.

Maria Thereza, mas detesta que digam isso) costuma ser quase insuportável.

Incluído na lista das pessoas mais fotografadas do Brasil, Jô Vicente, considerado por 75% dos que julgam suas atitudes como um menino ‘muito chatinho’ é absolvido nesse julgamento, porém: dizem os psiquiatras que se trata, aí, de uma projeção. Os adultos estão fazendo refletir nele a antipatia que sentem pelo papai João Goulart. Mas até onde Jô Vicente é um mau menino, até onde a culpa é sua?

(...)

Como todo menino, João Vicente quer ser igual ao Papai. Por isso, ele vive uma situação que nenhum outro enfrentou: nenhum presidente da República do Brasil esteve no poder com filho pequeno.

(...)

O papai Goulart baixou um decreto dizendo aos secretários de Jô Vicente que o garoto pode fazer o que quiser. Seja feita sua vontade. (...) Sabe ser o único filho do Presidente da República, o que faz dele um menino superior. Mas a culpa é sua? A Sra. Jacqueline Kennedy sempre teve o cuidado de mostrar a Carol e John-John que eles são crianças iguais às outras em tudo¹⁷⁷.

Além de se referir a João Vicente como uma criança insuportável e afirmar que seu pai realiza todas as suas vontades, a revista sustenta a necessidade de se estabelecer limites para as crianças, uma vez que, segundo a constatação dos jornalistas, João Vicente era um menino violento graças à negligência dos pais, aliada ao mau exemplo de Jango.

Diferentemente da neta de Magalhães Pinto, o filho do presidente não teria simpatia por passarinhos. Sob a terceira fotografia (fig. 36) a legenda é enfática:

Mais forte que o Papai Presidente, João Vicente consegue que, diante dele, todos fiquem de joelho como um de seus secretários para assuntos de caçada: João Vicente é um pequeno ditador. Ninguém pode descumprir suas ordens¹⁷⁸.

Já a quarta fotografia (fig. 37) mostra o menino segurando seu cãozinho pelo pescoço e a legenda conclui que era uma tentativa de enforcamento do pobre Pluto. Três outras fotos revelam um garoto triste e solitário, indiferente às

¹⁷⁷ Alterosa, 10 de janeiro a 10 de fevereiro de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 30-35.

¹⁷⁸ Alterosa, 10 de janeiro a 10 de fevereiro de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 31.

bonecas da irmã Denise. Apenas a última fotografia mostra João Vicente sorrindo (fig. 38).

Aos 8 anos, com vontade de ser um caçador tão bom como o papai, João Vicente dificilmente erra um tiro: sente-se um homenzinho para quem matar uma rolinha é simples. Basta puxar o gatilho e não sentir a ternura que todo menino sente, na idade em que os pais devem ensinar aos filhos a amar os passarinhos sobre todas as coisas. Sozinho na casa das bonecas de Denise, sentado no chão, surge um outro João Vicente: este é bom¹⁷⁹.



Figura 36: Alterosa, janeiro de 1964.



Figura 37

¹⁷⁹ Alterosa, 10 de janeiro a 10 de fevereiro de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 33.



Figura 38

A fotoreportagem causou indignação entre alguns leitores da revista *Alterosa*, que se manifestaram através de telefonemas e cartas enviadas à redação. Trechos de algumas das correspondências remetidas ao periódico foram publicados na primeira página da edição de fevereiro daquele ano. No entanto, apesar de ter publicado a opinião de alguns leitores, a revista não se redimiou do fato.

Por causa da reportagem “João Vicente é um mau menino?”, publicada mês passado, o telefone 2-4251, da redação de *Alterosa*, tocou cento e doze vezes, o recorde de cartas, que era de vinte, passou a trinta e cinco e, pela primeira vez, houve unanimidade de opiniões: todos julgaram “muito infeliz” (“e desumana”) a frase a respeito do Menino Presidencial. A falta de espaço obriga-nos a publicar, apenas, trechos de cinco cartas que refletem, no entanto, a opinião de todos os leitores que se manifestaram:

- “Protesto: entusiasta da nova *Alterosa*, nunca imaginei que ela fosse tratar um menino, João Vicente, como se ele fosse grande” (Paulo Rodrigues, BH).

- “Incrível, fantástico, extraordinário: o mais bonito, vivo e simpático garoto brasileiro foi tratado como uma Brigitte Bardot qualquer.” (Lourdes Silva Freitas, BH).

(...)

- “Ora, ora: conhecedor da nova *Alterosa*, que admiro mais do que as outras revistas, quero crer ter faltado assunto. Só assim, os senhores, jornalistas muito sérios, poderiam atacar João Vicente”. (Nelson Alkmin de Paula, BH)¹⁸⁰.

¹⁸⁰ *Alterosa*, 10 de fevereiro a 10 de março de 1964. Coleção *Alterosa*/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 1.

Alterosa apresentava-se como a “revista da família” e como uma revista de “variedades”. Não era um periódico voltado apenas para o mundo político. Portanto, as referências à família do presidente pretendiam mobilizar a opinião de pessoas que não se interessavam pelo jogo político *strictu sensu*.

Muitas vezes os discursos e representações a respeito dos atos do presidente e de seus familiares excederam os fatos e geraram descontentamento do público da revista, como pudemos observar.

2.1 “Os partidos, os políticos e as reformas de base”.

Udenistas e pessedistas mineiros começaram o ano de 1962 com os ânimos alterados. O mau humor político se devia às disputas eleitorais pelo pleito daquele ano, agravado pelo assassinato do deputado do PSD mineiro, Nacip Raydan¹⁸¹. Pessedistas acusaram o governador Magalhães Pinto de envolvimento com a morte de Raydan e a revista *Alterosa* saiu em defesa do governador na seção *Política*.

Oposição em Minas: a dança do desespero.

Uma política de desespero, motivada pelo receio de perder, novamente, as eleições, marcadas agora para outubro, foi inaugurada pela oposição pessedista em Minas, buscando, além de atingir o Governador Magalhães Pinto, criar um clima artificial em que apareça como vítima e possa ter mais chances de recuperar os votos considerados perdidos, desde que o Palácio da Liberdade deixou de pertencer ao PSD.

(...)

O assassinato do deputado Nacip Raydan, que se sabia marcado e confessou, numa entrevista à “Última Hora” mineira ter sido colocado na lista da morte por outras razões, e não por questões políticas é a mais nova bandeira dos pessedistas. Enquanto, na Assembleia Legislativa, a bancada do PSD, cujos integrantes já estão sendo chamados de “os vinte e quatro desesperados”, faz tudo para se transformar em vítima, a cobertura nacional ao movimento é dada por um homem que, mesmo retirado do esquecimento político pelas circunstâncias, ainda guarda o amargor de uma derrota: o Premier Tancredo Neves¹⁸².

O texto da matéria de quatro páginas e duas fotos, uma do deputado Nacip Raydan (página esquerda, tamanho grande) e outra do primeiro-ministro Tancredo Neves (área central das duas últimas páginas, tamanho médio), ainda afirma que os opositores de Magalhães criavam um clima de tumulto através de palavras e não de fatos e que o crime tinha motivação familiar, o que foi comprovado posteriormente.

Em relação ao suporte das fotos, apenas a imagem do primeiro-ministro - imagem em formato retangular onde é possível ver apenas a parte superior

¹⁸¹ Para mais informações sobre o caso Nacip Raydan ver o texto “Nossa história: crime com roteiro de folhetim” publicado pelo jornal Estado de Minas em 14/04/2012. <http://goo.gl/bQbZh>. Acesso em 07/03/2013.

¹⁸² *Alterosa*, maio de 1962. Ano XXIV Nº353. Coleção *Alterosa*/ BU-FAFICH, p. 93.

de sua cabeça, com destaque para os olhos - apresenta legenda: *Premier vê política com os olhos no passado*¹⁸³.

Em junho de 1962¹⁸⁴, a seção *Política* ocupa o topo do sumário. A reportagem desta edição aborda a reunião de governadores que aconteceria em Araxá para os membros do Poder Executivo discutirem o fim do parlamentarismo e as reformas de base. Magalhães Pinto, assim como se verá em outras reportagens de *Alterosa*, é colocado como protagonista dos eventos que ocorreriam em Minas, como homem conciliador que consegue dialogar com diferentes partidos políticos e que tem o apoio do presidente João Goulart. Note-se bem que a reportagem foi publicada antes do evento ocorrer, antecipando ao público as posições do governador.

Recebendo um número de jornalistas brasileiros maior do que o que está no Chile, seguindo os passos do escrete nacional, o Grande Hotel do Barreiro, em Araxá, será transformado, durante 72 horas, a partir do dia 8, no cenário histórico onde, pela primeira vez, os 21 Governadores de todo o País estarão reunidos para dizer que o Brasil não pode esperar mais pelas reformas de base.

O pai do encontro, que recebeu o apoio do presidente João Goulart, é o Governador Magalhães Pinto, de Minas, a quem caberá propor duas reformas, só conseguidas até agora, pelas armas: a agrária e a urbana. A principal consequência do encontro, do qual resultará a 'Declaração de Araxá', será a queda do Gabinete Tancredo Neves.¹⁸⁵

Além de apresentar o governador Magalhães Pinto como o "pai do encontro", a revista procede com duas análises acerca da pauta da reunião: uma interpretação política e outra ideológica, nos termos do próprio periódico.

A "interpretação política" trata da fraqueza do Conselho de Ministros liderado por Tancredo Neves e diz que o encontro em Araxá se tornaria a "pedra fundamental de um movimento nacional pela volta ao presidencialismo". Além disso, o texto afirma que a reunião pediria mudanças no plano militar e

¹⁸³ Esta reportagem não será aqui reproduzida em imagens uma vez que o exemplar consultado encontra-se microfilmado e a reprodução do mesmo é de baixa qualidade. Consideramos que, neste caso, a ausência das imagens não compromete o entendimento da narrativa aqui estabelecida.

¹⁸⁴ *Alterosa*, junho de 1962. Ano XXIV Nº354. Acervo da autora.

¹⁸⁵ *Alterosa*, junho de 1962. Ano XXIV Nº 354. Acervo da autora, p. 87

seria o detonador para as reformas; em primeiro lugar uma reforma política com o fim do parlamentarismo, e depois as reformas de base.

Agora, já se sabe claramente que Goulart, ao aceitar o parlamentarismo, fez apenas um jogo tático: jogava água na fervura da crise de agosto, para depois tentar a volta ao presidencialismo. O Encontro de Araxá, sugerido pelo Governador Magalhães Pinto, acabou se transformando num ponto comum entre o Presidente e os Governadores.

Vão a Araxá dois grupos de Governadores: os udenistas e os petebistas. Os primeiros, como Brizola, pensam o mesmo, mas a volta ao presidencialismo, dando força total ao PTB, é o grande sonho dos petebistas. Assim, dois inimigos políticos, Lacerda e Brizola, mesmo que não se sentem na mesma mesa, estarão defendendo posições quase semelhantes, sobretudo agora quando o Governador da Guanabara faz questão de se dizer também reformista¹⁸⁶.

A “interpretação ideológica” da revista considera o encontro dos governadores como a “mais séria tomada de posição nacional a favor das reformas de base”.

... até agora a luta pelas reformas de base se restringia à ação isolada, seja a de grupos ou mesmo de alguns governadores. Desta vez, mesmo com pequenas divergências, 21 Governadores estão unidos em reclamar transformações sociais¹⁸⁷.

Outro ponto a ser destacado da matéria é a afirmação de que as propostas e os discursos de Magalhães Pinto e João Goulart estavam afinados.

O apoio dado pelo Presidente da República ao Encontro de Araxá resultou de sua identidade de pontos de vista com o Governador Magalhães Pinto.

(...)

No dia 1º de maio, discursando em Volta Redonda, o Sr. João Goulart disse, quase com as mesmas palavras, o que o Governador Magalhães Pinto vinha defendendo. Algumas semanas depois, os dois se encontraram no Rio. Num diálogo franco e cordial, em que fizeram a análise da situação nacional, os dois chegaram a uma conclusão: enxergaram a mesma solução para os problemas nacionais¹⁸⁸.

¹⁸⁶ Alterosa, junho 1962. Ano XXIV Nº 354 Página 88. Acervo da autora.

¹⁸⁷ Alterosa, junho de 1962. Ano XXIV Nº 354. Acervo da autora, p. 89.

¹⁸⁸ Alterosa, junho de 1962. Ano XXIV Nº 354. Acervo da autora, p. 90.

Além de traçar a agenda do evento, a reportagem de oito páginas termina com a afirmação de que Magalhães Pinto pediria as reformas agrária e urbana durante a convenção. O texto e as fotografias não possuem créditos. Ao todo são veiculadas dez imagens: a primeira do governador Magalhães Pinto em tamanho pequeno na parte superior da primeira página da reportagem e ao centro o Grande Hotel de Araxá em tamanho grande (fig. 49); a seguir, uma imagem do presidente João Goulart na lateral da página esquerda e uma do primeiro-ministro Tancredo Neves na lateral da página direita, ambas em tamanho pequeno (fig. 40). Além destas, há imagens dos governadores Carlos Lacerda (Guanabara), Leonel Brizola (Rio Grande do Sul), Aloisio Alves (Rio Grande do Norte), Carvalho Pinto (São Paulo), Cid Sampaio (Pernambuco) e Juracy Magalhães (Bahia) (fig.41-42). Todas elas seguem um mesmo padrão: publicadas em preto e branco, exibem apenas o rosto e parte do tronco dos políticos. Com exceção da foto de Carlos Lacerda que está em tamanho grande e a de Aloisio Alves, em tamanho pequeno, todas as outras tem porte médio.



Figura 39 – Alterosa, junho 1962.

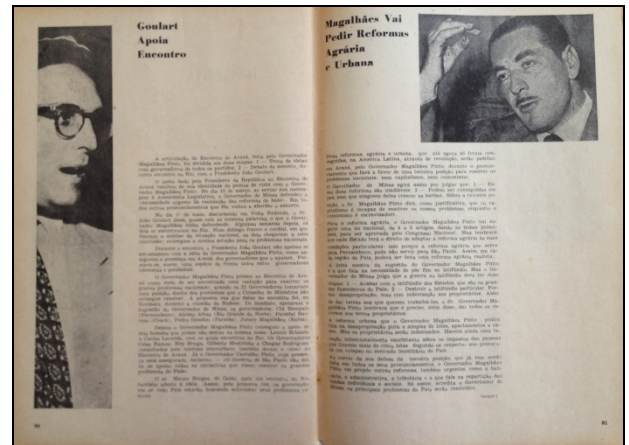


Figura 41



Figura 40

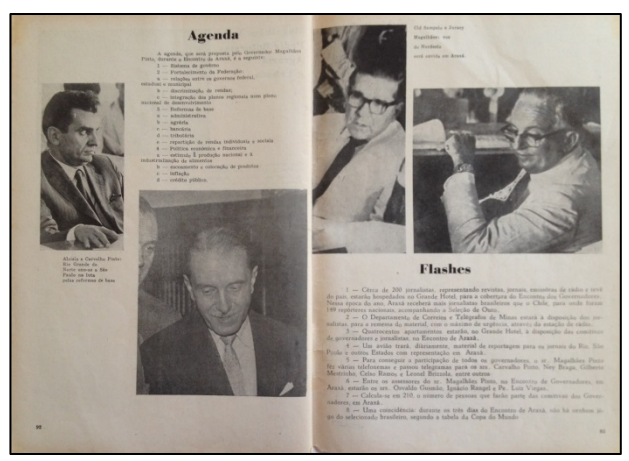


Figura 42

Já em setembro de 1962¹⁸⁹, a edição mensal de *Alterosa* anuncia em seu sumário: “*Política – Interpretação das Eleições de 7 de outubro*”. A matéria publicada entre as páginas 18 e 22 também aborda as eleições diretas legislativas que ocorreriam em outubro de 1962. Com o título “Sua eleição vale um milhão” o texto do repórter José Salomão¹⁹⁰ tem início com constatações acerca dos valores gastos nas campanhas dos candidatos e das probabilidades de vitória dos setores de esquerda.

Um fato novo vai marcar as eleições de 7 de outubro: a luta do dinheiro contra a ideologia. Batendo todos os recordes de gastos em campanha, uma eleição para governador custará, em média, Cr\$1 bilhão. Em Minas, 820 candidatos à Assembleia Legislativa e à Câmara Federal vão movimentar mais de 5 bilhões, que dariam para construir uma cidade de 10 mil habitantes, com luz, água, telefone, ruas asfaltadas e prédios modernos. Do ponto de vista ideológico uma constatação nova: as esquerdas poderão assumir o poder em cinco estados. Do lado, político, suspense: o presidente João Goulart joga o destino de seu governo nas eleições para a renovação do Congresso, de quem dependerá as reformas de base que exige, enquanto o ex-presidente Jânio Quadros, joga nas eleições de São Paulo o seu futuro político.

O subtítulo da reportagem “Centro, esquerda e direita, tem choque marcado”, prevê a tensão política no contexto do pleito. O texto trata do desgaste político de Jânio Quadros, afirma que as crises políticas confirmam as necessidades das reformas pregadas pelo ex-presidente, além de constatar que Ademar de Barros faz campanha na base do anticomunismo e que Miguel Arrais é um esquerdista “cem por cento”.

Dentre os 130 candidatos que disputam as vagas à Câmara Federal pelo menos cinco, que têm como bandeira de luta as

¹⁸⁹ Esta reportagem não será aqui reproduzida em imagens uma vez que o exemplar consultado encontra-se microfilmado e a reprodução do mesmo é de baixa qualidade. Consideramos que, neste caso, a ausência das imagens não compromete o entendimento da narrativa aqui estabelecida.

¹⁹⁰ José Salomão David Amorim nasceu na cidade mineira de Cláudio em 18/11/1936. Graduou-se em Direito pela UFMG em 1962. Trabalhou nos seguintes jornais mineiros: Diário de Tarde, Última Hora, Correio de Minas, Diário de Minas, além da revista *Alterosa*. Trabalhou também do Jornal da Tarde em São Paulo e foi editor da revista *Veja*. É professor titular aposentado pela Universidade de Brasília.

reformas, possuem chances de se elegerem. São o ex-ministro San Tiago Dantas, o homem forte do PTB em Minas, o Padre Francisco Lage, ligado aos movimentos de esquerda católicos, o ex-udenista Fabrício Soares, que possui núcleos fortes no interior e entre o operariado de Belo Horizonte, e o nacionalista Bento Gonçalves, presidente do PSP mineiro.

Além deles, há o Sr. José Aparecido de Oliveira, ligado ao janismo e ao Governador Magalhães Pinto que tem o apoio de políticos de todo o Estado e sua candidatura cresce, na medida em que representa uma identificação com as teses de esquerda, pregadas por esses dois políticos. O Sr. José Aparecido de Oliveira deverá ser um dos deputados mais votados, em Minas.

No plano estadual, as eleições de 7 de outubro vão trazer outra novidade: o prestígio do Governador Magalhães Pinto, aumentado por sua posição de vanguarda na crise de agosto pela delegação de poderes e por conseguinte, das reformas, fortaleceu sua posição na política mineira. Com isto, deverá eleger o número necessário de deputados, para ter maioria na Assembleia Legislativa.

Na eleição para o Senado, o Senador Camilo Nogueira da Gama, petebista, e o Sr. Oswaldo Pierucetti, udenista, disputam os votos das áreas politizadas do operariado e da pequena classe média das cidades, enquanto o Sr. Benedito Valadares tenta a reeleição, apoiado no prestígio político do Senador Juscelino Kubitschek, já sem forças para garantir a sobrevivência na área superada da política de “pé de ouvido”. Sem chances, aparece, por último, o fazendeiro Josaphat Macedo, ligado às classes produtoras, candidato do PSP, e o perrista Tristão da Cunha, que adota os métodos do Sr. Benedito Valadares, sem as vantagens dele: pertence a um partido sem força eleitoral.

A primeira página da matéria apresenta uma foto de Goulart (tamanho grande), sorrindo de pé ao lado de uma cerca, com a seguinte legenda: “Para Goulart o 7 de outubro pode ter sabor de desforra contra o Congresso”. Na página ao lado, uma foto pouco nítida de Jânio Quadros discursando (esta, em tamanho médio, não apresenta legenda). A terceira página traz uma fotografia do então candidato Ademar de Barros (tamanho médio) com a legenda: “O Sr. Ademar de Barros, apesar de lutar de igual para igual com o Sr. José Bonifácio, desta vez também não vai; tem o Sr. Jânio Quadros em seu caminho, como de outras vezes”.

Nas últimas duas páginas são publicadas as seguintes imagens: um pequeno retrato de Carvalho Pinto com a legenda: “O governador Carvalho Pinto pode morrer politicamente a 7 de outubro se seu candidato Sr. José Bonifácio perder”; uma imagem de média proporção de José Aparecido de

Oliveira, onde se lê: “ A disposição de votar as reformas de base poderá fazer do jornalista José Aparecido um dos três mais votados deputados federais por Minas”. Por último, uma imagem de faixas (tamanho médio) com nomes de políticos dependuradas em árvores e um retrato de perfil de Benedito Valadares (tamanho pequeno) seguido pelos dizeres: “O Senador Benedito Valadares tenta o bis, acreditando muito que seu atual colega Juscelino Kubistchek o ajude. Sua reeleição não é tranquila”.

Para fechar o ano de 1962, a reportagem publicada por Alterosa entre as páginas 14 e 19 na edição de dezembro é intitulada *Plebiscito: sua opção vale 1 bilhão*¹⁹¹ e faz referência ao plebiscito que seria realizado em 06 de janeiro de 1963 e a partir do qual os brasileiros decidiriam pela manutenção do parlamentarismo ou pelo retorno ao presidencialismo. A matéria é assinada pelos repórteres José Salomão, Pepito Carrera e Oswaldo Amorim.

O texto critica o valor gasto com a campanha pelo plebiscito, cuja soma apresentada pelo periódico é de Cr\$1 bilhão, assinala como João Goulart mudou o tom de seu discurso para angariar votos de setores da direita, aponta Magalhães Pinto como uma liderança natural e critica Juscelino Kubistchek, mineiro e membro do PSD, que almejava voltar a ocupar a cadeira da presidência.

Logo em seu início, a matéria destaca a movimentação de diversos atores em decorrência da campanha pela volta do presidencialismo.

(...) No Rio, o banqueiro, José Luiz Magalhães Lins¹⁹² da mesa de seu escritório, mantém contato diário, por telefone, com Brasília e com escritórios e agências de publicidade. Enquanto isso ocorre, na área político-militar, a rotina é quebrada por duas atitudes ousadas: cinco governadores udenistas e um presidente, sob a liderança do Governador Magalhães Pinto, encontram-se na Granja do Torto, em Brasília, para um almoço com o Sr. João Goulart. (...) ¹⁹³.

¹⁹¹ Alterosa, nº 360, ano XXIV, dezembro de 1962. Coleção Alterosa/ APCBH.

¹⁹² José Luiz de Magalhães Lins nasceu em 12 de abril de 1929 na cidade de Arcos, Minas Gerais. Iniciou suas atividades no Banco Nacional de Minas Gerais S.A. como praticante de escriturário. Em 1959 foi eleito vice-presidente do mesmo banco, cargo que ocupou até 1972. Foi o responsável por arrematar profissionais em publicidade para trabalharem na campanha empreendida por Goulart pelo retorno ao sistema presidencialista (FERREIRA, 2011: 322).

¹⁹³ Alterosa, nº 360, ano XXIV, dezembro de 1962. Coleção Alterosa/ APCBH, p.16.

“Um novo Jango”. É assim que a revista caracteriza o presidente. Assim como outros líderes políticos, Magalhães Pinto apoiara o movimento em prol do presidencialismo tendo em vista seu interesse de disputar as eleições previstas para o ano de 1965.

Pregando as reformas de base, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e no Nordeste, o Sr. Magalhães Pinto faz os eleitores trocarem a imagem da UDN intransigente de Lacerda pelo retrato de uma UDN que fala a linguagem do povo. E permitiu a projeção de seu nome nos grandes centros, criando condições para disputar até com vantagem, pela bandeira que carrega das reformas de base, os votos antes considerados certos do Sr. Juscelino Kubistchek.

194

Entre as três fotografias da reportagem – a primeira em tamanho grande que mostra dois senhores assistindo a um pronunciamento de João Goulart pela televisão (fig.43) e a segunda em tamanho médio que mostra Magalhães Pinto conversando com Miguel Arrais (fig. 44) - a que mais chama a atenção é a terceira imagem em tamanho grande que está localizada ao lado do texto que destacamos. Nela vemos JK, sorridente como de costume, usando um chapéu desengonçado em sua cabeça (fig. 45).

A posição do chapéu torna a imagem um pouco cômica e as expressões das pessoas ao fundo da fotografia parecem esboçar certo ar de chacota em relação à figura do ex-presidente. A fotografia foi usada propositalmente pela revista para criticar a figura de Juscelino. A leitura se completa com a legenda alocada na parte superior da página: “A campanha do plebiscito obrigará Kubistchek a mostrar se suas ideias estão fora de moda, assim como o chapéu.”¹⁹⁵

¹⁹⁴ Alterosa, nº 360, ano XXIV, dezembro de 1962. Coleção Alterosa/ APCBH, p. 19.

¹⁹⁵ Alterosa, nº 360, ano XXIV, dezembro de 1962. Coleção Alterosa/ APCBH, p. 19.



Figura 43 – Alterosa, dezembro de 1962.



Figura 44



Figura 45

2.2 - Goulart vence o 1º round: - E agora João?¹⁹⁶

A decisão popular em prol do presidencialismo, através do referendo realizado no início do ano de 1963, levou novo ânimo à João Goulart e seus aliados. No entanto, a tentativa de “implementar uma política de diálogo e de entendimento com os partidos políticos”¹⁹⁷ não duraria muito tempo.

Já em janeiro de 1963 *Alterosa* expressa suas dúvidas em relação à nova situação do regime político e à capacidade do governo de Goulart de conduzir o país. O sumário anuncia os dois temas abordados pela seção *Política: Goulart já é presidente de verdade: e agora João?/O que são as reformas de base que podem tirar o sono de Jango?*

A reportagem de José Salomão e José Maria Mayrink¹⁹⁸ entre as páginas 64 e 69 apresenta cinco imagens, todas em preto e branco e em formato quadrangular. A primeira em tamanho grande mostra apenas o rosto de Goulart com um sorriso (fig. 46); a segunda em média proporção e sentido vertical exhibe Jango caminhando com as mãos juntas ao corpo e uma expressão pensativa; duas fotos em pequeno formato mostram Jango no que parece ser um discurso e o presidente da República com John Kennedy (fig.47); já a última mostra um João Goulart sorridente em primeiro plano com uma chave nas mãos e seguido por um senhor (fig.48). Apenas a última foto apresenta uma legenda como suporte: *Goulart, se quiser rir por último, não poderá dar as costas às reformas de base: executá-las é a única maneira de governar o país.*

Embora as demais fotos não apresentem legenda, a leitura das imagens se complementa pela leitura dos textos escritos por Salomão e Mayrink.

Goulart viverá drama como Vargas e Jânio
Quando João Vicente, de 5 anos, souber através da
professora no ‘jardim de infância’, que seu pai é Presidente da
República de verdade, o Sr. João Goulart estará vivendo, atrás

¹⁹⁶ Chamada de capa da revista *Alterosa* em janeiro de 1963.

¹⁹⁷ FERREIRA, 2011, p. 323

¹⁹⁸ José Maria Mayrink nasceu em Jequeri (MG) em 26/07/1938. Colaborou com o *Correio de Minas*, *Diário de Minas*, *Correio da Manhã* (RJ), *O Globo*, *Revista Veja-SP* entre outros periódicos. Formou-se em Jornalismo em 1971 pela faculdade Cásper Líbero (SP). Trabalha atualmente no Estadão. Fonte: CARVALHO; BARBOSA, 1994: 155. Portal dos Jornalistas. <http://goo.gl/mPCBNWS>. Último acesso em 30/08/2013.

de seu sorriso tranquilo, as primeiras horas de um drama que vai durar três anos. Desde o dia 06 de janeiro, por causa desse drama, sua vida modificou: já não tem tempo de passear com Dona Maria Thereza; as bombachas gaúchas que gostava de vestir para caçar em sua fazenda de Goiás estão guardadas. E suas atenções reduziram-se a uma só, que lhe solicita 24 horas por dia: a de assinar papéis e dar ordens.

Durante um ano foi uma cópia sem coroa da Rainha Elizabeth: sua função era sorrir, porque, como Presidente, tinha as mãos amarradas pelo regime parlamentarista.

Com a volta ao presidencialismo, ao seu sorriso se mistura um gosto amargo: o peso da responsabilidade.

(...) Tornou-se um homem só para enfrentar um exército de problemas.

(...) Para se sair bem na presidência terá de fazer um governo que, ao lado de homens de sua confiança, reflita tendências de centro, direita e esquerda. Se antes tinha as mãos amarradas pelo regime parlamentarista agora depende de composições políticas para governar: no regime presidencialista, o Presidente que não tiver maioria no Congresso nada consegue e é sempre o culpado pela sorte do governo. Não pode prescindir do apoio pelo menos do PSD que é a maior bancada do Congresso.

Mas, aliando-se ao PSD, além do risco de formar um Ministério de inimigos que, no momento das definições, fique contra ele como o de Jânio, a partir do dia 15 de janeiro terá de enfrentar outro obstáculo: a eleição do Presidente da Câmara que, na falta do vice-presidente será o substituto do Presidente da República.

(...) O Governador Magalhães Pinto não vê com bons olhos o namoro de Jango com o PSD e com o Sr. Tancredo Neves, a quem pesa a acusação de ter trabalhado contra Minas como Primeiro Ministro. Precisando de crescer politicamente, Jango não pode contar com isto pelo menos a curto prazo: se jogar com Jânio estará alimentando um concorrente; se preferir Ademar, o desgaste seria ainda maior, porque Ademar só joga na direita como Mané Garrincha e Carlos Lacerda.

(...)

Depois de tudo, um problema explosivo agitará os meios políticos, quando o novo Congresso tomar posse: a reforma da Constituição prevista pelo Ato Adicional, para atenuar os poderes presidenciais e abrir caminho às reformas de base. Jango não pretende abrir mão dos poderes que lhe dão o direito de nomear e demitir ministros, de controlar a política externa e a vida financeira do país, que PSD e UDN reivindicam para o Congresso, a fim de enfraquecê-lo politicamente: PSD e UDN vão fazer frente única nessa questão.¹⁹⁹

¹⁹⁹ Alterosa, janeiro de 1963. Ano XXV Nº361. Coleção Alterosa/ APCBH, p. 67.

As comparações feitas pela imprensa entre Jango e a rainha Elizabeth da Inglaterra foram comuns durante o “interregno parlamentarista”²⁰⁰ e se referem à ausência de poder efetivo do presidente da República sob um parlamento. Além de tratar da volta ao presidencialismo, da composição do novo governo e elogiar a política externa independente mantida em 1962, o texto aborda ainda a relação entre Brasil e EUA e o Plano Trienal do ministro Celso Furtado.

A matéria segue com o subtítulo: *Que sabe você sobre as reformas de base?*

As reformas de base, que surgiram pela primeira vez em praça pública através do ex-Presidente Jânio Quadros se tornaram, nos últimos anos, o ponto central dos acontecimentos mais importantes da política brasileira. Responsáveis pela queda de Jânio, pelas três crises do parlamentarismo, foram as principais teses políticas que comandaram as eleições, a propaganda sobre o plebiscito e serão o assunto mais importante que agitará o novo Congresso. Afinal, o que significam e porque são tão reclamadas as reformas de base?

(...)

Envolvendo modificações profundas nas instituições, as classes que disputam o poder não conseguem vencer o impasse que surge quando se reúnem para discuti-las.

Os grandes fazendeiros, que ainda dominam o Congresso, não as aceitam em termos radicais, enquanto a burguesia industrial, representada no poder por Jango, embora também defenda esse princípio, eventualmente, assume posições contraditórias. É o caso da reforma agrária: à burguesia industrial interessa a reforma agrária porque precisa ampliar o mercado do consumo para a sua produção, o que conseguirá aumentando o poder aquisitivo do homem do campo. Por isto, para forçar os grandes proprietários a cederem, se alia aos setores de esquerda. O mesmo acontece com respeito às posições nacionalistas, por eles defendidas, juntamente com os esquerditas, para neutralizarem a concorrência dos capitais estrangeiros, no Brasil. Tais interesses é que explicam, por exemplo, o apoio do industrial José Ermírio de Moraes à candidatura Arrais, em Pernambuco, aparentemente um absurdo, mas que tem sentido dentro dessa análise.

A terceira força, representada no Congresso pelo Grupo Compacto de Almino Afonso e Sérgio Magalhães, no PTB, e de fora, pelo deputado Francisco Julião, das Ligas Camponesas, e os comunistas, as reformas tem de ser uma revolução, palavra que – admitem – pode faltar, algumas vezes, o conteúdo explosivo que carrega, mas é sempre uma transformação social profunda. Para os socialistas só o povo pode fazer as reformas ideais.

²⁰⁰ Motta, 2006, p. 47

As elites dirigentes pelo simples fato de que ninguém faz nada para se prejudicar, não podem fazê-las. Portanto, para eles, a burguesia industrial quando se coloca contra a burguesia rural, está apenas adotando uma posição tática, prevendo vantagens futuras.

(...)

De todas, a mais urgente é a agrária, por causa da crise de gêneros que se repete anualmente e pela inquietação camponesa, que começa a ameaçar a tranquilidade social.

(...)

Com uma população rural de 38 milhões de habitantes, só existem no país 2.065 mil propriedades agrícolas. E mais ainda: desses 2 milhões e 65 mil proprietários, 70 mil dominam mais de 62% da área total ocupada pelo país. Daí resulta que a reforma deve ser feita, mas sem confundir a mudança no regime da propriedade rural, com mera lei agrária: a reforma aparece sob a forma de lei, mas nem toda lei é reforma agrária. Nenhuma medida será a reforma agrária de que o Brasil necessita se não houver uma radical transformação nas formas atuais de exploração das propriedades rurais²⁰¹.

O texto ainda aborda a reforma universitária, a reforma urbana, a tributária, a bancária e termina com a seguinte constatação:

A convicção geral é de que o novo Congresso, fará as reformas de uma forma ou de outra. Até agora, eles não saíram porque não havia condições materiais – econômicas, sociais e políticas – para sua eclosão.

Em segundo lugar, o povo ainda não havia adquirido consciência de sua maioria e não se havia organizado. Finalmente, porque não se sabia que, sem elas, qualquer desenvolvimento é falso, pois partirá de uma perspectiva de minorias e privilégios. Mas, os políticos já tomaram consciência de que as crises políticas dos dois últimos anos não se originaram de simples atos de vontade dos governantes, mas têm suas raízes profundas na crise institucional²⁰².

²⁰¹ Alterosa, janeiro de 1963. Ano XXV Nº361. Coleção Alterosa/ APCBH, p. 69.

²⁰² Alterosa, janeiro de 1963. Ano XXV Nº361. Coleção Alterosa/ APCBH, p.69.



Figura 46 – Alterosa, janeiro de 1963.



Figura 47



Figura 48

Também do ano de 1963, uma reportagem publicada em outubro²⁰³ daquele ano e atribuída à Evandro Carlos de Andrade e Ivã Moreira traça um perfil dos principais políticos da época. A matéria que possui seis fotografias, começa com as seguintes questões:

Por que:

- Quando conversa, o Presidente João Goulart não encara pela frente e prefere ficar olhando para o chão?
- O Governador Carlos Lacerda está sempre entrando em férias?
- O Senador Juscelino Kubitschek foi aos Estados Unidos só para fazer uma operação plástica?
- O ex-presidente Jânio Quadros é um apaixonado pela Inglaterra?
- O Deputado Leonel Brizola critica tanto o seu cunhado, o Presidente da República?
- O Governador Ademar de Barros fez as pazes com o Sr. Carlos Lacerda, seu inimigo mortal?
- O Governador Magalhães Pinto sempre pensa três vezes antes de agir?

É interessante notar que a única pergunta que tem caráter positivo é aquela que se refere a Magalhães Pinto. Vejamos as repostas formuladas para tais perguntas.

Jango, Magalhães, Juscelino.

Sua Excelência nunca encara as pessoas. Mas esse jeito, definido pelo deputado Último de Carvalho como o de um comprador de bois, tanto pode revelar uma personalidade como um ligeiro estrabismo que Sua Excelência procura ocultar. Se existisse um dicionário que definisse um certo cidadão chamado João Belchior Marques Goulart, deveria fazê-lo assim: tímido, esperto; o mesmo que manhoso. Durante uma conversa, jamais discorda: não gosta de dizer “não” e se tem que fazê-lo, negaceia, dá apenas a entender. Além de não discordar, sabe falar aquilo que o interlocutor mais gostaria de ouvir. É homem de atitudes medidas: na conversa baixa, bem perto do ouvido, é um discípulo do Mestre Benedito Valadares. Quando conveniente, é um velho caudilho gaúcho misturado com o povo – a quem teme contrariar. É capaz, por isso, de

²⁰³ Data atribuída pela autora, pois o exemplar consultado não possui capa. Alterosa, outubro de 1963. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

abandonar o discurso escrito pelo prof. Darci Ribeiro e falar mais que pensava. Mas sua imagem idealizada é a de Getúlio Vargas: gostaria de ser como o ex-Presidente. Herdou de Getúlio o PTB e o costume de deixar tudo esfriar, homens e crises, antes de manuseá-los. Só não herdou a capacidade de comando. Mesmo sendo um gaúcho, vê as rédeas lhe fugirem das mãos. Dá o nome de humilde à sua infinita capacidade de aceitar. Até agora, não quis brigar, buscando agradar a esquerda, cortejar o centro e, às vezes, flertar com a direita. É assim desde que aceitou o memorial dos coronéis que o arrancaram o Ministério do Trabalho; quando chegou para ser o Presidente do Parlamentarismo tinha tudo para brigar (e vencer). Não quis. Arranjou de mansinho a volta ao Presidencialismo. Quando a cabeça esquenta, Sua Excelência, que é um orgulhoso pai, um João-teimoso a quem Brizola empurra de um lado, Peri do outro, a quem Lacerda cotuca na direita e Arrais na esquerda, toma um banho frio, de chuveiro, e vai dormir...

O Senador Juscelino Kubitschek tem o seu comportamento condicionado pela infância, a infância dura de menino pobre que lhe ensinou uma lição definitiva, da luta pela sobrevivência. De radiotelegrafista a Presidente da República, ele foi conhecendo o outro lado da vida, o lado ameno da riqueza e do poder. Mas a lembrança da miséria ficou cristalizada no inconsciente – e para fugir a ela e talvez ao pânico da possibilidade de conhecê-la de novo, ele sorri otimista enquanto o circo pega fogo.

É um administrador romano, de Roma antiga: simpático, tão simpático que, como dizia o sr. Jânio Quadros, dá vontade de se sentar no colo. Mas Juscelino tem outro fantasma pela frente: a velhice. Foi para adiar a sua chegada que ele se submeteu a uma operação plástica de rosto, nos Estados Unidos.

O Governador Magalhães Pinto é um analista: vê os fatos com a serenidade e a frieza de um pesquisador que olha por um microscópio. Da análise dos acontecimentos ele extrai, então, a interpretação impessoal e prudente que lhe fornece o quadro da situação, com seus desdobramentos no tempo e no espaço. Sempre objetivo, não gosta de dormir com um problema: acha melhor resolvê-lo sem protelações. Seu grande talento é a facilidade de aplainar as divergências, localizar o denominador comum que aproximará duas tendências em choque. Mas por trás do político sereno e frio se esconde o temperamento comunicativo e sentimental do avô que esquece, ao lado da netinha, a aridez da administração, o homem simples que gosta de contar casos de assombração e se confessa supersticioso. Inclusive em política²⁰⁴.

Jango, JK e Magalhães Pinto são os três primeiros personagens citados no texto. A timidez foi um traço da personalidade do presidente bastante

²⁰⁴ Alterosa, outubro de 1963. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 6 e 7.

acentuado pela imprensa ao longo de seu mandato²⁰⁵. Além dessa característica de Goulart, *Alterosa* se referiu ao presidente como oportunista, que calcula seus passos para contentar diferentes tipos de interlocutores e se manter no poder. Os adjetivos foram conjugados com a fotografia, publicada em página inteira, em que o presidente está de bombachas, traje típico do Rio Grande do Sul, olhando para o chão (fig. 49).

Já Juscelino Kubitschek é ridicularizado e apontado como um político decadente, assim como em outras reportagens já apresentadas, fato atestado pela revista quando esta se refere à necessidade do ex-presidente de se submeter a uma cirurgia plástica. A posição em que a fotografia de JK foi tirada, ou seja, de baixo para cima, deixa uma sensação de que o político está em um plano acima do fotógrafo e também do leitor, o que poderia evocar uma falta de humildade do ex-presidente da República (fig.50).

O único personagem que tem características positivas destacadas é Magalhães Pinto, prudente e simples, como um bom político mineiro deveria ser, ao contrário de JK, que embora tenha tido uma infância pobre como Magalhães, teria mais afeição à riqueza. A fotografia de Magalhães retrata a sobriedade do governador de Minas demonstrada durante uma reunião de trabalho (fig. 50).

Além dos três políticos já citados, o texto classifica Miguel Arrais como “homem de esquerda com fama de bom administrador e espécie de político mineiro nascido no Nordeste”; Leonel Brizola como um tipo de político que se considera “messiânico”, salvador da Nação; Ademar de Barros como homem obsessivo que usa todas as artimanhas para chegar ao poder, inclusive uma aliança com Carlos Lacerda; e, por último, Jânio Quadros retratado como idealista e perfeccionista. As fotografias de Brizola e Arrais são as únicas que aparecem em formato pequeno, em contraposição à de Ademar de Barros que também tem uma maior dimensão (fig. 51).

²⁰⁵ MOTTA, 2006, p. 70.



Figura 49 – Alterosa, outubro de 1963.



Figura 50

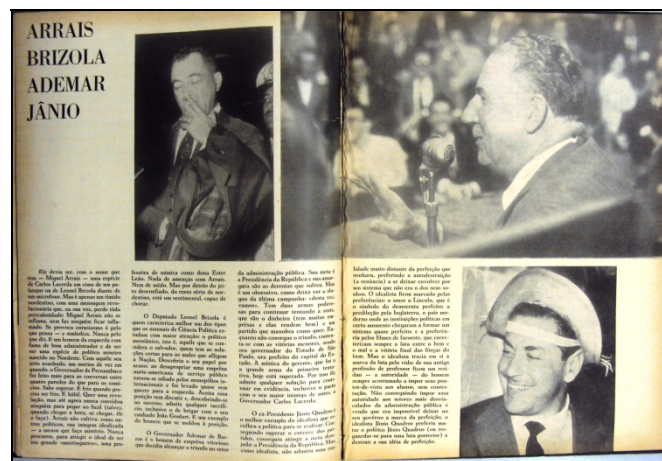


Figura 51

A matéria gerou polêmica com Evandro Carlos de Andrade²⁰⁶ cujo nome constava como um dos responsáveis pela reportagem. O jornalista enviou uma carta a Roberto Drummond que foi publicada por Alterosa em novembro de 1963 da seguinte forma:

Permita-me registrar a surpresa com que tomei conhecimento do texto publicado sob meu nome, no último número de Alterosa, em honrosa co-autoria da qual, infelizmente, não fui previamente informado. E também que

²⁰⁶ Evandro Carlos de Andrade nasceu no Rio de Janeiro em 1931. Iniciou sua carreira jornalística em 1953 no Diário Carioca. Foi assessor da Presidência da República na gestão de Jânio Quadros. Em 1971 foi convidado por Roberto Marinho a chefiar a redação de O Globo. Em 1995 assumiu a direção da Central Globo de Jornalismo. Faleceu em 2001 no Rio de Janeiro.

recorde ter-me feito o convite para preparar tal trabalho sem advertir-me de que estava sujeito a alterações não apenas de forma – com as quais, de resto, eu não concordaria – como também de conteúdo. Se não me falta humildade para reconhecer as insuficiências do estilo, sobra-me responsabilidade para não delegar o uso do meu nome em opiniões que não sejam por mim expressamente manifestadas. Tratando-se, então, de conceitos sobre pessoas – e pessoas com a maioria das quais mantenho relações, às vezes, mesmo, de amizade – o jovem e talentoso diretor de *Alterosa* admitirá que as modificações introduzidas no texto por mim redigido, tornam-se espantosas, pois não participo da maior parte das apreciações feitas sobre os políticos citados, alguns dos quais nem sequer me ocorreu mencionar. Lamento que minhas relações com *Alterosa* se tenham iniciado marcadas por tal equívoco, mas não posso deixar de solicitar uma generosa compreensão para a necessidade em que me encontro de não permanecer responsável, perante o público leitor dessa estimada revista, por um trabalho de que não participei, senão remotamente. Agradeço-lhe, assim, a publicação deste indispensável esclarecimento.

A seguir, a explicação do editor:

Explicação: o jornalista Evandro Carlos de Andrade refere-se à reportagem “Análise Psicológica dos Políticos Brasileiros” publicada no último número, em parceria com o repórter Ivan Moreira. As observações de sua carta são justas. Apenas os dados sobre o Presidente João Goulart foram tirados do trabalho original do Sr. Evandro Carlos de Andrade, as opiniões e interpretações sobre os outros políticos correm por conta do repórter Ivan Moreira²⁰⁷.

Podemos perceber através das fotorreportagens analisadas que a estratégia discursiva da revista atendeu aos interesses específicos de Magalhães Pinto naquele contexto pré-golpe, quando o horizonte político ainda previa eleições presidenciais para o ano de 1965.

Alterosa buscou ao longo daqueles anos configurar uma imagem de Magalhães Pinto como chefe de família dedicado, homem altruísta e cauteloso preparado para o exercício do poder político. Além disso, a publicação estabeleceu uma distinção entre o governador de Minas e outros políticos expoentes no plano nacional, sempre enfatizando as qualidades do banqueiro.

²⁰⁷ Diálogo com o leitor. *Alterosa*, novembro de 1963. Coleção *Alterosa*/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

Apesar da impossibilidade de se medir o poder de convencimento dessas imagens e o grau de aceitação por parte do público, é preciso reiterar, também, que nem sempre o impacto dessas imagens foi o esperado pela revista, como observamos através das críticas dos leitores em relação à matéria que tratou do filho do presidente da República. Como afirma Chartier, “a leitura é, por definição, rebelde e vadia”²⁰⁸ e os leitores subvertem as lições impostas pelos autores.

Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce²⁰⁹.

Outra questão a ser considerada são os atritos entre os próprios jornalistas em relação ao conteúdo publicado, como no caso da última reportagem apresentada, em que Evandro Carlos de Andrade se indignou com as apreciações que a revista fez em relação a diversos políticos utilizando o seu nome.

Acreditamos que *Alterosa* se debatia entre a obrigação de agradar ao seu grupo detentor e, ao mesmo tempo, lidar com necessidades mercadológicas, como o imperativo de publicar reportagens sobre João Goulart e sua família, fruto da popularidade que o presidente ainda desfrutava naquele contexto.

²⁰⁸ CHARTIER, 1994, p. 7.

²⁰⁹ CHARTIER, 1994, p. 9.

Capítulo 3: *E agora José? Novos rumos políticos e o fim de Alterosa.*

Política é como nuvem, muda a toda hora.
Magalhães Pinto.

No dia 31 de março de 1964, Belo Horizonte amanheceu ocupada por tropas militares (...). Já na fila do pão ouvi o que parecia ser um boato, mas mais tarde foi confirmado: o Governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto – dono da revista *Alterosa*, onde eu era o editor, e que parecia ligado a Jango – rebelou-se contra o mesmo Jango, com o apoio das guarnições do Exército em Belo Horizonte e Juiz de Fora e da Polícia Militar de Minas; todos os pontos estratégicos estavam ocupados por tropas militares (...). Uma fila de caminhões do Exército carregando soldados seguia para a BR-3 em direção ao Rio de Janeiro; os boatos aumentaram no correr do dia, o Governador Magalhães Pinto colocou no ar a Rede da Liberdade, nos rádios e na televisão, e nomeou um secretariado com status de ministério; exigia a renúncia do Presidente João Goulart. Começaram a falar nas primeiras prisões – por volta das 3 da tarde fui ao Banco Nacional, como de costume, dessa vez para saber de Eduardo Magalhães Pinto o que realmente estava acontecendo.

- Começou a revolução para derrubar o Jango. Papai é o general civil da revolução – disse. Você não é a favor?

- Não – respondi.

- Mesmo sendo contra, aparece à noite no Palácio da Liberdade para ver a movimentação.

Deixei o Banco Nacional na Rua Carijós, perto da Praça Sete, tomei um cafezinho no Pérola e fui andando a pé até a redação da revista *Alterosa*; corria o boato de que José Maria Rabelo, diretor do Binômio que tinha dado um murro na cara do General Punaro Bley, tinha sido preso. Na *Alterosa*, quase todos éramos considerados suspeitos e corríamos o risco de sermos presos – muito exaltado, o repórter Ponce de Leon dizia:

- O Magalhães está fodido! O Jango vai foder com ele e essa cambada de generais gorilas!

Era o que eu acreditava também.

No fim da tarde, fui à casa do deputado José Aparecido de Oliveira na Rua Santa Catarina e encontrei tudo ocupado por soldados do Exército (...).

Estava, como sempre, de cueca, a barba de ontem, e muito impaciente, sentado num criado-mudo diante do telefone:

- Alô, telefonista. O telefone do Governador Miguel Arraes não atende? Então tenta o Palácio do Governo em Sergipe. Chame o Governador Seixas Dória. (...) E virando-se para mim:

- Tem uma hora que estou tentando falar com o Arraes e não consigo. Tentei o Brizola no Rio, em Brasília e em Porto Alegre e também não consegui.

(...)

- O telefone do Governador Seixas Dória está ocupado, telefonista? Então tenta em Recife, senhorita, o deputado Francisco Julião – e deu para a telefonista um número. – Vou aguardar, senhorita.

Voltou para a cama e eu disse:

- Soube que você renunciou ao cargo de Secretário do Governo.

- Renunciei por alta divergência, por discordar dessa aventura militar. Ouça uma revelação histórica – eu disse ao Magalhães: ninguém melhor do que o governador para saber os laços de amizade que me ligam ao senhor. Então queria dizer: Governador, honre as tradições históricas e libertárias de Minas e fique ao lado da legalidade, contra esse grupelho militar.

- E o Magalhães, o que falou?

- Disse que era tarde.

(...)

- Invadiram o *Diário de Minas* e prenderam o Guy de Almeida!

O *Diário de Minas* pertencia ao mesmo grupo da *Alterosa*, era também da família Magalhães Pinto, José Aparecido era o diretor-presidente e Guy de Almeida o diretor de redação.

(...)

Deixei-o e fui ao Palácio da Liberdade; conversei com o Eduardo Magalhães Pinto sobre a prisão de Guy de Almeida:

- Já sei. Estamos tentando libertá-lo. Quando a você, vou te dar dois telefones aqui do palácio – anotou os números num cartão e me entregou. – Qualquer coisa, você me telefona. E se te prenderem, sua mulher me telefona.

Abaixou a voz, olhou de lado:

- Quem está escondido aqui no Palácio da Liberdade e eles não vão pôr a mão nele é o Ênio Amaral.

Referia-se a um jornalista e militante comunista, que eu conhecia do Partido.

Fui para casa levado pelo motorista particular de Eduardo Magalhães Pinto²¹⁰.

Tentativas de golpe já não eram novidade no Brasil. O historiador Rodrigo Patto Sá Motta lembra-nos que, embora o período entre 1946 e 1964 seja identificado positivamente como um intervalo democrático em contraste como os governos militares anteriores e posteriores a ele, é preciso salientar que foi uma época marcada pela instabilidade. Apenas dois dos cinco presidentes daquele contexto concluíram seus mandatos²¹¹.

Como explicitamos anteriormente, a crise política dos anos 1960 que levou ao golpe em 1964, deveu-se à percepção dos diferentes grupos políticos

²¹⁰ DRUMMOND, 1992, p. 268-271.

²¹¹ MOTTA, 2006, p. 45.

de que João Goulart impulsionaria o movimento pelas reformas sociais. Embora o governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, se colocasse a favor de reformas moderadas e acenasse para as bandeiras das esquerdas, acabou por promover o levante do estado mineiro, uma vez que sempre manteve os canais abertos com os grupos conservadores e se colocava também como um defensor da ordem e das tradições como podemos observar pelas reportagens publicadas por *Alterosa*.

Magalhães Pinto foi, durante o governo janguista, um interlocutor do presidente dentro da UDN. A relação entre João Goulart e Magalhães Pinto devia-se especialmente à tentativa de enfraquecer a posição de Carlos Lacerda no plano federal. Jango buscava apoio entre udenistas e Magalhães buscava diferenciar-se de Lacerda e aumentar seu campo de atuação dentro de seu próprio partido, com vistas a ser candidato nas eleições presidenciais de 1965.

No entanto, com a radicalização da crise e a pressão de grupos conservadores, especialmente mineiros, Magalhães Pinto acabou por colaborar com o movimento de deposição de Jango e foi identificado como o “líder civil da revolução”, o que pretendeu ao iniciar o levante em Minas Gerais.

Para a historiadora Heloísa Starling, é necessário uma reavaliação da participação de Magalhães Pinto no golpe de 1964 e das formas pelas quais o político mineiro se mantinha conectado ao movimento conservador do estado desenvolvido pelos membros do “IPES-Novos Inconfidentes”.

Ao centrar o processo conspiratório em Minas em torno de seu ex-governador, o caráter “civil” do movimento passou a ser identificado com a figura de Magalhães Pinto e de um restrito grupo de assessores, em torno dos quais teria sido montada a conspiração. Ora, conforme vem sendo analisado, o golpe de 1964 foi “altamente político e civil em sua formação e execução”, não em virtude do reduzido *staff* de conspiradores que pudessem se aninhar em torno de Magalhães Pinto, e sim em função de um complexo sistema de articulações políticas entre as diversas frações das classes dominantes, seguido da construção de uma poderosa mobilização conservador-oposicionista no estado. É o conjunto desses elementos que, articulados a nível nacional, permitem entender o processo de preparação e execução em Minas do movimento político civil-militar que depôs Goulart²¹².

²¹² STARLING, 1986, p. 129.

O Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) surgiu em 1961 através da organização de um grupo de empresários do Rio de Janeiro e São Paulo que consideravam preocupante o crescimento das esquerdas e a ascensão de João Goulart à Presidência da República²¹³.

Um braço do Instituto foi constituído em Minas Gerais em maio de 1962 e, dentro dele, uma parcela das elites mineiras desencadeou um processo de desestabilização do governo janguista.

O IPES-MG possuía uma espécie de “comando revolucionário” - os “Novos Inconfidentes” - que atuava como um organismo operacional do próprio Instituto, com funções táticas de intervenção política e tentativa de retenção dos movimentos populares e de esquerda.

Esse grupo buscou na Inconfidência Mineira a sua fonte de legitimação, através da apropriação do ideário político-ideológico da sedição de 1789, ocorrida em Minas Gerais, e sua base de unificação se dava principalmente pelo sentimento anticomunista e antipopulista nutrido por seus membros²¹⁴.

Ainda segundo Heloísa Starling, nada indica que Magalhães Pinto partilhasse da orientação do IPES-“Novos Inconfidentes”, embora mantivesse contato com elementos influentes dentro do Instituto, tanto em nível regional como nacional, como é o caso de José Luís de Magalhães Lins, sobrinho do governador e membro do IPES já citado anteriormente nesta dissertação.

Na verdade, os “Novos Inconfidentes” buscavam neutralizar a margem de ação de Magalhães Pinto por considerarem-no ambíguo, com uma posição política dúbia, além de manter relações com políticos vinculados à esquerda.

Ainda em 1963, *Alterosa* demonstrou a preocupação de Magalhães Pinto com a campanha político-ideológica anticomunista empreendida pelos grupos da extrema direita e reforçou a posição moderada do governador de Minas em prol das reformas de base.

O Governador Magalhães Pinto acha que é preciso evitar que as reformas de base sejam confundidas com comunismo, coisa que vem acontecendo graças a uma

²¹³ MOTTA, 2002, p. 243.

²¹⁴ STARLING, 1986, p. 82-84.

manobra dos grupos da extrema direita. Objetivo dos direitistas: frustrar as reformas²¹⁵.

Insatisfeitos com a posição de Magalhães Pinto, os “Novos Inconfidentes” exigiram, no início de 1964, que o governador desse sinais concretos de que apoiaria a causa do movimento conservador. Entre as exigências constava a imediata exclusão do diretor da revista *Alterosa*, José Aparecido de Oliveira, do governo do estado.

José Aparecido foi um dos integrantes da chamada “Bossa Nova” da UDN, grupo que apresentava uma linha de centro-esquerda, pregava a reforma de seu próprio partido e apoiava os projetos reformistas de Goulart. A revista *Alterosa* noticiou diversas vezes durante 1962 e 1964 as posições tomadas por José Aparecido no campo político como podemos observar no exemplo a seguir:

O deputado José Aparecido, em apenas dez dias na Câmara Federal: 1- Rearticulou a “bossa nova”, que agora tem 25 integrantes na UDN; 2- Defendeu, contra a opinião dos velhos do partido, o direito de voto para os analfabetos; 3- Revidou os ataques do Sr. Cleofas ao Governador Miguel Arraes, de quem é amigo pessoal²¹⁶.

Em contrapartida, durante todo o período em que José Aparecido foi diretor de *Alterosa*, a revista se referiu apenas uma vez ao IPES em suas páginas, mesmo assim noticiando uma medida do Instituto para concorrer com o “sucesso” de uma publicação de esquerda.

“Cadernos da Democracia” é como vão se chamar os livros que o IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, de orientação direitista – vai lançar como réplica aos “Cadernos do Povo”, que o editor Ênio Silveira²¹⁷ está publicando com sucesso²¹⁸.

²¹⁵ *Alterosa*, 10 de junho a 10 de julho de 1963. Coleção *Alterosa* –Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 23.

²¹⁶ *Alterosa*, abril de 1963. Ano XXV Nº364. Coleção *Alterosa/ Hemeroteca* - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

²¹⁷ Ênio Silveira (1925-1996) era editor e membro do Partido Comunista Brasileiro.

²¹⁸ *Alterosa*, abril de 1963. Ano XXV Nº364. Coleção *Alterosa/ Hemeroteca* - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

Por suas posições, Aparecido foi identificado como comunista pela direita conservadora e, ao que parece, se antecipou à decisão do governador, após as pressões daquele grupo para ser afastado da cúpula do governo de Minas.

Em carta dirigida a Magalhães Pinto em 04 de março de 1964, José Aparecido de Oliveira encaminhou seu pedido de demissão do cargo de Secretário de Estado de Governo ao “prezado amigo”.

O deputado relata no documento as dificuldades enfrentadas em seu cargo e seu empenho em “afirmar o sentido eminentemente democrático do governo de Minas.” Aparecido também escreveu em seu texto a importância das reformas debatidas naquele contexto que, segundo ele, “aumentarão as oportunidades para indivíduos e comunidades, produzirão o desenvolvimento da Nação, igualarão a distribuição de benefícios por todos os municípios e regiões.” Além disso, denunciou a campanha de desestabilização do regime por grupos conservadores que podem ser identificados com aqueles ligados ao “complexo IPES-IBAD”²¹⁹.

Sei identificar as forças ou os agentes de interesses que comandam o movimento de terrorismo ideológico e de radicalização política em nosso Estado.

Sei que se trata de minoria organizada, poderosamente armada de recursos, e cuja presença corruptora no processo brasileiro ainda recentemente se comprovou em inquérito parlamentar, sem que se pudesse documentar a origem do dinheiro que emprega.

A deformação sistemática e a calúnia metodizada são usadas com o só empenho de manter os privilégios de que desfrutam, contra quantos denunciam as distorções do regime democrático.

Os condicionamentos impostos pelos deveres de Secretário de Estado tiram-me, porém, condições indispensáveis à luta²²⁰.

²¹⁹ Sobre a ação política do “complexo IPES/IBAD” e a formulação do termo aqui empregado ver DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação Política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981. Segundo Motta (2002, p. 243), a atuação conjunta das entidades IPES e IBAD, estimulou a proliferação de organizações anticomunistas no período de 1962 a 1964, com suporte ideológico, financeiro e político.

²²⁰ José Aparecido de Oliveira. 04/03/1964. Fundo JAO/APM.

O Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) foi criado em 1959 como um organismo de caráter conservador e anticomunista articulado à estação da CIA (Agência Central de Informações) no Rio de Janeiro. Com a posse de Goulart passou a realizar uma mobilização oposicionista, especialmente através de seus contatos com a Ação Democrática Parlamentar²²¹ dentro do Congresso Nacional. A partir de 1962, o IBAD tornou-se um braço tático do IPES.

O primeiro momento de intervenção ideológica conjunta do IPES-IBAD em Minas aconteceu durante a campanha eleitoral de 1962²²². O IBAD foi acusado de ter agido como um veículo de corrupção no processo eleitoral daquele ano, ao financiar, por meios fraudulentos, a eleição de parlamentares.

As denúncias motivaram a constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em 1963 para averiguar as fontes financeiras do IBAD e seus canais de atuação²²³. José Aparecido de Oliveira apoiou as iniciativas parlamentares que investigaram a atuação do IBAD naquela ocasião.

Para Heloísa Starling, a CPI fracassou ao tentar estabelecer as ligações existentes entre o IBAD e o IPES a nível nacional, no entanto, as investigações culminaram com o fechamento do instituto em dezembro de 1963²²⁴.

A bancada do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) presente na Assembleia Estadual de Minas Gerais, manifestou publicamente sua solidariedade a José Aparecido de Oliveira e pediu ao governador Magalhães Pinto que interferisse em favor do deputado da UDN que acabara de deixar a Secretaria do Estado, com vistas a não comprometer a relação do PTB com o governo do estado de Minas Gerais.

O fato, neste instante, compromete irremediavelmente os empenhos do Governador Magalhães Pinto, de manter o diálogo com as forças populares e fortalece as posições que pretendem criar, em Minas, um clima de terrorismo ideológico.

²²¹ A ADP era uma coalizão conservadora formada em nível parlamentar que reunia membros da UDN e de outros partidos menores. Opunha-se à Frente Parlamentar Nacionalista que congregava o PTB, o PSB e dissidentes dos demais partidos engajados na aprovação das reformas de base. STARLING, 1986: 45.

²²² STARLING, 1986, p. 44-46.

²²³ Sobre a atuação do “complexo IPES-IBAD” nas eleições de 1962 em Minas Gerais ver: STARLING, 1986, capítulo VII.

²²⁴ STARLING, 1986, p. 267-268.

São igualmente atingidos, neste instante, os esforços de colocação, no plano do diálogo democrático, das relações do Governo de Minas com a Presidência da República.

A presença do Deputado José Aparecido na Secretaria do Governo foi sempre motivo de tranquilidade para o PTB, que dela retirava a certeza de que não encontrariam abrigo, na área da administração estadual, as campanhas de deformação do Presidente João Goulart, empreendidas, sistematicamente, pelas forças da reação em Minas.

Representando partido que se identifica com as massas trabalhadoras do país, esta Bancada manifesta ao Governador Magalhães Pinto os seus receios de que sejam comprometidos, de futuro, as relações do PTB com o Governo do Estado, pela entrega da Pasta a nome não identificado com as forças populares de Minas Gerais²²⁵.

O “nome não identificado com as forças populares de Minas Gerais” a que se refere o documento é o de Oswaldo Pieruccetti, político ligado ao movimento conservador-golpista em Minas, que assumiu o cargo anteriormente ocupado por José Aparecido.

Assinaram o manifesto petebista os seguintes nomes: Feliciano Oliveira, José Castro Ferreira, João Navarro, Sette de Barros, Euclides Cintra, Marisa Penna, Demerval Pimenta, Wilson Modesto, Salim Nacur. Consta ainda no Fundo José Aparecido de Oliveira, do Arquivo Público Mineiro, uma carta assinada por vários outros membros da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais que reconheceram o trabalho desenvolvido por Aparecido nos 4 meses em que o político exerceu a função de Secretário do Governo²²⁶.

José Aparecido de Oliveira não só deixou a pasta que ocupava no governo estadual de Minas Gerais, como também, posteriormente, deixou o cargo de diretor da revista *Alterosa*. O fato foi anunciado na edição de maio de 1964 do periódico.

A Editora Alterosa S.A., responsável pela sua revista, tem, desde o dia 30 de abril, novo diretor-presidente: é o banqueiro Antônio de Souza Araújo, nome de prestígio em Minas e a quem coube, por unanimidade de votos, substituir ao

²²⁵ Manifesto da bancada petebista em Minas Gerais. Fundo JAO/APM.

²²⁶ Durante o período em que José Aparecido exerceu seu mandato de deputado federal, licenciou-se por duas vezes da Câmara ao ser convocado pelo governador Magalhães Pinto. Assim, ocupou interinamente a Secretaria de Agricultura de Minas Gerais e entre outubro de 1963 e março de 1964 assumiu a Secretaria de Governo. Nesse período ocupou também a Secretaria de Interior e Justiça, em caráter provisório. Fonte: <http://goo.gl/V6RKZ>. Último acesso em 28/06/2013.

jornalista José Aparecido de Oliveira, que pediu demissão. Para compor a diretoria foram reeleitos, também por unanimidade, o jornalista Roberto Drummond e o economista Carlos Alberto Proença. Antônio Araújo é o mais velho integrante de nossa equipe: tem 31 anos²²⁷.

Após o golpe em 31 de março de 1964, o deputado udenista teve seu mandato cassado e seus direitos políticos suspensos. A crise política levou ao rompimento temporário das relações entre Magalhães Pinto e José Aparecido, até então seu “braço direito”. No entanto, pouco tempo depois, Aparecido reassumiu suas funções no Banco Nacional.

Ao ser questionado em entrevista sobre o motivo do governador de Minas não ter interferido na suspensão dos direitos políticos de José Aparecido de Oliveira após o golpe, José Alberto da Fonseca classificou a atitude de Magalhães Pinto como “traição”.

JF: O Aparecido, antes de mais nada, é um ser solidário. Era um ser extremamente solidário. O que ele tinha de amigos! As pessoas gostavam dele. E a queda do Aparecido diante do Magalhães foi horrível. Antes de mais nada, o Magalhães era um banqueiro, não é? Ele via, quer dizer, o olhar dele era para a capacidade de crescimento do grupo dele, do banco dele, dos negócios dele. Eu acho que não tem nenhuma, por trás da ação dele, não tem nenhum ato de interesse nacional não. É um interesse grupal que você pode falar aí. Banqueiro não tem, não tem essa sensibilidade, não é?²²⁸

O fato é que as articulações golpistas haviam se intensificado desde meados de 1963 quando as forças conservadoras consideraram que Jango havia realizado uma “virada à esquerda”.

Embora o grupo ligado ao IPES e à Escola Superior de Guerra tivessem determinado que o levante deveria ocorrer entre os dias 02 e 10 de abril, Magalhães Pinto precipitou os acontecimentos em Minas Gerais para o dia 30 de março através de uma aliança com o general Olympio Mourão Filho. Essa articulação entre Magalhães e Mourão colocou esses dois atores no centro da disputa pelo poder político federal²²⁹

²²⁷ Em poucas palavras. Alterosa, 10 de maio a 10 de junho de 1964. Coleção Alterosa / Hemeroteca- Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 23.

²²⁸ José Alberto da Fonseca. Entrevista, 16/04/2013

²²⁹ STARLING, 1986, p.139.

É preciso salientar que ainda existem poucos trabalhos historiográficos que tratam da posição dos grupos mineiros no golpe de 1964, especialmente sobre a atuação do governador Magalhães Pinto no movimento, de modo que a nossa análise se ressentir da falta de uma bibliografia mais sólida e mais atualizada em que se apoiar. De qualquer maneira, o objetivo deste capítulo é apenas traçar, em linhas gerais, a posição de Magalhães Pinto e José Aparecido de Oliveira no contexto do golpe.

3.1- *Alterosa* depois do golpe.

Como o nosso foco de análise recai sobre a revista *Alterosa*, seguiremos os acontecimentos de 1964 através das páginas desse periódico que em abril daquele ano publicou um “suplemento histórico” sobre o golpe.

Exclusivo: a conspiração do segredo. Em 20 páginas o que ninguém contou sobre a revolução. Esta é uma das manchetes que compõem a capa da revista *Alterosa* que foi às bancas em abril de 1964²³⁰.

A revista elencou cinco pontos que seriam esclarecidos pela matéria: “1- Governador Magalhães Pinto: revelações inéditas; 2- Castelo Branco: o bê-a-bá da conspiração; 3- Mourão e Guedes: liberdade ainda que tardia; 4- A verdade: porque João Goulart não reagiu; 5- Krueel: uma interrogação feita com drama”.

O subtítulo “História de uma glória feita sem sangue” inicia a parte da reportagem que trata da participação do governador Magalhães Pinto no golpe. Segundo a revista, Magalhães conspirava há 6 meses de forma discreta e teria guardado segredo sobre a conspiração, até mesmo da própria esposa. Assim como em outras reportagens, a referência a dona Berenice de Magalhães Pinto mobiliza uma imagem de Magalhães Pinto como homem dedicado ao bem da família, assim como da nação.

Para *Alterosa*, Magalhães só se dispusera a reagir contra o governo central “após lutar para que o ex-presidente Goulart seguisse o caminho das reformas sem subversão”. A atitude de Magalhães Pinto seria para resguardar a Constituição.

A revista explicou em seu suplemento que o “dia D” estava combinado com o general Humberto Castelo Branco, “chefe do Estado Maior das Forças Armadas e principal articulador, entre os militares, do movimento, um movimento que tinha como líder civil, o Governador Magalhães Pinto”. No entanto, o dia marcado para o levante foi antecipado após dois acontecimentos específicos no mês de março: o comício do dia 13 e a revolta dos marinheiros.

²³⁰ *Alterosa*, 10 de abril a 10 de maio de 1964. Nº376. Coleção *Alterosa* / APCBH e Hemeroteca – Biblioteca Estadual Luiz de Bessa. Data atribuída pela autora, pois nesta edição não consta nenhuma data no exemplar.

O comício realizado por Jango em frente à estação Central do Brasil no Rio de Janeiro tinha como objetivo mobilizar forças populares em apoio às reformas de base. No entanto, o ato público repercutiu de forma impactante na crise política da época. Para as esquerdas, o comício seria a vitória dos setores reformistas. Já para os conservadores, a manifestação acendeu um sinal de alerta de que era necessário romper com o jogo democrático²³¹.

Já o episódio do dia 25 de março daquele mesmo ano, que ficou conhecido como a revolta dos marinheiros, foi uma reação dos marinheiros ao não reconhecimento da associação profissional que idealizaram e significou para o alto escalão militar a quebra definitiva da disciplina e o rompimento da hierarquia militar.

O encontro entre o governador Magalhães Pinto, o general Mourão Filho, o marechal Denys, general Guedes, coronel José Geraldo e o secretário do governo de Minas, Oswaldo Pierucetti, em Juiz de Fora, para desencadear o golpe, também é relatado no texto. *Alterosa* chama a atenção para o fato de o estado ter-se tornado uma “Minas única” em torno de Magalhães Pinto com as adesões de Milton Campos, José Maria de Alkmin e Afonso Arinos ao movimento.

A ação militar encabeçada por Minas, que teria força e dinheiro suficiente para resistir por 90 dias, segundo dados do periódico, era a “revolução contra o comunismo e pelas liberdades”. Além dos secretários Oswaldo Pierucetti e Monteiro de Castro, Magalhães foi ajudado por seu sobrinho, José Luiz de Magalhães Lins que era o “pombo correio” que levava as mensagens do governador mineiro ao estado da Guanabara.

Através do suplemento, *Alterosa* transmite aos leitores a definição que o próprio Magalhães Pinto havia dado ao movimento golpista.

Agora, uma definição do Governador Magalhães Pinto: a revolução é anticomunista, mas nunca reacionária ou da direita: - “Acredito – fala o Sr. Magalhães Pinto – que a direita possa querer transformar a seu favor a vitória do movimento. Mas isso seria a derrota da revolução, que não visou tirar o Brasil de um extremo e leva-lo para o outro. Quer a revolução fazer nascer uma democracia autêntica e democracia autêntica

²³¹ FERREIRA, 2011, p. 412.

só haverá no Brasil à medida que emancipemos o povo, à medida que façamos as reformas. Essa a opinião que tenho defendido. Apesar de reconhecer que elementos da direita se infiltraram na revolução, ajudando, até, na vitória, isto não poderá marcá-la como vitória de direita. Tenho certeza que o novo Presidente, o Marechal Castelo Branco, homem sensível às aspirações populares, comandará as reformas. Do contrário seria a frustração do movimento revolucionário. As reformas virão, estou certo. De minha parte prosseguirei na luta. Estou certo também que o Presidente Castelo Branco impedirá que os elementos radicais se apossessem do movimento. Fico tranquilo por isso. Ao me definir, eu temia a luta entre os extremos, que provocaria uma guerra civil, capaz de transformar o Brasil num campo para lutas internacionais. Mas ao conseguirmos a vitória sem sangue não podemos permitir que os radicais de novo se apossessem do Brasil. O Brasil quer paz. Nossa batalha agora é pela paz²³².

A revista traça ainda um perfil do general Humberto Castelo Branco, desde a infância até sua atuação no golpe.

No movimento revolucionário de 31 de março, foi o General Castelo Branco o cérebro: foi ele quem, desde 1961, viu o perigo da comunização e da anarquia no país e começou a tramar, nos bastidores, a derrubada do sr. João Goulart.

Das onze fotografias apresentadas nesta primeira parte do suplemento, seis retratam Magalhães Pinto em momentos subsequentes ao golpe, três delas em grande formato. As fotografias enfatizam o apoio popular à Magalhães e a presença dos filhos do governador, Maria Virginia e Eduardo, ao lado do pai (fig. 52- 53 – 54- 55). É interessante notar o simbolismo da rosa recebida pelo “general civil”. A flor de cor branca se contrapõe ao vermelho do comunismo.

Castelo Branco também ganhou destaque em uma fotografia que ocupa uma página inteira, além das fotos de militares e de concentrações populares em médio e pequeno formato (fig. 56- 57).

O suplemento apresenta também um texto assinado por Vinicius de Carvalho intitulado “A guerra das rosas”, definido como uma exclusividade de *Alterosa*. O título se refere à paixão do general Carlos Luiz Guedes pelo cultivo de rosas na sede da ID-4 em Belo Horizonte (fig. 59).

²³² Suplemento histórico. *Alterosa*, abril de 1964. Coleção *Alterosa*/ APCBH, p. 06.

A matéria usa como recurso trechos do livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry para explicar a atuação de Guedes no golpe que derrubou Goulart.

O jardim do general Guedes seria como o planeta do Pequeno Príncipe, onde havia ervas boas e más, rosas e baobás daninhos. Para acabar com os baobás daninhos que habitavam o planeta onde havia um monarca absoluto, era necessário alguém com muita disciplina.

Podemos inferir que Guedes encarnaria a disciplina necessária para acabar com os comunistas “daninhos” no reino do “monarca absoluto”, João Goulart. Em uma fotografia de grande formato, Guedes aparece curvado cuidando de seu jardim.

A última parte do suplemento relata os acontecimentos dos dias 31 de março e 1º de abril em Belo Horizonte, São Paulo, Recife e as ordens dos generais Amauri Krueel e Justino Alves Bastos. O texto enfatiza, em diversos momentos, o que caracterizou de “operação limpeza”²³³, ou seja, as prisões de líderes das esquerdas e a deposição de Miguel Arraes do cargo de governador de Pernambuco.

A revista elenca ainda oito pontos que levaram à queda de Goulart, entre eles as relações do presidente com líderes das esquerdas como Leonel Brizola e Luís Carlos Prestes, além do estímulo dado por Jango ao “movimento de rebelião entre os militares”²³⁴. Por fim, *Alterosa* relata toda a movimentação no Rio de Janeiro e a posição de Carlos Lacerda.

Nesta segunda parte do suplemento foram veiculadas 6 fotografias: três dos generais que tiveram destaque no golpe em formato médio - Olímpio Mourão Filho, Amauri Krueel e Justino Alves Bastos (fig. 60) – uma imagem do governador Magalhães Pinto com Milton Campos (formato pequeno) (fig. 58), além de uma foto do comício pelas reformas de base realizado na Central do Brasil, onde é possível ver a presença de militares (formato pequeno) (fig. 61); por fim uma fotografia de página inteira onde é possível ver Magalhães Pinto cumprimentando populares em meio a uma chuva de papel picado na Avenida Afonso Pena, coração de Belo Horizonte (fig. 61).

²³³ Suplemento histórico. *Alterosa*, abril de 1964. Coleção *Alterosa*/ APCBH, p. 15.

²³⁴ Suplemento histórico. *Alterosa*, abril de 1964. Coleção *Alterosa*/ APCBH, p. 18.

Assim, embora Alterosa trate das posições de outros políticos e militares durante o golpe que depôs Jango, é Magalhães Pinto que aparece como personagem central do movimento conservador.

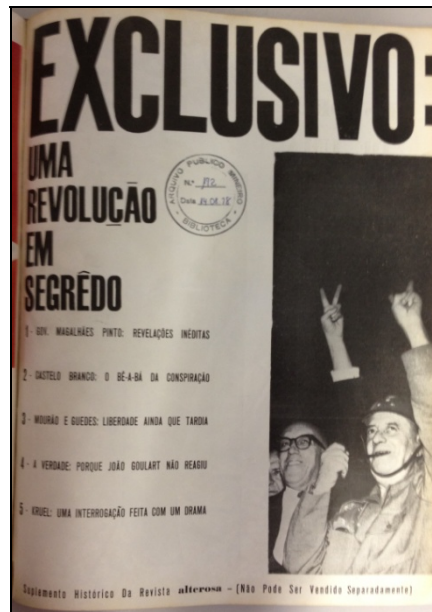


Figura 52 – Alterosa, abril de 1964.



Figura 53

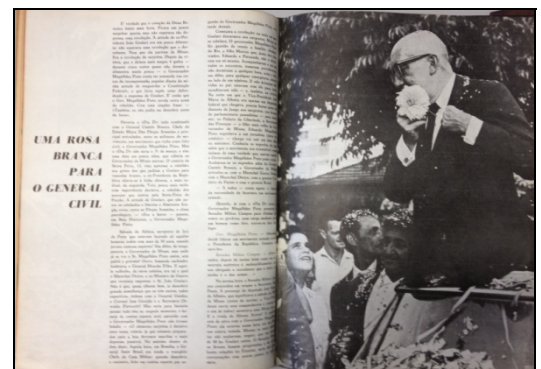


Figura 55



Figura 54

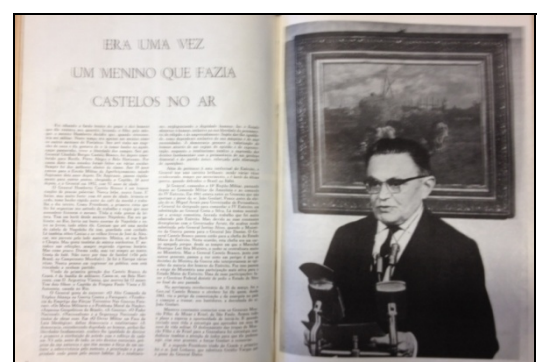


Figura 56



Figura 57



Figura 58

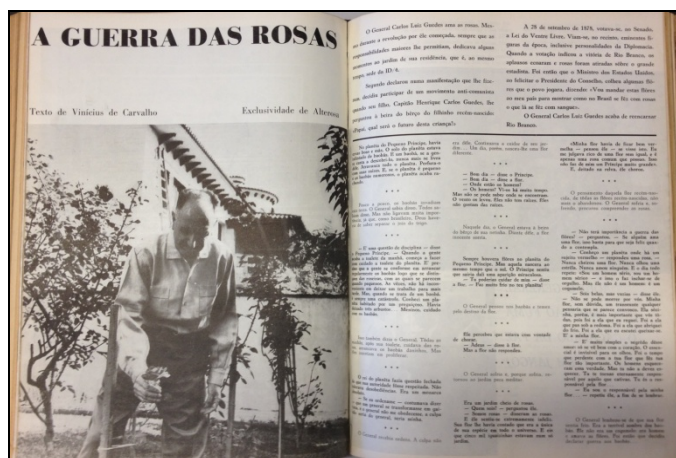


Figura 59

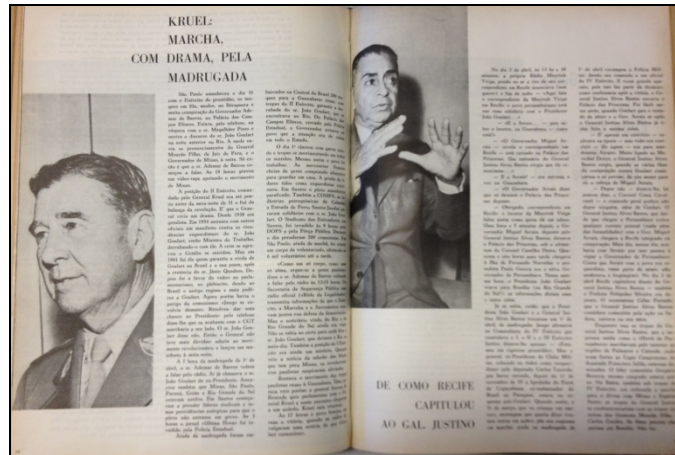


Figura 60



Figura 61

Em relação ao golpe civil-militar, as principais questões que apresentamos aos entrevistados foram: qual o impacto do golpe sobre a revista *Alterosa*? A mudança de regime interferiu na rotina do periódico?

Essas perguntas fizeram parte do roteiro padrão de entrevistas e foram colocadas a todos os entrevistados. O economista Carlos Alberto Proença negou que houvesse alguma relação direta do periódico com a política desenvolvida por Magalhães Pinto e que a deposição de Goulart tenha interferido de alguma forma na rotina da revista. Como exemplo, citamos o trecho a seguir:

CR: E como é que o senhor recebeu o Golpe de 1964? Como é que isso influenciou na revista de alguma forma? Porque o Zé Aparecido foi cassado...

CP: Foi. Ele era o presidente da revista e saiu, mas olha... É... Eu naquela época eu era um profissional da empresa para cuidar da finança dela. Não tinha contato com jornalistas e nem fazia da empresa política. Então para mim é a mesma reação que o seu pai teve, ou que seu avô teve. Aconteceu lá e... Não é?

CR: O senhor nunca foi filiado a nenhum partido.

CP: Nunca. Nunca. Não tinha tempo ô Carla. Tinha que trabalhar. Não tinha tempo para ficar lá não²³⁵.

Embora Carlos Alberto Proença tenha negado que o golpe de março de 1964 tenha interferido no cotidiano de *Alterosa*, é certo que o movimento da direita que derrubou Goulart incidiu também sobre a revista.

Além da demissão de José Aparecido de Oliveira, algumas mudanças na redação ocorreram imediatamente após a instalação do novo regime. Vejamos dois casos que atestam essas transformações subsequentes ao golpe: o primeiro refere-se à prisão do diretor de publicidade de *Alterosa*, José Alberto da Fonseca; já o segundo trata-se da prisão do jornalista Ponce de Leon e sua contratação pela revista.

Como já foi dito no capítulo 1, José Alberto da Fonseca era membro da Ação Popular. Por sua posição política de esquerda foi preso após o golpe e deixou o departamento de publicidade da revista²³⁶. Em entrevista, ao ser questionado sobre como recebeu a notícia do golpe, o publicitário narrou o momento de sua prisão e analisou aquilo que classificou como “a derrota” das esquerdas.

JF: O golpe nós ficamos sabendo. Eu saí de Belo Horizonte. Fui esconder. Eu já tinha duas filhas, não é? (...) Me escondi em uma fazenda. Minhas três filhas nasceram 6, 7 e 8 de abril. E aí eu resolvi voltar. Eu estava escondido com um tio meu que era do PCB.

CR: Onde que era a fazenda?

JF: Fazenda do Fidalgo em Lagoa Santa. Meu tio estava lá. Aí o que aconteceu, quando chegou no dia do aniversário da minha filha, uns 4, 5 dias, eu resolvi voltar. Quando chegou em Venda Nova, ali um sujeito... Entrou um pessoal no ônibus e pediram documento. “- Ah! Espera aí”. Aí me reconheceram.

²³⁵ Carlos Alberto Rangel Proença. Entrevista, 25/05/2012.

²³⁶ Na edição de maio de 1964 o nome de José Alberto da Fonseca já não aparece mais no expediente de *Alterosa*.

CR: Aí levaram para onde?

JF: DOPS.

CR: DOPS. Chegou a sofrer tortura, alguma coisa assim?

JF: Não. Só ameaça, não é? Ameaça, uns tapas, uns “cocões” na cabeça. Mas o problema não é esse. Para nós era realmente a derrota de tudo que nós tínhamos pensado. Eu continuo falando até com um amigo meu, o Salomão, eu estive na casa dele, nós somos integrantes de uma utopia romântica. A gente achava que podia construir um novo país, uma nova sociedade, uma nova civilização.

(...)

CR: Foi uma decepção a queda do Jango?

JF: Foi. Porque aí a gente percebeu que o sistema de poder era muito frágil, ou, a oposição, vamos chamar assim, era muito forte. Muito forte. Por esse livro aí você vê. Aquilo ali é uma sucessão de reuniões, de atas. Eles estavam se preparando. Quer dizer, eu estava brincando com meus amigos, eu ia morrer e não sabia. Eu, um crítico de cinema, como é que justificava isso, não é? Foram na minha casa, ameaçaram a minha ex-mulher (...). Na época do golpe, tinha um grupo que chamava, um tal de general Bragança, que era violento, reacionário. E ele fez um comando que as pessoas usavam uma tarja preta. Eles foram à minha casa me pegar, mas eu já tinha saído.

(...)

CR: E foi levado para o DOPS. Ficou quanto tempo?

JF: Dez, quinze dias por aí. Não me lembro muito não. Essa memória inclusive, para mim, eu acho que eu faço questão de esquecer²³⁷.

O publicitário refere-se em sua fala ao livro *Os Senhores das Gerais*, da historiadora Heloísa Starling, obra citada na bibliografia desta dissertação. No momento da entrevista, José Alberto mostrou a publicação à pesquisadora e disse ter ficado muito surpreso ao saber, recentemente através do livro, que seu nome constava em uma lista de pessoas consideradas subversivas que poderiam ser “eliminadas”.

O documento reproduzido no estudo de Starling em que consta o nome do entrevistado foi elaborado pelo estudante José Augusto de Figueiredo Branco em resposta às questões colocadas pelos “Novos Inconfidentes” aos seus militantes em relação à atuação dos comunistas e formas de combate político-ideológico que pudessem ser empregadas pelas comissões que compunham o Comando Revolucionário do IPES-MG²³⁸.

²³⁷ José Alberto da Fonseca. Entrevista, 16/04/2013, trecho editado.

²³⁸ STARLING, 1986, p. 93-95.

A lista elaborada pelo estudante incluía apenas os nomes “comprovadamente subversivos” que deveriam ser “anulados, eliminados, presos ou exilados no caso de uma ação militar”. José Alberto foi listado ao lado de Herbert José de Souza, o Betinho, e Vanda Figueiredo, jornalista considerada “altamente perigosa”, entre outros. Dos 38 nomes apresentados na lista de Branco, 21 estavam relacionados à AP²³⁹.

A Ação Popular, juntamente com alguns órgãos de imprensa – *Novos Rumos*, *Binômio* e *Última Hora* – era identificada como área de atuação comunista que deveria receber atenção dos “Novos Inconfidentes”²⁴⁰.

Como pode ser observado através do relato de José Alberto da Fonseca e das fontes consultadas pela historiadora Heloísa Starling, a Ação Popular sofreu uma profunda repressão após o golpe.

(...) a direção do movimento conservador mineiro tinha decidido de antemão priorizar a AP em seu esquema repressivo, buscando “liquidá-la” através da desarticulação resultante da eliminação política de seus principais dirigentes. Iniciada com a invasão do Convento dos Frades Dominicanos, localizado no tradicional bairro da Serra, a repressão abateu-se de forma indiscriminada sobre a AP, atingindo tanto os líderes leigos quanto os religiosos. Interrogado com assustadora frequência pela polícia mineira, o diretor do jornal Ação Popular que serviu de embrião para a AP, Lúcio Nunes, se viu coagido a abandonar Belo Horizonte.

(...) Embora centrada na AP, a Ação Católica também não escapou da repressão desencadeada pelo IPES-“Novos Inconfidentes”: em 1º de abril de 1964, a sede da Juventude Operária Católica – JOC – foi invadida pelo organismo paramilitar dos “Novos Inconfidentes” (...).

Na realidade, tanto a Ação Católica quanto a Ação Popular pagaram alto preço não só por seu alinhamento ao bloco nacional-populista, mas sobretudo por terem em Minas Gerais enfrentado publicamente, embora sem a consciência plena do poder de seu inimigo, em mais de uma ocasião, a força representada pelo IPES-“Novos Inconfidentes”²⁴¹.

O segundo caso que comprova as modificações realizadas na redação de *Alterosa* devido ao golpe é o do jornalista Aureclydes Ponce de Leon Antunes, que nasceu em Pernambuco no dia 20 de setembro de 1937.

²³⁹ BRANCO, José Augusto de Figueiredo. *Questionário confeccionado em consequência da chave de trabalho*. Belo Horizonte, Comando Revolucionário, s.d. Reproduzido por STARLING, 1986, p. 368-375.

²⁴⁰ STARLING, 1986, p. 95.

²⁴¹ STARLING, 1986, p. 241-242.

Ponce de Leon, como é conhecido no meio jornalístico, ingressou em 1957 no curso de Arquitetura em Belo Horizonte, que logo abandonou para trabalhar como jornalista no jornal *O Binômio* ao lado de Roberto Drummond.

O jornalista relatou em entrevista que participou de grupos de esquerda como a Mocidade Trabalhista e a Juventude Socialista na capital mineira nos anos 1950. No entanto, a participação de Ponce nesses movimentos não foi duradoura, uma vez que ele se transferiu para o Rio de Janeiro em 1961, quando foi convidado a trabalhar nas revistas *Manchete* e *Fatos e Fotos* da Bloch Editores. Como *freelance*, colaborava com *Alterosa* desde o final dos anos 1950 quando Miranda e Castro ainda dirigia a revista.

Além de conviver com grupos de esquerda, Ponce de Leon foi autor de reportagens polêmicas²⁴² que desagradaram políticos e militares. Segundo informe da Delegacia de Vigilância Especial, o jornalista havia formulado perguntas “capciosas” ao chefe do DOPS em 1963, assinado manifesto de jornalistas favorável à Revolução Cubana, além de ter tomado parte “ao lado de notórios comunistas, de movimentos de caráter subversivo, nos meios jornalísticos, estudantis e pelego-sindicais”²⁴³.

Em 31 de março de 1964 Ponce de Leon foi preso em Belo Horizonte, onde estava realizando uma reportagem especial sobre Minas Gerais para a revista *Manchete*.

PL: (...) Eu fui o primeiro preso de [19]64. (...) O General Guedes deu uma declaração: - Seu Ponce de Leon deve se sentir orgulhoso por ser o primeiro preso da revolução redentora²⁴⁴.

²⁴² Como exemplo, podemos citar o caso mais famoso descrito por Ponce de Leon em entrevista. Em 1961, o jornalista roubou um dos quadros do pintor Cândido Portinari das paredes da Igreja São Francisco de Assis na Pampulha, o que rendeu uma reportagem especial para o jornal *Última Hora*. O objetivo do furto era denunciar o abandono em que se encontrava a igreja da Pampulha. Uma vez que o prefeito de Belo Horizonte, Amintas de Barros, recusou-se a receber o quadro de volta das mãos do “ladrão”, pois acreditava que o fato mancharia a sua administração, a obra foi devolvida publicamente ao governador Magalhães Pinto. Ponce de Leon. Entrevista. Sobre o furto do quadro ver também: O dia em que furtaram um Portinari da igreja. O Tempo, 26/05/2013. <http://goo.gl/SIGkly>. Último acesso em 20/08/2013.

²⁴³ Arquivos da Polícia Política. Pasta 0558. 05/02/1968. Arquivo Público Mineiro. <http://goo.gl/wrm86N>. Último acesso em 20/08/2013.

²⁴⁴ Ponce de Leon Antunes. Entrevista, 10/04/2013, trecho editado.

Roberto Drummond narrou de forma romantizada a prisão do amigo em seu livro *Hilda Furacão*.

Naquela hora, 11 e 15 da noite de 31 de março de 1964, o repórter Ponce de Leon Antunes foi jogado numa cela escura, esperou a vista acostumar-se com a escuridão (...). Ponce de Leon acreditava que, trabalhando numa revista do Governador Magalhães Pinto, seria libertado a qualquer momento.²⁴⁵

Levado para a sede do DOPS em Belo Horizonte, Ponce de Leon dividiu a cela com líderes dos movimentos sindicais como Sinval Bambirra. Posteriormente foi transferido para a base aérea de Lagoa Santa. O entrevistado relatou ainda que, durante o tempo em que permaneceu em um quartel da Polícia Militar no bairro Prado, oficiais promoveram uma simulação de fuzilamento contra um grupo de 19 presos do qual fazia parte, fato que gerou, inclusive, traumas psicológicos em alguns detidos. No entanto, o jornalista afirmou que ninguém sofreu nenhum tipo de agressão física.

PL: Não teve violência. Não teve. A única que eu considero foi essa simulação de fuzilamento. Mas fora disso não teve nada de violência. Nessa época de [19]64. O negócio mesmo começou a engrossar em [19]68.

Após permanecer 90 dias preso, Ponce de Leon se viu impossibilitado de voltar para o Rio de Janeiro e reassumir seu emprego na revista *Manchete* devido a ordens militares. Sem emprego e obrigado a permanecer em Belo Horizonte, contou com a ajuda do amigo Roberto Drummond, que o contratou para trabalhar na revista *Alterosa* como funcionário efetivo da redação.

PL: (...) Eu fui obrigado a ficar um ano aqui em Belo Horizonte, assinando ponto as 9 horas da manhã na ID-4, na [rua] Santa Catarina e às 5 horas da tarde na Secretaria de Segurança aqui na Praça Sete. Eu era funcionário da *Manchete*. Aí eu fui demitido. (...) Foi nessa época que eu fui

²⁴⁵ DRUMMOND, 1993, p. 277.

para a Alterosa. Roberto me chamou. E eu fui editor de reportagem na Alterosa²⁴⁶.

O número de julho de 1964 é o primeiro que apresenta o nome de Ponce de Leon no expediente como chefe de reportagem²⁴⁷, cargo que não constava no periódico até então e foi criado para que *Alterosa* pudesse integrar o profissional à sua equipe.

No final de 1964, Ponce de Leon recebeu um convite do jornalista Alberto Dines para trabalhar no *Jornal do Brasil*. Manifestou a sua vontade de voltar para casa ao governador Magalhães Pinto, do qual esperava alguma intervenção política que pudesse ajuda-lo a ser liberado pelo DOPS para poder viajar.

PL: (...) Aí eu fui ao Magalhães Pinto. Cheguei lá com ele sentado na sala, no gabinete, falei: - Governador, recebi essa proposta do Dines²⁴⁸ (...). Quase 5 meses estou trabalhando lá com o Roberto [Drummond] na sua revista e me interessa voltar para o Rio porque a minha casa é lá, eu moro no Rio. Então eu queria que o senhor conversasse com o General Guedes para ver se ele me autoriza a ir embora para o Rio, ou então com o General Chagas de Abreu. Aí ele falou assim: - Você está ficando doido? Está precisando de dinheiro? Procura o Eduardo lá no Banco. Vai lá no Eduardo e no Marcos. Pede dinheiro. Você não vai fazer isso não. – O Governador... – Eu vou te explicar: você vai para o Rio eles vão te prender. – Vão prender por que? – Eles vão achar que você quer se exilar. Como os outros se exilaram, eles vão achar que você que se exilar e vão te prender. Não vai não. Você vai ficar aqui. Não vai não. Se precisar de dinheiro vai no Banco Nacional tirar o dinheiro “parará”, “parará”. Aí eu falei: - Governador, eu vou para o Rio. Então eu liguei para minha mãe em Brasília²⁴⁹.

Ponce de Leon resolveu voltar para o Rio de Janeiro a despeito da preocupação de Magalhães Pinto com a situação dos presos políticos. No entanto, foi através de contatos familiares que conseguiu a autorização do general Guedes para poder viajar.

²⁴⁶ Ponce de Leon Antunes. Entrevista, 10/04/2013, trecho editado.

²⁴⁷ *Alterosa*, julho de 1964. Coleção *Alterosa/ Hemeroteca* – Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

²⁴⁸ Convite de Alberto Dines para Ponce de Leon trabalhar como repórter especial do *Jornal do Brasil*.

²⁴⁹ Ponce de Leon Antunes. Entrevista, 10/04/2013, trecho editado.

Assim, podemos perceber através dos relatos expostos acima que o golpe refletiu também sobre a redação da revista e levou a uma reorganização de cargos e funcionários dentro do periódico²⁵⁰.

No que toca a questão do conteúdo, a revista passou a se preocupar com as notícias ligadas ao novo regime. Vejamos cinco fotorreportagens com conteúdo político que foram publicadas por *Alterosa* ao longo de 1964.

Já no número publicado em maio daquele ano, *Alterosa* apresentou a manchete: *A canção do exílio de Maria Thereza*. Com o golpe, a família Goulart viu-se obrigada a se retirar imediatamente do Brasil. Sob as ordens de Jango, Maria Thereza partiu sozinha para o Uruguai com os filhos Denise e João Vicente no dia 3 de abril de 1964. A esposa de Jango foi a primeira exilada brasileira naquele país. A família ficou alojada em uma casa de praia de um amigo de Goulart no balneário de Solymar e Jango só se reencontrou com a esposa e os filhos no dia 6 de abril²⁵¹.

Alterosa buscou noticiar a vida da primeira-dama no exílio, assim como o restante da imprensa que cercou a casa em que ela estava hospedada e insistiu por entrevistas e fotos da família²⁵².

A matéria de quatro páginas e cinco fotografias não possui créditos ao autor. O texto relata que Maria Thereza, “a mais linda exilada do mundo”, estava extremamente triste e amargurada no exílio, além de ser obrigada a viver de maneira mais modesta, sem empregadas responsáveis por todas as atividades domésticas como passar roupas ou cozinhar.

A reportagem também sugere que a esposa de Jango podia, no exílio, dedicar mais tempo aos filhos, o que é corroborado por duas fotografias (tamanho médio) em que Maria Thereza brinca na areia com João Vicente e Denise (fig. 63). Duas imagens (uma em tamanho grande e uma em tamanho médio) mostram a primeira-dama sozinha em meio à paisagem de Solymar (fig.62). A exceção fica por conta da terceira imagem veiculada em menor

²⁵⁰ Outros funcionários já haviam deixado a revista como o jornalista Fernando Gabeira, que também se mudou para o Rio de Janeiro, e o fotógrafo Euler Cássia, que recebeu uma proposta de emprego de outra empresa jornalística. No entanto, pelo que foi possível apurar, apenas os casos de José Aparecido de Oliveira, José Alberto da Fonseca e Ponce de Leon têm relação direta com o golpe. Roberto Drummond, embora tenha pertencido ao Partido Comunista, não sofreu nenhum tipo de perseguição. Jarbas Juarez Antunes, entrevista. Euler Cássia Jr, entrevista. Beatriz Drummond, entrevista.

²⁵¹ Sobre o exílio da família Goulart no Uruguai ver Ferreira, 2011.

²⁵² FERREIRA, 2011, p. 541-542.

formato onde é possível ver Maria Thereza sorrindo e sendo observada pelos guardas oferecidos pelo governo Uruguaio (fig. 63). No entanto, a legenda enfatiza:

Maria Thereza chama a atenção dos guardas da polícia uruguaia. Mas olhem bem um detalhe: a sombra da tristeza persegue Maria Thereza em Solymar²⁵³.

É interessante notar que, embora João Goulart seja citado em uma passagem do texto (“[Maria Thereza] Conversa com o marido, brinca com os filhos e refugia-se no mar”), Jango não aparece em nenhuma imagem.



Figura 62 – Alterosa, maio de 1964.

²⁵³ Alterosa, 10 de maio a 10 de junho de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 4.

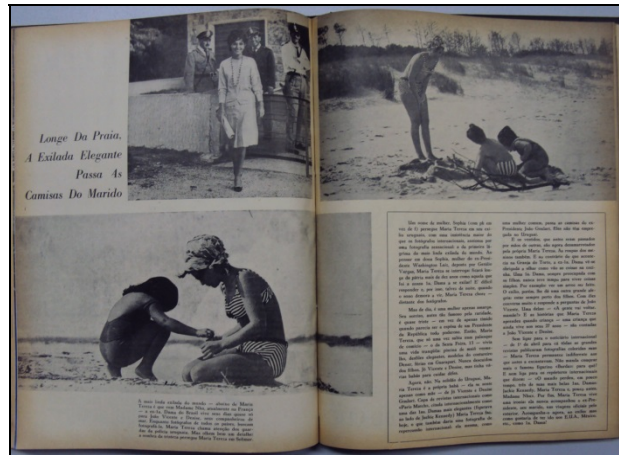


Figura 63

Em julho de 1964 *Alterosa* publicou uma reportagem curiosa intitulada “Anedotário dos políticos mineiros”. Com 6 páginas e 3 fotografias grandes de José Maria Alkmin (fig. 64), Benedito Valadares (fig. 65) e Milton Campos (fig. 66), o texto, cuja autoria pertence a Celliah Messias²⁵⁴ e Nelson Santos, foi composto por pequenas notas com histórias jocosas atribuídas a conhecidos políticos mineiros. O principal alvo foi Benedito Valadares.

Encontrando-se com o escritor Mário Matos, Benedito Valadares queixa a saúde. – “Mas o que é que você tem, Benedito?” perguntou Mário.

–“O médico disse que eu estou com cefalalgia na cabeça”.

–Nunca diga que tem cefalalgia na cabeça, Benedito, isso é pleonasma”. Na rua, mais adiante Benedito encontrou-se com outro amigo, que, achando-o abatido, perguntou o que ele tinha. Resposta de Benedito: “Pois é, o médico disse que eu tinha cefalalgia na cabeça mas agora estou convencido de que eu tenho mesmo é o danado do pleonasma que o Mário Matos me falou”.²⁵⁵

Benedito Valadares presidindo uma Convenção do PSD propondo a votação do pessoal por fila: “Vigésima fila. Vigésima segunda fila. Vigésima décima fila...”.²⁵⁶

²⁵⁴ Não obtivemos informações sobre Celliah Messias.

²⁵⁵ *Alterosa*, julho de 1964. Coleção *Alterosa/ Hemeroteca* – Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 57.

²⁵⁶ *Alterosa*, julho de 1964. Coleção *Alterosa/ Hemeroteca* – Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 55.

Em todas as histórias, Valadares é exposto como um homem de pouca habilidade intelectual, diferentemente de Alkmin e Campos, por vezes retratados como oportunistas.

Milton Campos, membro da UDN desde sua fundação, compôs o secretariado de Magalhães Pinto, reorganizado em virtude do movimento golpista, e em 14 de abril de 1964 aceitou o convite para assumir o cargo de Ministro da Justiça do governo Castelo Branco. Apesar de pertencerem ao mesmo partido e da aproximação em virtude do golpe, Magalhães e Campos nem sempre manifestaram posições semelhantes como no caso do referendo de janeiro de 1963, quando Milton Campos se colocou a favor da manutenção do regime parlamentarista²⁵⁷.

Benedito Valadares e José Maria de Alkmin eram antigos adversários políticos de Magalhães Pinto em Minas Gerais. No entanto, Alkmin aliou-se ao governador de Minas nas articulações que culminaram na derrubada de Goulart. O pessedista também assumiu em abril de 1964 a vice-presidência da República ao lado de Castelo Branco, cargo que ocupou até 1967²⁵⁸.

Para Hippólito, os políticos pessedistas transformaram-se em personagens do “folclore político” nacional pelo exercício prolongado do poder e pela longevidade política. “Os pessedistas são vistos como as raposas políticas por excelência, mestres na malícia, na esperteza, no cochicho, na acomodação e na conciliação”²⁵⁹.

²⁵⁷ CAMPOS, Milton. Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro. CPDOC/FGV Verbete biográfico. In: <http://goo.gl/WkP9nz>. Último acesso em 21/08/2013.

²⁵⁸ ALKMIN, José Maria. Verbete biográfico. Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro. CPDOC/FGV In: <http://goo.gl/G9xKJe>. Último acesso em 21/08/2013.

²⁵⁹ HIPPIÓLITO, 1985, p. 44.

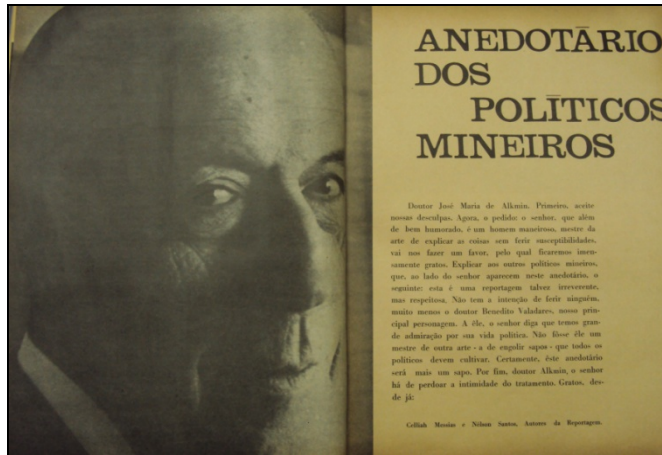


Figura 64 – Alterosa, julho de 1964.



Figura 65

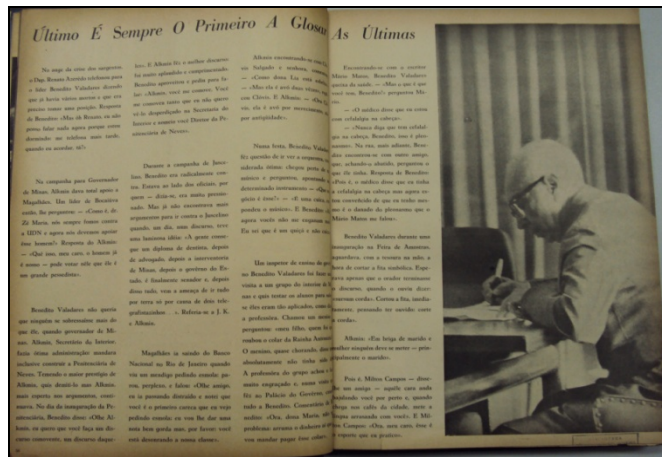


Figura 66

Já no início do segundo semestre de 1964 *Alterosa* publicou uma reportagem de 4 páginas e 8 fotografias sob o título “Estas fotos estão proibidas”²⁶⁰. As imagens, todas elas anteriores ao Golpe, mostram João Goulart entre políticos e militares responsáveis pela sua deposição (fig. 67). Entre eles: Magalhães Pinto, General Mourão Filho, General Guedes, Marechal Dutra, General Amaury Krueel, Odílio Denys, general Pery Bevilacqua, Ademar de Barros e Auro de Moura Andrade (fotos de tamanhos grande, médio e pequeno).

Além de Jango, Leonel Brizola também aparece em uma foto (tamanho médio) conversando com o general Pery Bevilacqua e outra imagem (tamanho médio) mostra JK condecorando Odílio Denys (fig. 68). O texto enfatiza que esses encontros nunca mais seriam possíveis e esclarece a posição de cada um dos personagens citados no movimento civil-militar que depôs Jango. Para a nossa análise, é importante destacar a forma como a revista explica o motivo da participação do governador de Minas no golpe.

O mesmo sorriso feliz de Goulart reaparece, num banquete ao lado do governador Magalhães Pinto que sempre quis as reformas de base, continua lutando por elas, mas, depois de muito pensar, resolveu levantar o país que ele via seguir não pelo caminho das reformas, mas do perigo. Magalhães teve boa convivência com Goulart até o dia em que se convenceu; foi então que, liderando a revolução, enfrentou um esquema militar que parecia invencível. E que ninguém – em particular os revolucionários do segundo e último ato – supunha fosse cair como as cartas de um baralho. Jango blefava²⁶¹.

Para o periódico, “Minas pegava em armas contra a ameaça comunizante do ex-presidente da República”. Magalhães Pinto não deixara de ser a favor das reformas, apenas ajudara a salvar o país do caos que poderia nele se estabelecer.

²⁶⁰ *Alterosa*, agosto de 1964. Coleção *Alterosa/ Hemeroteca* – Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p 24-27.

²⁶¹ *Alterosa*, agosto de 1964. Coleção *Alterosa/ Hemeroteca* – Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, p. 27.



Figura 67 – Alterosa, agosto 1964.



Figura 68

Já no número de setembro de 1964 a reportagem publicada é “Receita de político mineiro” com texto de Flávio Márcio²⁶² e sete fotografias de Nelson Santos e Alvimar de Freitas.

As duas primeiras páginas apresentam uma fotografia em tamanho médio do perfil de Benedito Valadares, que olha para um ponto não identificado, e outra de Magalhães Pinto deitado em uma rede com um sorriso despreocupado enquanto observa a neta Andréa (fig. 69). O texto inicial da reportagem norteia o leitor.

²⁶² Flávio Márcio foi jornalista e dramaturgo. Mudou-se de Belo Horizonte para trabalhar no Jornal da Tarde em São Paulo. Faleceu em 1979 após uma cirurgia de amígdalas. José Alberto da Fonseca. Entrevista, 16/04/2013

Junte um sorriso de homem simples, voltado para a família, capaz de guardar segredos a todo custo, hábil até para brigar, como o governador Magalhães Pinto – aqui com a neta Andréa; acrescente um olhar de quem finge de morto quando as coisas ficam quentes, nunca afirma ‘sim’ ou ‘não’ sem tempo para pesar os prós e contras – como o do senador Benedito Valadares; misture uma boa dose de malícia e sendo de humor – sem esquecer de alguns adjetivos (discreto, econômico, diplomata) – e está pronta a receita para fazer um homem impossível de encontrar em outra parte do mundo. Pode ser que demore muito, porque a tradição é quase essencial, mas o resultado compensa: um homem ao mesmo tempo esperto e tímido, mas sem complexos, chamado político mineiro. Você já reparou que ele está sempre por cima?²⁶³

Arthur Bernardes, Bilac Pinto, Benedito Valadares, José Maria Alkmin, Silviano Brandão e Francisco Sales são apresentados como símbolos da política mineira e têm características ressaltadas como a malícia, a diplomacia e a desconfiança, assim como Último de Carvalho e Oscar Corrêa que aparecem com Alkmin na terceira fotografia em tamanho médio veiculada pela revista (fig.70).

A quarta foto, em menor formato mostra o deputado Pio Canedo tomando cafezinho (fig. 70). As três últimas fotos apresentam Milton Campos, que “ouve mais do que fala” e Afonso Arinos de Melo Franco e Camilo Nogueira da Gama, hábeis “na conversa ao pé do ouvido” (fig. 71). No entanto, os principais ingredientes para um bom político mineiro viriam de Magalhães Pinto.

(...) mas quem quiser ser político dos bons tem muito o que aprender com o Governador Magalhães Pinto, dono de um dos principais segredos: o modo de agir. Nunca brigar definitivamente com ninguém, porque se a reaproximação for necessária, ela será menos difícil de conseguir.

(...) Ele deve ser, como o governador, homem de substantivos, que recusa enfeites e acessórios, acha o futuro mais importante, entre a qualidade e a beleza fica sem hesitar com a qualidade. Ele é o mais britânico dos políticos regionais brasileiros, à própria definição de equilíbrio. Por uma questão de natureza, está exatamente entre a esquerda e a direita, é psicologicamente conservador.

²⁶³ Alterosa, setembro de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca – Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, s/p.



Figura 69 – Alterosa, setembro 1964.



Figura 70

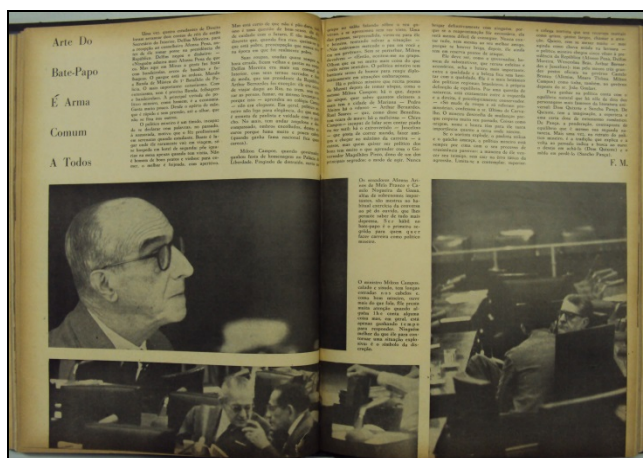


Figura 71

A nosso ver, a revista realizava um esforço para afirmar a imagem de Magalhães Pinto frente a outros políticos mineiros que desfrutavam de projeção nacional.

Por fim, destacamos a fotorreportagem “Chico Campos, o fazendeiro do ato” que integra o exemplar de *Alterosa* que foi às bancas em novembro de

1964. Com texto de Carmo Chagas²⁶⁴ e fotos de Alvimar de Freitas a matéria define Francisco Campos²⁶⁵ como aquele que “fechou o Congresso e transformou Getúlio Vargas em ditador, em 1937, e que, este ano [1964], pôs nas mãos dos revolucionários de março/abril uma arma mais perigosa que todos os fuzis, metralhadoras e canhões: o Ato Institucional”.

O cenário escolhido para a reportagem foi a fazenda Indostão localizada em Pompéu, interior de Minas Gerais, propriedade que Francisco Campos usava como refúgio para descansar, além de criar gado. O subtítulo usado na matéria, “Um vagalume na política”, faz referência à seguinte frase reproduzida pela revista e atribuída ao escritor Rubem Braga: “Toda vez que o Sr. Francisco Campos acende sua luz, há um curto circuito nas instalações democráticas”.

O texto ainda comenta a trajetória de vida do jurista, afirma que ele foi convidado a escrever o primeiro ato do governo militar por “entender de conspirações” e, por fim, acrescenta que Chico Campos afirmara que não acreditava no predomínio da “linha dura” entre os “revolucionários”.

As seis fotografias tiradas por Alvimar de Freitas (duas ocupam páginas inteiras e as restantes variam do tamanho grande ao pequeno) retratam Chico Campos em sua fazenda, sentado em sua cadeira de balanço, conversando com funcionários, observando seus animais no curral e pescando (fig. 72 – 73-74).

²⁶⁴ Carmo Ribeiro Chagas nasceu em 1941 e formou-se em Direito pela UFMG. Trabalhou no Diário de Minas, Correio de Minas, Jornal da Tarde, além de publicações da Editora Abril e outros periódicos. É autor dos livros Três Vezes Trinta (em parceria com José Maria Mayrink e Luiz Adolfo Pinheiro) e Política, arte de Minas. CARVALHO; BARBOSA, 1994:49.

²⁶⁵ Francisco Luís da Silva Campos nasceu em Dores do Indaiá (MG), em 1891. Advogado e jurista formou-se pela Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte, em 1914. Foi secretário do Interior no governo Antônio Carlos e participou das articulações do movimento armado que culminou na Revolução de 1930. Com a posse de Getúlio Vargas, Campos assumiu a direção do recém-criado Ministério da Educação e Saúde. Posteriormente, foi nomeado ministro da Justiça e elaborou a Constituição de 1937, que deu forma à ditadura do Estado Novo. Em 1964, participou das conspirações contra o governo do presidente João Goulart e colaborou na montagem de um arcabouço institucional para o país após o golpe, elaborando os dois primeiros atos institucionais baixados pelo novo regime (AI-1 e AI-2), além de deixar sugestões para a elaboração da Constituição de 1967. Morreu em Belo Horizonte em 1968. Fonte: <http://goo.gl/Vkiqr>. Último acesso em 24/06/2013.



Figura 72 – Alterosa, novembro de 1964.



Figura 73



Figura 74

A edição de novembro de 1964 foi a última a circular naquele ano e marcou definitivamente o fim de *Alterosa*. Roberto Drummond salientou a fotorreportagem com Francisco Campos em seu livro *Hilda Furacão*.

Quanto a este narrador, a sensação que sentia era de que o golpe militar de 1964 cortou-me ao meio com a mesma tesoura que o General Guedes usou para cortar o fio do telefone da casa de José Aparecido; a revista *Alterosa* continuou a circular, mas mandei o repórter Carmo Chagas ir a Pompeu entrevistar Chico Campos, o pai dos atos institucionais, e publicamos a entrevista em que ele dizia que sabia como escapar dos atos institucionais; o que o irritou foi a epígrafe da reportagem, uma frase do cronista Rubem Braga: ‘Quando o Sr. Francisco Campos acende a sua luz, acontece

um curto-circuito nas instalações democráticas nacionais.’ Na véspera do Natal de 1964, a *Alterosa* foi fechada e, em janeiro, fui trabalhar como copidesque no Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro.²⁶⁶

Embora a reportagem tenha irritado Francisco Campos, acreditamos que não haja nenhuma relação entre ela e o fechamento da revista *Alterosa*. A extinção do periódico está relacionada ao momento político vivido pelo Brasil, mas também à crise financeira pela qual passava a Editora Alterosa.

Ainda em janeiro de 1964 o Departamento de Produção Industrial da Editora encaminhou um documento à diretoria da empresa sobre as necessidades de transformação do seu parque gráfico. Segundo o Departamento havia uma “demanda de maior qualidade nas policromias e miolo da revista *Alterosa*, nos seus encartes de publicidade”, o que tornaria necessário a criação de um setor de offset para suprir tal demanda, uma vez que o maior problema da empresa era a “inadaptação de seu equipamento à sua produção”²⁶⁷.

Para possibilitar essa modernização da gráfica, foi sugerida a venda de quatro máquinas do parque gráfico da SEAL que estavam em funcionamento até aquele momento, o que permitiria amortizar o investimento no novo maquinário.

No entanto, o documento assinado por Ronald Castello Branco e Carlos Alberto Proença deixava claro que após a venda das máquinas seria impossível manter o índice de faturamento, o que seria retomado com o tempo após a aquisição do maquinário mais moderno.²⁶⁸

Tudo indica que esse novo equipamento foi comprado, mas usado por pouquíssimo tempo na confecção da revista. Posteriormente, quando a revista foi extinta e o grupo dono da Editora *Alterosa* decidiu manter apenas a gráfica em funcionamento, parte desse maquinário foi vendido para a Editora Abril. Apenas as máquinas tipográficas menores foram mantidas pela Editora.

CP: Em 1962 todas as máquinas eram tipográficas. E logo em 1963 já compramos algumas *offset* que era para poder fazer as publicidades. Então todo esse miolo era feito tipográfico e tudo

²⁶⁶ Drummond, 1992, p. 294 e 295.

²⁶⁷ Departamento de Produção Industrial. SEAL. 16/01/1964. JAO/APM

²⁶⁸ Departamento de Produção Industrial. SEAL. 16/01/1964. JAO/APM.

que você vê a cor ia para a *offset*. Então compramos uma ou duas para fazer isso. Quando a revista acabou, isso passou a ser o nosso patrimônio para produzir. E nos tornamos uma gráfica comum²⁶⁹.

A documentação da SEAL presente no Fundo José Aparecido de Oliveira (APM) indica que o relatório produzido pelo Departamento de Produção Industrial fazia parte de uma auditoria cujo objetivo era identificar os déficits nas contas da empresa.

Como resultado da auditoria foram preparadas listas com todas as despesas da Editora como promoção, publicidade, circulação, gastos com compra de papel e dispêndios em geral como aqueles com material para expediente, telefone, etc.

O documento apresenta ainda uma lista completa dos funcionários, tanto da gráfica quanto da revista, com seus respectivos cargos e salários: gráfica e gravura - 65 funcionários; administração – 14 funcionários; redação e revisão – 11 funcionários; publicidade – 1; promoção e circulação – 2; expedição – 4; correspondência – 1.

Já as receitas estimadas pelo documento, e que diziam respeito apenas à revista, previam uma venda avulsa de 6.000 exemplares e 100 assinaturas mensais da revista. O maior faturamento do periódico era proveniente da venda de espaço publicitário. Toda a receita líquida total foi estimada em Cr\$973.000, valor irrisório se considerarmos que apenas os gastos com salários do pessoal da administração chegavam a Cr\$567.690 (ver anexo).

Em carta dirigida a Marcos Magalhães Pinto²⁷⁰, José Aparecido de Oliveira se refere ao relatório produzido pelo Departamento de Produção Industrial da SEAL e aos resultados da auditoria, além de identificar os problemas que deveriam ser solucionados pela diretoria da empresa.

Aparecido concluiu que o desequilíbrio financeiro da SEAL era decorrente da inversão de finalidades atribuídas à gráfica. Para ele até aquele

²⁶⁹ Carlos Alberto Rangel Proença. Entrevista, 25/05/2012, trecho editado.

²⁷⁰ José Aparecido de Oliveira. Sociedade Editora Alterosa Limitada. Administração, Economia Interna e dívida bancária. s/d. JAO/APM. O documento não possui data, mas tudo indica que seja também de janeiro de 1964, assim como o relatório do Departamento de Produção Industrial.

momento a edição da revista era a principal finalidade da empresa, quando a revista deveria ser apenas uma consequência da propriedade da gráfica.²⁷¹

Outros fatores são apresentados pelo diretor da revista como as dificuldades de entendimento com o serviço de impressos do Banco Nacional de Minas Gerais (Belo Horizonte), a ausência de equipamento adequado para impressão de material bancário, a necessidade de correção da folha de pagamentos e o excesso de funcionários. Para o diretor, a “SEAL depende, direta e exclusivamente, da produção de sua gráfica, sendo a atividade editorial economicamente negativa”²⁷².

Como solução para os problemas colocados, José Aparecido de Oliveira sugeriu ao grupo Magalhães Pinto a imediata separação da política administrativa da gráfica e da revista, uma vez que a gráfica e a revista compunham “fatores de receita independentes”. O diretor ainda faz considerações específicas a respeito da publicação.

A revista é o fator mais negativo na economia da empresa. Se já o era em sua linha editorial antiga, multiplicou-se em negatividade a partir da reforma que sofreu, falando-se em termos estritamente econômicos²⁷³.

Para Aparecido, após a reforma de *Alterosa* iniciada em 1962, como descrita do capítulo 1, os gastos com a publicação duplicaram devido ao maior consumo de papel e de clichês, além do aumento na folha de pagamento referente à nova redação e ao tempo de impressão da revista. A crítica mais severa recai sobre o aspecto da venda de espaço publicitário do artefato editorial. Para o diretor a reforma teria esquecido “tudo aquilo que não fosse, na própria essência, jornalístico”²⁷⁴.

Jarbas Juarez Antunes relatou em entrevista o mesmo problema referente à publicidade colocado no relatório por José Aparecido de Oliveira. A direção da revista havia aumentado a área de cada página do periódico, sem, no entanto, aumentar o preço do espaço publicitário²⁷⁵.

²⁷¹ José Aparecido de Oliveira. Esclarecimentos gerais. s/d. JAO/APM.

²⁷² José Aparecido de Oliveira. Esclarecimentos gerais. s/d. JAO/APM.

²⁷³ José Aparecido de Oliveira. A revista – apreciação e sugestões. s/d. JAO/APM.

²⁷⁴ José Aparecido de Oliveira. A revista – apreciação e sugestões. s/d. JAO/APM.

²⁷⁵ Jarbas Juarez Antunes. Entrevista, 10/07/2012, trecho editado.

José Aparecido de Oliveira. A revista – apreciação e sugestões. s/d. JAO/APM.

Aparecido sugeriu que todos os gastos redacionais fossem reduzidos e que os preços das assinaturas, dos exemplares avulsos e dos espaços publicitários fossem revistos.

Outro problema exposto no relatório foi a dificuldade de entendimento entre a administração da SEAL e a chefia da oficina gráfica. Nas palavras de José Aparecido:

Sustenta a administração que as resistências do chefe de oficina provêm, sobretudo, de ressentimentos decorrentes da venda da empresa sem que a ele se tivesse atribuído qualquer participação. É uma suposição, que não posso dizer se correta, ou não. Mas o fato de ser o chefe de oficina seu parente dificulta ainda mais as coisas, pois a administração parece não se sentir com autoridade diante dele, fica como que inferiorizada ou temerosa de apresentar-se na qualidade de responsável absoluta pela empresa e, portanto, pela gráfica. Com isso, a oficina vai ficando à margem da empresa.

(...)

Julgo, por isso, indispensável e urgente a sua intervenção, seja para oferecer outro lugar ao chefe de oficina, no Banco ou na própria empresa, seja para mantê-lo com novo sistema de entendimento entre a administração e a gráfica. De qualquer modo, a solução para este caso só poderá ser escolhida por você [Marcos Magalhães Pinto]²⁷⁶.

O chefe do setor gráfico era Wilson Manso, parente de Magalhães Pinto. Pela fala do entrevistado Marcelo Manso, filho de Wilson, acreditamos que o conflito entre o chefe da gráfica e outros funcionários se dava também no plano político-ideológico.

MP: Lá dentro [da gráfica] trabalhava um monte de “tidos” como “comunais” na época, não é? (...) Eles não gostavam muito do papai não. E ficavam pressionando a gente e chacoalhando a gente²⁷⁷. Aí um belo dia eu fui com a minha mãe lá no meu tio-avô, o José Osvaldo Araújo e reclamamos para ele. Magalhães ficou com raiva. Porque o Magalhães me adorava. E três dias depois ele fechou a revista²⁷⁸. (...) Porque o papai era uma pessoa que ele era contra os ditos comunistas, quer dizer, era contra... Entendeu? Meu pai sempre foi assim. Meu pai sempre foi contra esse povo.

²⁷⁶ José Aparecido de Oliveira. Sociedade Editora Alterosa Limitada. Administração, Economia Interna e dívida bancária. s/d. JAO/APM.

²⁷⁷ A família de Wilson Manso vivia em um imóvel localizado nos fundos da gráfica, o que ocasionava o contato entre seus filhos e sua esposa com os funcionários da oficina. Marcelo de Manso Pereira. Entrevista, 06/10/2011.

²⁷⁸ O entrevistado relatou após a entrevista que seu pai se identificava com o setor conservador da UDN. Em suas palavras, “era da direita”, termo que não usou durante a gravação. Marcelo de Manso Pereira. Entrevista, 06/10/2011.

CR: Então tinha um atrito político?

MP: Tinha um atrito político.

CR: Seu pai era filiado a algum partido?

MP: Não. Meu pai não era filiado a nada. O atrito político era o seguinte: eles hostilizavam meu pai. E o meu pai era linha dura, sempre foi. Então a forma de hostilizar meu pai era hostilizando a gente [a família]²⁷⁹.

A versão de Marcelo Manso de que a revista foi fechada por desentendimentos familiares não corresponde à versão de outros entrevistados e ao que pode ser apurado na documentação pesquisada. No entanto, é fato que as dificuldades de relacionamento entre o chefe da gráfica e outros funcionários interferiram no bom andamento das atividades gráficas, uma vez que o fato foi citado por José Aparecido de Oliveira em seu relatório reportado a Marcos Magalhães Pinto.

A versão que corrobora os aspectos identificados na documentação da Editora Alterosa é a de Carlos Alberto R. Proença que, quando perguntado sobre a capacidade da revista de gerar lucros, esclareceu sobre as dificuldades financeiras provenientes da reforma editorial de 1962.

CP: O Roberto Drummond se mirou na Paris Match. E a ideia dele era: - Vamos fazer a Paris Match brasileira. Aí ele dobrou de formato e começou-se a fazer a revista no formato da Paris Match. Mas os investimentos foram muito grandes em pessoas e tudo, e aí sim passou de 1962 pra cá a não dar lucros. Então ela trabalhou no prejuízo muito tempo, até que em 1964 tinha que se fazer uma opção: investir muito mais para ela tentar sobreviver e aonde buscar o capital para isso. Então eu sugeri o seguinte, que nós vislumbrássemos outras oportunidades. O mercado já estava muito competitivo, então por que não investir para industrializar a empresa? O Roberto foi contra. O Zé Aparecido também foi contra. E os dois foram contra por uma única razão: é que eles eram jornalistas e diziam que não queriam ser coveiros de revista nenhuma, de órgão de imprensa nenhum. Eu falei: - Bom, mas eu não sou jornalista, eu sou economista. E a continuar eu pergunto: quem vai pagar

²⁷⁹ Marcelo de Manso Pereira. Entrevista, 06/10/2011.

a conta? É você? – Eu não tenho dinheiro. Falei: Você tem Zé?
– Não, eu também não tenho. O Carlos também não tem. Então vamos levar para os donos e ver se eles estão dispostos a pagar a conta. Como ninguém estava disposto a pagar a conta fechou-se a revista. Veio a revolução de 1964, o Zé Aparecido era presidente da revista. Com a revolução o Zé pediu demissão e dois meses depois o campo ficou aberto para poder fechar a revista.

CR: Ao último número [da revista] que eu tive acesso foi o de novembro de 1964. Depois disso ela circulou ainda ou fechou o ano e ela [também] fechou?

CP: Fechou. (...) Fechou-se porque não havia condições econômicas. Ninguém queria bancar o prejuízo que ela ia dar. Muita gente acha “–Ah, não, mas o Magalhães era político ele pagava”. Pagava não. Não foi esse o motivo que trouxe o Magalhães para comprar a revista²⁸⁰.

O conflito entre o projeto jornalístico e o projeto empresarial levou à extinção do periódico, que teve seu último número publicado em novembro de 1964. Acreditamos que o fato de os objetivos políticos de Magalhães Pinto terem sido esvaziados pelos militares após o golpe de 1964 possam ter influenciado na decisão de fechar a revista.

Nesse sentido é interessante notar a fala de Marcelo Manso, que considera o projeto político de Magalhães Pinto.

CR: Quando o Magalhães comprou, você acha que ele tinha algum projeto político a respeito da revista, para fazer propaganda do governo dele?

MP: Tinha. Para fazer propaganda dele. Era uma coisa política que ele achou que aquilo ia influenciar.

CR: E influenciou? Você acha?

MP: Eu acho que não. Não chegou porque depois eles tolheram ele, não é? (...) O projeto político dele era para ele depois ser candidato a presidente. (...) Porque como ele foi um bom governador; porque o Bias Fortes que era do PSD, não é? Que era aquela... Aquele povo do PSD, não é? Que era um povo... Não é? Que eles endeusam muito, mas que a maioria era corrupto e ligado a corrupto. Isso é bom para eles saberem disso. Então, como o Magalhães foi, na minha opinião, o melhor governador porque ele botou as finanças em dia, do estado. Pagava o funcionalismo público em dia. Porque o seu Bias Fortes ficou um ano atrasado no funcionalismo, onze meses, não é? O funcionalismo público sem receber.

²⁸⁰ Carlos Alberto Rangel Proença. Entrevista, 25/05/2012.

CR: Ele deu uma organizada na casa?

MP: Ele organizou todo o governo. Então ele foi um ótimo governador. E esse povo tido e havido como perseguido pela revolução... Aí tinha uma cambada de sem vergonha, entendeu? E depois que entrou o Castelo Branco, que em minha opinião foi um dos melhores presidentes que já teve o Brasil, que botou o Brasil em ordem, sem dever nada para ninguém, não é? Isso é bom que se diga. Não digo os outros presidentes do Exército nacional. Então o Magalhães Pinto ele gozava do maior prestígio com o povo mineiro. E depois foi massacrado porque aí os outros é que merecem as glórias, não é? Como o seu Tancredo Neves que era o Ministro da Justiça do Getúlio Vargas. Aquele que tinha o Gregório que enfiava os presos políticos no porão lá e matava e arrebatava. Isso aí ninguém fala. Não é? (...) E tolheram o Magalhães porque o certo seria o Magalhães ser o presidente da República.

A ausência de um horizonte político mais promissor para o governador de Minas e os altos custos de produção de *Alterosa* esgotaram as possibilidades de se manter a revista como meio de propaganda política.

Assim, a Editora Alterosa tornou-se uma empresa dedicada apenas ao serviço gráfico bancário e ainda está em pleno funcionamento. Atualmente possui cerca de quatrocentos funcionários e seu parque gráfico está instalado na área industrial de Contagem (MG).

A Editora produz exclusivamente documentos de segurança, principalmente cartões inteligentes com chip e talões de cheques, sendo a única empresa de capital nacional atuante nesta área. A atual diretoria da Editora Alterosa é composta por Carlos Alberto Rangel Proença (diretor-presidente) e Alexandre Araújo de Resende (diretor).

Considerações finais

O objetivo desta dissertação foi examinar a natureza das representações políticas divulgadas pela revista *Alterosa* entre os anos de 1962 e 1964, a fim de compreendermos a posição da publicação mineira no contexto da crise institucional do governo João Goulart.

Através da análise de textos e imagens da revista, percebemos como as representações políticas relacionam-se aos interesses tanto dos profissionais da imprensa quanto dos proprietários das empresas jornalísticas. Como lembrou Sotana, a seleção e explicação dada aos fatos por um periódico “relaciona-se à ótica política daqueles que trabalham na produção da notícia, ou seja, do repórter, do copidesque, do redator, do editor, do chefe de redação, do diretor e do dono da empresa”²⁸¹.

Embora com uma equipe formada por jovens identificados com os movimentos e as ideias das esquerdas, acreditamos que a estratégia discursiva da revista atendeu aos interesses específicos de Magalhães Pinto naquele contexto. O governador mineiro traçou uma estratégia política ambígua, que lhe permitiu manter-se próximo da esquerda e da direita ao mesmo tempo.

Enquanto falava em reformas sociais moderadas e acenava para as bandeiras das esquerdas, inclusive oferecendo cargos em seu governo para políticos com bom trânsito entre esses grupos, Magalhães Pinto mantinha canais abertos com os grupos conservadores, já que sempre se colocou como um defensor da ordem e das tradições, tal como o representava a revista *Alterosa*.

No momento em que a radicalização atingiu o ápice, em 1964, o governador mineiro fez a opção não só de apoiar o golpe contra João Goulart. Ele pretendeu também ser o principal líder do golpe, ao iniciar o movimento militar em Minas Gerais. Ainda que se mantivesse como uma figura importante durante o regime militar, as posições ambíguas e conciliadoras de Magalhães tiveram um custo: a direita militar o encarava com desconfiança, sempre temerosa de sua tendência a alianças ideologicamente amplas.

²⁸¹ SOTANA, 2010: 23.

Com o começo do regime autoritário e o paulatino fechamento dos canais institucionais, cenário que talvez não tenha sido previsto – nem desejado – por Magalhães Pinto, a relevância política de manter uma publicação dispendiosa como a revista *Alterosa* foi colocada em causa. Como demonstramos através da documentação da Editora Alterosa S. A, ao final de 1964 a revista vivia uma crise financeira que, aliada à conjuntura política, provocou o seu fechamento às vésperas do Natal de 1964.

A revista ilustrada de variedades aqui estudada, ao longo de seus 25 anos de circulação, pode ser considerada um modelo do jornalismo praticado em Minas Gerais ao longo do século XX. Suas páginas reuniram textos e fotografias de diversos profissionais da imprensa e se constituem, hoje, em importante fonte e objeto de investigação para os pesquisadores, e não apenas da História Política como também da História Cultural e Social.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alzira Alves de. **1964: a imprensa ajudou a derrubar o governo Goulart**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). João Goulart: entre a memória e a história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- _____ (org.) **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ANTUNES, Elton. **Um jornal no meio do caminho: os arquitetos da imprensa na Belo Horizonte dos anos 20 e 30**. Dissertação - Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.
- BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi – Anthropos –Homem, v. 5. Lisboa: Casa da Moeda, 1985.
- BAITZ, Rafael. **Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964)**. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2003.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- _____. Uma história dos sistemas de comunicação: balanço de um percurso teórico. **Conexão – Comunicação e Cultura**, v.9, n. 17, UCS, Caxias do Sul, jan./jun. 2010, p. 11-29.
- BECKER, Jean-Jacques. **A opinião pública**. In: RÉMOND, René (org.) Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

- CAPELATO, Maria Helena. **Propaganda política e o controle dos meios de comunicação.** In: PANDOLFI, Dulce Chaves (org.) Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- _____ . DUTRA, Eliana. **Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.). Representações: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000.
- CARVALHO, Aloysio Castelo de. **A Rede da Democracia: O Globo, O Jornal e Jornal do Brasil na queda do governo Goulart (1961-64).** Niterói: Editora da UFF, Editora NitPress, 2010.
- CARVALHO, André; BARBOSA, Waldemar. **Dicionário Biográfico da Imprensa Mineira.** Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 1994.
- CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº 1, PP. 123-152.
- CARVALHO, Luiz. M. **Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro.** São Paulo: Senac, 2001.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro, BERTRAND, 1990.
- _____ . (org.) **Práticas de Leitura.** 2ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____ . *O mundo como representação.* In: **Estudos Avançados**, USP, nº 11 vol. 5, abril de 1991. P.173-191.
- _____ . **A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- CIAMBARELLA, Alessandra. **Do cristianismo ao maoísmo: a história da Ação Popular.** In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org). As esquerdas no Brasil. Vol. 3. Revolução e Democracia...1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- COELHO, Maria Beatriz R. de V. O campo da fotografia profissional no Brasil. In: **Varia História** .vol. 22 nº 35 -2006- Belo Horizonte: Departamento de História da FAFICH-UFMG, 2006.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DELGADO, Márcio de Paiva. **O “golpismo democrático”: Carlos Lacerda e o Jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949 – 1964)**. Dissertação. Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.
- DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado. Ação Política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão**. São Paulo: Siciliano, 1992.
- _____; MELO, José Geraldo Bandeira de. **Magalhães: navegando contra o vento**. Belo Horizonte: Companhia Energética de Minas Gerais, 1994.
- DE LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Pinsky, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n) ação**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.
- DULCI, Otávio Soares. **A UDN e o anti-populismo no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1986.
- FERREIRA, Jorge. **João Goulart: uma biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. REIS, Daniel Aarão (org). **As esquerdas no Brasil**. Vol. 3. Revolução e Democracia...1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **A reforma do Jornal do Brasil**. In: ABREU, Alzira Alves (org.) A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- FICO, Carlos. **Além do golpe: a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

- FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. **Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964.** São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- _____ . **Estrutura e escolhas: era o golpe de 1964 inevitável?** In: ABREU, Alzira Alves de; FIGUEIREDO, Argelina Maria Cheibub; TOLEDO, Caio Navarro de; FERREIRA, Jorge.; AQUINO, Maria Aparecida de. 1964-2004: 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
- FILHO, João Roberto Martins. **O movimento estudantil dos anos 1960.** In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org). As esquerdas no Brasil. Vol. 3. Revolução e Democracia...1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GAVIÃO, Fábio Pires. **A “esquerda católica” e a Ação Popular (AP) na luta pelas reformas sociais (1960-1965).** Dissertação. Departamento de História. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2007.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HERMETO, Miriam. **‘Olha a Gota que falta’: um evento no campo artístico-intelectual brasileiro (1975-1980).** Tese. Departamento de História. UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- HIPPIÓLITO, Lúcia. **De raposas e reformistas. O PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- JEANNENEY, Jean-Nöel. **A mídia.** In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Imprensa carioca nos anos 50: os “anos dourados”.** In: ABREU, Alzira Alves (org.) A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

- LEVILLAIN, Philippe. **Os protagonistas: da biografia.** In: RÉMOND, René (org.) Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- LINHARES, Joaquim Nabuco; CASTRO, Maria Ceres Pimenta S. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.
- MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948).** Tese. Departamento de História. Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- _____ . **Genealogia da solteirona no Brasil.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANUH. São Paulo, julho de 2001. Páginas 1-16.
- MARINHO, Gabriel. **A migração das imagens: o uso de imagens de arquivo no cinema documentário brasileiro (1961-1984).** Dissertação. Departamento de História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- MARTINS, Ana Luisa. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922).** São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. Da Fantasia à história: folheando páginas revisteiras. **História**, São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003.
- MAUAD, Ana Maria. Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. In: **Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias.** Niterói: EDUFF, 2008.
- _____. **Uma disputa, uma perda e uma vitória: fotografia e produção do acontecimento histórico na imprensa ilustrada dos anos 1950.** In: RIBEIRO, A. P. G. HERSCHMAN, M. (org). *Comunicação e História.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- _____. *Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX.* In: **Anais do Museu Paulista.** V.13 n. 1 Jan-jun,2005.
- _____. **O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo.** In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL,

- Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003, p. 11-36
 - MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas da década de 1950. **Revista Brasileira de História**, número 53, 2007.
 - MONTEIRO, Norma de Góes. **O Brasil de Clóvis Salgado – uma entrevista por Norma de Góes Monteiro**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2007.
 - MORAES, Dênis de. **O Rebelde do Traço: a vida de Henfil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
 - MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.
 - _____ . **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006
 - _____ . **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.
 - _____ . **Introdução à história dos partidos políticos brasileiros**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
 - NASCIMENTO, Márcio Santos. **A participação do Jornal do Brasil no processo de desestabilização e deposição do presidente João Goulart**. Dissertação. Departamento de História. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
 - OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
 - PASTOR, Manoela. *Alterosa, Minas ilustrada*. In: **Cilero**. Ano 2 nº 8 outubro/novembro/dezembro, 2000. (Publicação da ABIGRAF-MG).

- PASSERINI, Luísa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.
- RÉMOND, René (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- _____ . Por que a história política? **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- REIS, Daniel Aarão. **Classe operária, partido de quadros e revolução socialista. O itinerário da Política Operária – Polop. (1961-1986)**. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org). As esquerdas no Brasil. Vol. 3. Revolução e Democracia...1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart, HERSCHMANN, Micael (org); Alzira de Abreu... [et al.]. **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.
- RIDENTI, Marcelo. **Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970**. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org). As esquerdas no Brasil. Vol. 3. Revolução e Democracia...1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- RODRIGUES, Carla Corradi. Quem detém a mídia, detém o poder? A imprensa e a crise institucional do governo João Goulart. In: **Anais Eletrônicos do I Encontro de Pesquisa em História da UFMG**, v. 3, Belo Horizonte, 2012. p.203-214.
- _____ . Fotorreportagens e política nas páginas da revista Alterosa (Brasil, 1962-1964). In: **Anais Eletrônicos II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí**, Jataí, 2011.
- _____ ; SOUTO, Iara. A comunidade científica da UFMG: o passado problematizado pela memória. In: **Anais Eletrônicos XVI Encontro Regional de História da ANPUH-MG**, Belo Horizonte, 2008, p. 1-15.

- _____; MENEZES, Lucas; PEREIRA, Lucas; Construção do "mito JK" através das fontes orais do acervo do Programa de História Oral da UFMG. In: **Anais do VII Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória e Política**. Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2007. V. 1. P. 1-15.
- ROUCHOU, Joëlle. **Samuel Wainer: memórias entre jornalismo e política**. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- ROXO, Marco; MOURÃO, Mônica. **Jornalismo, Memória e Clientelismo. O pacto entre comunistas e imprensa conservadora no Brasil**. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá Motta (orgs). *Comunistas Brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- SANI, Giacomo. **Cultura Política**. In: BOBBIO, Norbert; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. V. 1. Ed. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1998.
- SEBE, José Carlos. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- SEXTO, Tevie Alves da Silva. **Hilda Furacão, um romance autobiográfico**. Dissertação. Departamento de Letras. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2010.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SOTANA, Edvaldo Correa. **A paz sob suspeita – representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945 – 1953**. Tese. Departamento de História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- SOUZA, Renato João de. **Da informação à representação: o papel do jornal escrito mineiro nos anos 1963 e 1964**. Dissertação.

Departamento de História - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

- STARLING, Heloísa Maria Murgel. **Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Proj. História**, São Paulo, (15), abr., 1997.
- VIEIRA, Maria Olga Torres Nunes. **Dados bibliográficos de Miranda e Castro**. Sem data. (Datilografado). Acervo Sandra Lúcia Manso de Miranda e Castro Correia.
- WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARQUIVOS CONSULTADOS

- Coleção Alterosa – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.
- Coleção Alterosa – Biblioteca Nacional.
- Coleção Alterosa – Biblioteca Universitária/FAFICH/UFMG.
- Coleção Alterosa – Hemeroteca/Biblioteca Pública Estadual Prof. Luiz de Bessa
- Coleção Linhares – Biblioteca Central/UFMG.
- Fundo José Aparecido de Oliveira – Arquivo Público Mineiro.

PERIÓDICOS

- Alterosa, agosto de 1939. Ano I nº1. Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, janeiro de 1941. Ano III nº12. Coleção Linhares. BU-Central/UFMG.
- Alterosa. Janeiro/Fevereiro de 1942. Ano IV. Número ilegível. Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, novembro de 1942. Ano IV nº31. Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, 15 de julho de 1956. Ano XVIII nº238. Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, dezembro de 1945. Ano VII nº68. Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, julho de 1960. Ano XXII nº331. Acervo Carla Corradi Rodrigues.
- Alterosa, janeiro de 1962. Ano XXIII nº349. Acervo Carla Corradi Rodrigues.
- Alterosa, fevereiro de 1962. Ano XXIV nº350. Coleção Alterosa – APCBH.
- Alterosa, março de 1962. Ano XXIV nº351. Coleção Alterosa/Hemeroteca- Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, abril de 1962. Ano XXIV nº352 Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, maio de 1962. Ano XXIV nº353. Coleção Alterosa/BU-FAFICH.
- Alterosa, junho de 1962. Ano XXIV nº 354. Acervo Carla Corradi Rodrigues.
- Alterosa, julho de 1962. Ano XXIV nº 355. Coleção Alterosa/BU-FAFICH.
- Alterosa, agosto de 1962. Ano XXIV nº 356. Acervo Carla Corradi Rodrigues.
- Alterosa, setembro de 1962. Ano XXIV nº 357. Coleção Alterosa/BU-FAFICH.
- Alterosa, outubro de 1962. Ano XXIV nº 358. Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, novembro de 1962. Ano XXIV nº 359. Coleção Alterosa/APCBH.

- Alterosa, dezembro de 1962. Ano XXIV nº 360. Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, janeiro de 1963. Ano XXV nº 361. Coleção Alterosa/ APCBH.
- Alterosa, fevereiro de 1963. Ano XXV nº 362. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, março de 1963. Ano XXV nº 363. Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, abril de 1963. Ano XXV nº 364. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, 10 de maio a 10 de junho de 1963. Coleção Alterosa/APCBH.
- Alterosa, 10 de junho a 10 de julho de 1963. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, 10 de julho a 10 de agosto de 1963. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, 10 de agosto a 10 de setembro de 1963. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, 10 de setembro a 10 de outubro de 1963 Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, novembro de 1963. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, 10 de dezembro a 10 de janeiro. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, 10 de janeiro a 10 de fevereiro de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, 10 de fevereiro a 10 de março de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, 10 de março a 10 de abril de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, 10 de abril a 10 de maio de 1964. Coleção Alterosa/ APCBH.
- Alterosa, 10 de maio a 10 de junho de 1964. Coleção Alterosa/ Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, junho/julho de 1964. Coleção Alterosa/Hemeroteca - Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

- Alterosa, Belo Horizonte, 25 de setembro a 25 de outubro de 1964. Nº381. Coleção Alterosa/Hemeroteca- Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, Belo Horizonte, 25 de outubro a 25 de novembro de 1964. Nº382. Coleção Alterosa/Hemeroteca- Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- Alterosa, Belo Horizonte, 25 de novembro a 25 de dezembro de 1964. Nº383. Coleção Alterosa/Hemeroteca – Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.
- IT MAGAZINE. Ano I nº4, setembro de 1953. Acervo da autora.
- IT MAGAZINE. Ano II nº24, maio de 1955. Acervo Sandra Lúcia Manso de Miranda e Castro Corrêa.

SITES

- Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.
<https://www.ufmg.br/aem/inicial/artigos.htm>. Último acesso em 20/06/2013.
- Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH).
<http://www.acervoarquivopublico.pbh.gov.br/>. Último acesso em 30/04/2013.
- Arquivo Público Mineiro (APM).
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>. Último acesso em 30/04/2013.
- Assembleia de Minas.
<http://consulta.almg.gov.br/home/index.html>. Último acesso em 30/04/2013.
- Câmara dos Deputados
<http://www2.camara.leg.br/>. Último acesso em 08/05/2013.
- Centro de Cultura e Memória do Jornalismo (CCMJ).
<http://www.ccmj.org.br/>. Último acesso em 30/04/2013.
- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV).
<http://cpdoc.fgv.br/>. Último acesso em 30/04/2013.
- Diário de Pernambuco
<http://www.old.diariodepernambuco.com.br/nota.asp?materia=20110510130136>. Último acesso em 16/05/2013.
- Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930 – (CPDOC – FGV)
<http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>. Último acesso em 30/04/2013.
- EFECADÉ – Patos de Minas.
<http://www.efecade.com.br/patosdeminas/>. Último acesso em 16/05/2013.

- Estadão
<http://www.estadao.com.br/>. Último acesso em 16/05/2013.
- Estado de Minas (EM).
<http://www.em.com.br/>. Último acesso em 30/04/2013.
- Grupo de pesquisa História Política, Culturas Políticas na História.
<http://webintelligent.com.br/hcPCBph/>. Último acesso em 30/04/2013.
- Itaú Cultural
<http://novo.itaucultural.org.br/>. Último acesso em 02/07/2013.
- Instituto João Goulart.
<http://www.institutojoaogoulart.org.br/>. Último acesso em 19/06/2013.
- Observatório da Imprensa.
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>. Último acesso em 30/04/2013.
- Jarbas Juarez
<http://jarbas-juarez.webnode.com.br/>. Último acesso em 14/05/2013.
- José Luiz de Magalhães Lins.
<http://www.joseluizdemagalhaeslins.com.br/default.htm>. Último acesso em 30/04/2013.
- Plataforma Lattes (CNPq).
<http://lattes.cnpq.br/>. Último acesso em 30/04/2013.
- Prêmio Esso.
<http://www.premioesso.com.br/site/home/index.aspx>. Último acesso em 16/06/2013.
- Tribunal Superior Eleitoral.
<http://www.tse.jus.br/>. Último acesso em 19/06/2013.
- Scielo.
<http://www.scielo.org/php/index.php>. Último acesso em 30/04/2013.

ENTREVISTAS

1. Aureclydes Ponce de Leon Antunes. Belo Horizonte. 10/04/2013 (3 horas e 7 minutos).
2. Beatriz Moreira Drumond. Belo Horizonte. 16/04/2013 (1 hora).
3. Carlos Alberto Rangel Proença. Belo Horizonte. 25/05/2012. (56 minutos).
4. Euler Cássia de Souza Júnior. Belo Horizonte. 22/05/2013. (2 horas e 2 minutos).
5. Ivan Augusto Santos Drummond. Belo Horizonte. 04/04/2013. (26 minutos).
6. Jarbas Juarez Antunes. Belo Horizonte. 10/07/2012. (2 horas e 30 minutos).
7. José Alberto da Fonseca. Belo Horizonte. 16/04/2013 (1 hora e 41 minutos).
8. Marcelo de Manso Pereira. Belo Horizonte. 06/10/2011. (1 hora e 15 minutos).
9. Maria Leonor Gonçalves Oliveira. Belo Horizonte. 03/07/2012. (45 minutos).
10. Sandra Lúcia Manso de Miranda e Castro Corrêa. Belo Horizonte. 17/04/2012. (49 minutos).

ANEXOS

1. Variação do preço da revista Alterosa entre 1962 e 1964.

1962	Preço exemplar avulso	Preço assinatura 2 anos	Preço assinatura 1 ano	Preço assinatura 1 semestre
Janeiro	Cr\$40,00	Cr\$800,00	Cr\$450,00	Cr\$240,00
Fevereiro	Cr\$40,00	Cr\$800,00	Cr\$450,00	Cr\$240,00
Março	Cr\$40,00	Cr\$800,00	Cr\$450,00	Cr\$240,00
Abril ²⁸²	Cr\$40,00	-	-	-
Maio	Cr\$40,00	Cr\$800,00	Cr\$450,00	Cr\$240,00
Junho	Cr\$40,00	Cr\$800,00	Cr\$450,00	Cr\$240,00
Julho	Cr\$40,00	Cr\$900,00	Cr\$500,00	Cr\$300,00
Agosto	Cr\$40,00	Cr\$900,00	Cr\$500,00	Cr\$300,00
Setembro	Cr\$40,00	Cr\$900,00	Cr\$500,00	Cr\$300,00
Outubro	Cr\$40,00	Cr\$900,00	Cr\$500,00	Cr\$300,00
Novembro	Cr\$40,00	Cr\$900,00	Cr\$500,00	Cr\$300,00
Dezembro	Cr\$40,00	Cr\$900,00	Cr\$500,00	Cr\$300,00

²⁸² O exemplar de abril de 1962 não possui expediente.

1963	Preço exemplar avulso	Preço assinatura 2 anos ²⁸³	Preço assinatura 1 ano	Preço assinatura 1 semestre
Janeiro	Cr\$60,00	Cr\$1.300,00	Cr\$700,00	Cr\$400,00
Fevereiro	Cr\$60,00	Cr\$1.300,00	Cr\$700,00	Cr\$400,00
Março	Cr\$60,00	Cr\$1.300,00	Cr\$700,00	Cr\$400,00
Abril	Cr\$60,00	Cr\$1.300,00	Cr\$700,00	Cr\$400,00
Maio	Cr\$60,00	Cr\$1.300,00	Cr\$700,00	Cr\$400,00
Junho	Cr\$80,00	- ²⁸⁴	Cr\$950,00	Cr\$500,00
Julho	Cr\$80,00	-	Cr\$950,00	Cr\$500,00
Agosto	Cr\$80,00	-	Cr\$950,00	Cr\$500,00
Setembro	Cr\$80,00	-	Cr\$950,00	Cr\$500,00
Outubro	-	-	-	-
Novembro	Cr\$80,00	-	Cr\$950,00	Cr\$500,00
Dezembro	Cr\$80,00	-	Cr\$950,00	Cr\$500,00

²⁸³ A partir de janeiro de 1963 o preço das assinaturas é atribuído de acordo com o sistema de envio postal que variava entre porte simples, registrado e aéreo. Nesta tabela consideramos apenas os valores do porte simples referentes a 6 números (assinatura semestral), 12 números (assinatura anual) e 24 números (assinatura por 2 anos).

²⁸⁴ Em junho de 1963 o valor de Cr\$1.300,00 corresponde ao valor da assinatura de 12 números com envio registrado e não mais à assinatura de 24 exemplares com envio por porte simples. A partir desta data a revista não disponibiliza mais assinaturas por dois anos.

1964	Preço exemplar avulso	Preço assinatura 1 ano ²⁸⁵
Janeiro	Cr\$120,00	Cr\$1.300,00
Fevereiro	Cr\$120,00	Cr\$1.300,00
Março	Cr\$120,00	Cr\$1.300,00
Abril	-	-
Maiο	Cr\$120,00	Cr\$1.300,00
Junho	Cr\$220,00	Cr\$2.200,00
Julho	Cr\$220,00	Cr\$2.200,00
Agosto	Cr\$220,00	Cr\$2.200,00
Setembro	Cr\$220,00	Cr\$2.200,00
Outubro	Cr\$220,00	Cr\$2.200,00
Novembro	Cr\$220,00	Cr\$2.200,00
Dezembro	-	-

²⁸⁵ Preço referente à 12 números porte simples.

2. Relação das capas da revista Alterosa publicadas entre 1962 e 1964.

Exemplar de 1962	Capa	Fotógrafo/Agência
Janeiro	Chelo Lonzo, atriz.	Luxardo
Fevereiro	Angie Dickinson, atriz.	-
Março	Joan Collins, atriz.	Fox
Abril	Atriz não identificada pela autora.	Luxardo
Maio	Jô Souza Lima Lobato e o filho de 4 anos (BH).	Euler Cássia
Junho	Nilton, jogador da Seleção Brasileira.	-
Julho	Maria Olívia Rebouças, Miss Brasil 62.	Dilson Martins
Agosto	Jacqueline Kennedy, primeira dama dos EUA.	-
Setembro	Sofia Loren, atriz.	-
Outubro	Papa João XXIII.	-
Novembro	Maria Thereza Goulart	-
Dezembro	Brigitte Bardot, atriz.	-

Exemplar de 1963	Capa	Fotógrafo/Agência
Janeiro	Retrato de Terezinha Vargas, por Guignard, 1961 (BH).	Juarez Drosghic e Yvon Chausson
Fevereiro ²⁸⁶	-	-
Março	Baby Malleta, por Herculano Lopes (BH).	Karl Schmidt
Abril	Mulher não identificada, pintura de Herculano Lopes.	-
Maior	Zilda Couto, pintura de Carlos Scliar (BH).	-
Junho	Ruth Kosovitz (BH).	Karl Schmidt
Julho	Evelina Meyer (professora mineira).	Karl Schmidt
Agosto	Lilian Sônia (BH).	Karl Schmidt
Setembro	Lourdinha Bicalho (BH).	Karl Schmidt
Outubro	²⁸⁷	-
Novembro	²⁸⁸	-
Dezembro	Maria Amélia Braga (gaúcha residente no Rio de Janeiro)	Dilson Martins

²⁸⁶ O exemplar disponível para consulta na hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa está sem capa.

²⁸⁷ O exemplar disponível para consulta na hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa está sem.

²⁸⁸ O exemplar disponível para consulta na hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa está sem.

Exemplar de 1964	Capa	Fotógrafo/Agência
Janeiro	-	-
Fevereiro	-	-
Março	Papa Paulo VI	Foto oficial do Vaticano
Abril	-	-
Maio	Sofia Loren	-
Junho	Silvia Milleo (modelo, ex- miss Minas Gerais)	Alvimar de Freitas
Julho	Elke Sommer	-
Agosto	France Anglade, atriz francesa.	-
Setembro	Susana, filha do poeta Vinícius de Moraes.	Walter Firmo
Outubro	Vera Viana (atriz).	-
Novembro	Norma (manequim da Rodhia Têxtil).	-
Dezembro	-	-

3. Página da carteira de trabalho do fotógrafo Euler Cássia/ Acervo Euler Cássia.

10 30-8-65

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, empresa ou instituição. *Soc. Editora Alterosa, Lda*

Cidade. *Belo Horizonte*

Estado. *Minas Gerais*

Rua. *Rio de Janeiro, 926 - 2º andar*

Espécie do estabelecimento. *Emp. jornalística*

Naturza do cargo. *Revisor Fotográfico*

Data da admissão. *12* de *março* de 19*63*

Registro n.º. *5* a fis. *21*

Remuneração (especificada). *cr\$ 40.000,00*
(quarenta mil cruzeiros)

SOCIEDADE EDITORA ALTEROSA, L.T.D.A.

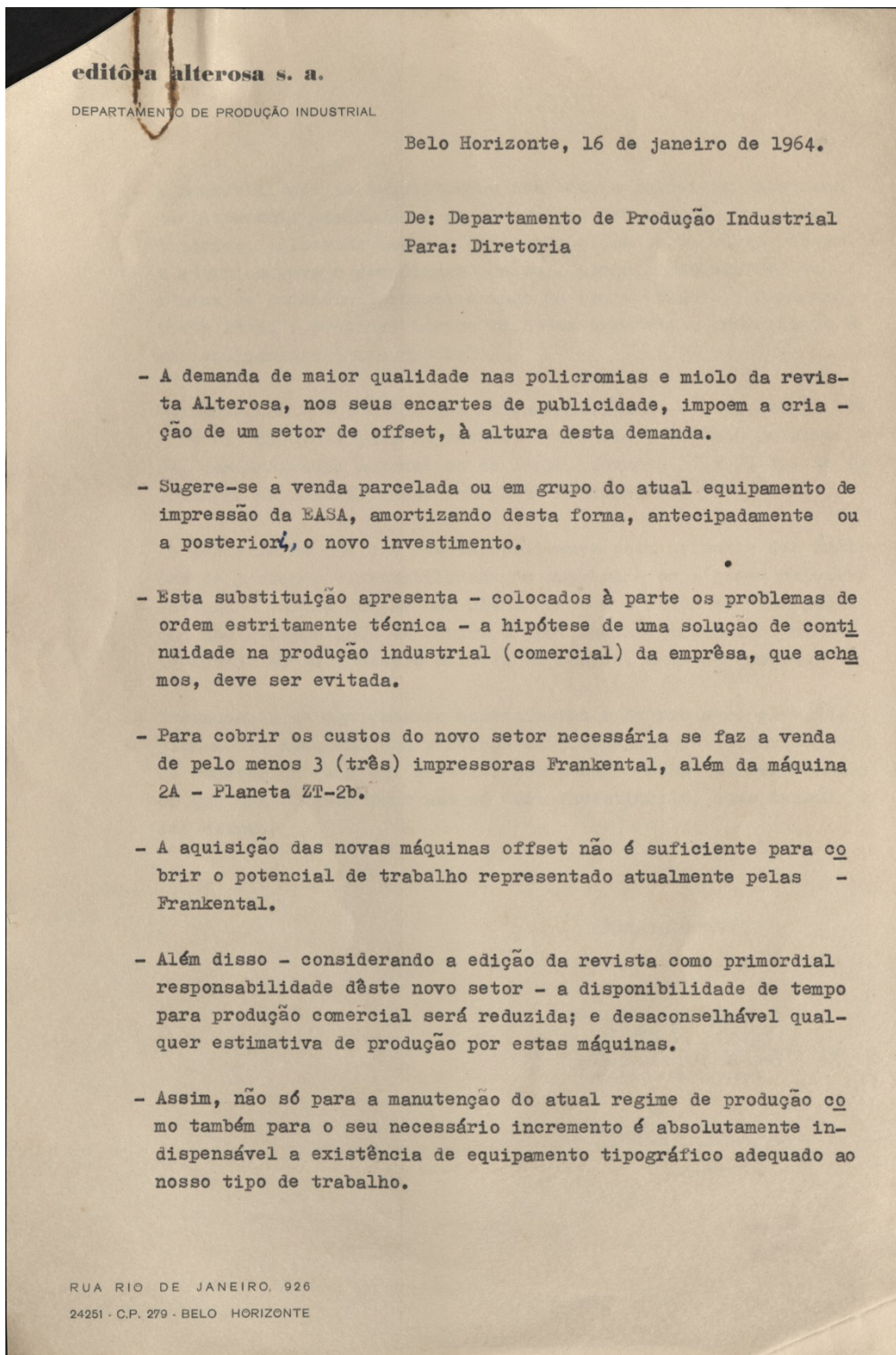
Carmem de Araujo Manso
Assinatura do empregado
CARMEM DE ARAUJO MANSO

Data da saída. *23* de *março* de 19*64*

EDITORA ALTEROSA S. A.

Roberto Drummond
Assinatura do empregador
ROBERTO DRUMMOND
DIRETOR

4. Documentação da Editora Alterosa S.A. - Fundo José Aparecido de Oliveira – Arquivo Público Mineiro.



alterosa s. a.

DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL

- A possibilidade de substituição nos leva a solicitar máquinas perfeitamente adequadas à atual demanda dos nossos principais clientes, colocando assim a EASA em posição muito melhor do que a anterior para o atendimento de suas obras. Isto não só em termos de potencial produtivo como de rentabilidade. Eliminamos desta forma o problema básico de nossa empresa: a inadaptação de seu equipamento à sua produção.
- Recomendamos - e por tal nos responsabilizamos - a aquisição de 3 (três) máquinas para impressão tipográfica, prensas de platina, com margeador automático de leque, formato 26 x 38 cm, de fabricação da Schnellpressenfabrik AG Heidelberg.
- Da mesma forma que nos responsabilizamos pela melhoria dos índices de produção e rentabilidade da empresa - seja nossa sugestão acatada - cumpre deixar bem claro que com o saldo do equipamento que nos restará após as vendas é praticamente impossível manter os níveis de faturamento atuais. Impossível mesmo o aumento.
- Tratando-se de equipamento moderníssimo e de produção elevada, - plenamente adequado aos serviços de nossos maiores clientes, é de se esperar que com tal substituição possa a EASA, em tempo mais do que justo, amortizar não só este investimento, como também o das offset.

Cordialmente

EDITORA ALTEROSA S. A.

Ronald Branco
RONALD CASTELLO BRANCO
DEP. PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Caenauet

RUA RIO DE JANEIRO, 926
24251 - C.P. 279 - BELO HORIZONTE

REVISTA ALTEROSA: - DESPESAS C/ PROMOÇÃO

REPRESENTAÇÕES E RELAÇÕES PÚBLICAS E REVISTAS

<u>PARA PROPAGANDA</u>	Cr\$ 20.000	
<u>RÁDIOS, JORNAIS, REVISTAS, TELEVISÃO</u>	Cr\$ 400.000	
<u>SERVIÇOS TÉCNICOS</u>	Cr\$ 180.000	
<u>VIAGENS E ESTADIAS</u>	Cr\$ 80.000	
<u>CONDUÇÃO E TRANSPORTE</u>	Cr\$ 5.000	
<u>MATERIAL DE EXPEDIENTE, DESPESAS POSTAIS</u>	Cr\$ 5.000	
<u>CARTAZES, FOLHETOS E CIRCULARES</u>	Cr\$ 50.000	
<u>OUTRAS DESPESAS C/ PROMOÇÃO</u>	Cr\$ 10.000	<u>Cr\$ 750.000</u>

REVISTA ALTEROSA: - DESPESAS C/ PUBLICIDADE

REPRESENTAÇÕES E RELAÇÕES PÚBLICAS,

VIAGENS E ESTADIAS,

CONDUÇÃO E TRANSPORTE,

TELEFONE E TELEGRAMAS,

MATERIAL DE EXPEDIENTE,

OUTRAS DESPESAS C/ PUBLICIDADE ----- C-8 80.000

REVISTA ALTEROSA: - DESPESAS C/ CIRCULAÇÃO

<u>GRATIFICAÇÕES</u>	Cr\$ 10.000	
<u>VIAGENS E ESTADIAS</u>	Cr\$ 40.000	
<u>TRANSPORTE E DISTRIBUIÇÃO</u>	Cr\$ 20.000	
<u>MATERIAL DE EXPEDIÇÃO</u>	Cr\$ 70.000	
<u>DESPESAS POSTAIS</u>	Cr\$ 10.000	
<u>DESPESAS C/ REMESSAS</u>	Cr\$ 80.000	
<u>IMPRESSOS E MATERIAL DE EXPEDIENTE</u>	Cr\$ 5.000	
<u>OUTRAS DESPESAS C/ CIRCULAÇÃO</u>	Cr\$ 10.000	<u>Cr\$ 245.000</u>

REVISTA ALTEROSA: - DESPESAS C/ PESSOAL

REDACÇÃO E REVISÃO

- CARLOS WAGNER Cr\$ 75.000
- CHARLES CORFIELD Cr\$ 75.000
- JARBAS JUAREZ Cr\$ 50.000
- EULER CÁSSIA Cr\$ 40.000
- DIRCEU SOARES Cr\$ 40.000
- HILTON FERREIRA Cr\$ 36.000
- JÚNIA RIOS NETO Cr\$ 35.000
- HENRIQUE SOUZA Cr\$ 25.000
- GERALDO REIS Cr\$ 25.000
- ALVIMAR FREITAS Cr\$ 60.000
- CONTÍNUO Cr\$ 10.500 ---- Cr\$ 471.500

PUBLICIDADE

- JOSÉ ALBERTO FONSECA Cr\$ 120.000

PROMOÇÃO E CIRCULAÇÃO

- PAULO VENÂNCIO Cr\$100.000
- ÍTALO REIS Cr\$ 40.000 ---- Cr\$ 140.000

EXPEDIÇÃO

- MARIA ESTELITA Cr\$ 30.150
- SARA AUGUSTA Cr\$ 28.000
- ELOISA SERRA Cr\$ 26.800
- MARLENE ARAÚJO Cr\$ 24.000 ---- Cr\$ 108.950

CORRESPONDÊNCIA

- ZILDA M. FONSECA Cr\$ 33.135 Cr\$ 873.585

DESPESAS LEGAIS - 11,8% Cr\$ 103.083

DUO DÉCIMO P/ O 13º MÊS Cr\$ 72.796

Cr\$ 1.049.464

REVISTA ALTEROSA : - DESPESAS ADMINISTRATIVAS

PESSOAL Cr\$ 487.010

IMPOSTOS Cr\$ 6.000

SEGUROS Cr\$ 10.000

DESPESAS FINANCEIRAS Cr\$ 520.000

DESPESAS DIVERSAS

- Aluguel e condomínio Cr\$ 3.000

- Mat. Expediente Cr\$ 1.000

- Donativos Cr\$ 1.000

- Telefone e Teleg. Cr\$ 3.000

- Viagens e Estadias Cr\$ 20.000

- Condução e Transp. Cr\$ 3.000

- Advogados Cr\$ 3.000

- Assistência Médica Cr\$ 10.000

- Sêlos e Estampilhas Cr\$ 500

- Água e Luz Cr\$ 1.000

- Gastos Gerais Cr\$ 10.000 Cr\$ 55.500 Cr\$ 1.178.510

REVISTA ALTEROSA: - RECEITAS

I - DE VENDA AVULSA

VENDA AVULSA EFETIVA ESTIMADA POR EDIÇÃO = 6.000 EXEMPLARES

PREÇO DE UM EXEMPLAR =	Cr\$ 80,00
PREÇO DE 6.000 EXEMPLARES =	Cr\$ 480.000
MENOS	
COMISSÕES - 35%	Cr\$ 168.000
RECEITA LÍQUIDA	<u>Cr\$ 312.000</u>

II - DE ASSINATURAS

NÚMERO DE ASSINATURAS POR MÊS = 100

PREÇO DE UMA ASSINATURA	Cr\$ 950
PREÇO DE 100 ASSINATURAS ...	Cr\$ 95.000
MENOS	
COMISSÕES - 20%	Cr\$ 19.000
RECEITA LÍQUIDA	<u>Cr\$ 76.000</u>

III - DE PUBLICIDADE

FATURAMENTO MÉDIO MENSAL ESTIMADO Cr\$ 900.000

MENOS

- COMISSÕES DE AGÊNCIAS - 20% Cr\$ 180.000

- COMISSÕES DE AGENTES - 15% Cr\$ 135.000

RECEITA LÍQUIDA Cr\$ 585.000

RESUMO:

RECEITAS BRUTAS:

- DE VENDA AVULSA Cr\$ 480.000

- DE ASSINATURAS Cr\$ 95.000

- DE PUBLICIDADE Cr\$ 900.000 Cr\$ 1.475.000

MENOS

- COMISSÕES VENDA AVULSA Cr\$ 168.000

- COMISSÕES ASSINATURAS Cr\$ 19.000

- COMISSÕES PUBLICIDADE Cr\$ 315.000 Cr\$ 502.000

RECEITA LÍQUIDA TOTAL Cr\$ 973.000

REVISTA ALTEROSA: - QUADRO CROMOLÓGICO DE COMPRA E PAGAMENTO
DE PAPEL C/ LINHA D'AGUA.

I - EM CRUZEIROS

	COMPRA	PAGAMENTO	
JULHO	Cr\$ 2.110.895,00	Cr\$ 1.461.274,80	
AGOSTO	Cr\$ 1.534.270,00	-	
SETEMBRO	Cr\$ 1.096.000,00	Cr\$ 2.110.895,00	
OUTUBRO	Cr\$ 1.534.270,00	Cr\$ 1.534.270,00	
NOVEMBRO	Cr\$ 1.096.000,00	Cr\$ 1.096.000,00	
DEZEMBRO	Cr\$ 1.534.270,00	Cr\$ 1.534.270,00	

II - EM N° DE FOLHAS - COMPRA

	ACETINADO SK	KIM DICTORIAL	COUCHÉ	
JULHO	150.000	90.000	-	
AGOSTO	125.000	-	11.000	
SETEMBRO	125.000	-	-	
OUTUBRO	125.000	-	11.000	
NOVEMBRO	125.000	-	-	
DEZEMBRO	125.000	-	11.000	

ADMINISTRAÇÃO: - PESSOAL

	SALÁRIO	% REVISTA	% OFICINA
DIRETORIA			
1 - JOSE APARECIDO DE OLIVEIRA	Cr\$ 150.000	Cr\$ 75.000	Cr\$ 75.000
2 - ROBERTO DRUMMOND	Cr\$ 150.000	Cr\$ 150.000	-
3- CARLOS A. R. PROENÇA	Cr\$ 150.000	Cr\$ 10.000	Cr\$ 140.000
ASSISTENTE			
4 - Wilson M. PEREIRA	Cr\$ 80.000	Cr\$ 40.000	Cr\$ 40.000
CONTABILIDADE			
5- JOÃO SARDINHA DE OLIVEIRA	Cr\$ 36.250	Cr\$ 9.000	Cr\$ 27.250
6 - ESTER SANTOS	Cr\$ 34.000	Cr\$ 8.500	Cr\$ 25.500
7 - A SER ADMITIDA	Cr\$ 15.000	Cr\$ 3.500	Cr\$ 11.500
TESOURARIA			
8 - CARMEM A. MANSO	Cr\$ 40.000	Cr\$ 10.000	Cr\$ 30.000
9 - WILMA A. ANACLETO	Cr\$ 21.000	Cr\$ 6.000	Cr\$ 15.000
PESSOAL			
10 - STELA D. TAVEIRA	Cr\$ 32.000	Cr\$ 12.000	Cr\$ 20.000
EXPEDIENTE			
11 - JOSE EDUARDO BARBOSA	Cr\$ 100.000	Cr\$ 50.000	Cr\$ 50.000
12 - NILDA SANTOS	Cr\$ 25.000	Cr\$ 12.500	Cr\$ 12.500
13 - ADEMIR M. MATOS	Cr\$ 14.600	Cr\$ 4.600	Cr\$ 10.000
14 - RITA RAIMUNDA DE OLIVEIRA	Cr\$ 26.800	Cr\$ 11.000	Cr\$ 15.800
SUB TOTAL	Cr\$ 874.650	Cr\$ 402.100	Cr\$ 472.550
DESPESAS LEGAIS - 11,8%	Cr\$ 103.208	Cr\$ 47.448	Cr\$ 55.760
SUB TOTAL	Cr\$ 977.858	Cr\$ 449.548	Cr\$ 528.310
DIODÉCIMO P/ O 13º MES		Cr\$ 37.462	Cr\$ 39.380
TOTAL		Cr\$ 487.010	Cr\$ 567.690

ADMINISTRAÇÃO: - OUTRAS DESPESAS

1 - MATERIAL EXPEDIENTE	Cr\$ 30.000,00	
2 - TELEFONE	Cr\$ 5.000,00	
3 - CONDOMÍNIO	Cr\$ 10.000,00	
4 - GASTOS GERAIS	Cr\$ 50.000,00	
5 - IMPOSTOS	Cr\$ 20.000,00	
6 - VIAGENS	Cr\$ 13.000,00	
7 - SEGUROS	Cr\$ 30.000,00	Cr\$ 158.000,00

LISTA DOS FUNCIONÁRIOS DA OFICINA

<u>NOMES</u>	<u>FUNÇÃO</u>	<u>SALÁRIOS</u>
Jose Fiuza Filho	Gerente noturno	Cr\$ 67.176,00
Vicente Penido Malta	" diurno	64.000,00
Oldemar Almeida	Mecânico	64.000,00
Almerindo Bento Coutinho	Impressor	42.125,00
Wellington Vieira	Almoxarife	40.000,00
Jorge Moreira da Cruz	Paginador	39.375,00
Humberto Jose Coelho	Cortador	38.000,00
Jacyr Vital de Oliveira	Impressor	38.000,00
João Gonçalves Fontes	Paginador	38.000,00
João Luiz Maia	Impressor	33.000,00
Almir Vitor da Silva	Paginador	33.000,00
Fernando Conceição Barbosa	Linotipista	33.000,00
Orides F.Oliveira	Paginador	33.000,00
Wilson Vilela de Oliveira	Linotipista	33.000,00
Wilson Alves da Silva	Impressor	33.000,00
Rosendo Jose da Rocha	"	33.000,00
Wilson Santana Pereira	"	33.000,00
Antonio Gonçalves de Souza	Distribuidor	29.850,00
Maria Margarida de Araújo	Brochurista	29.850,00
Djalma Farias Nascimento	Impressor	29.850,00
Jose Osmar de Moraes	"	29.850,00
Maria de Lourdes Diniz	Brochurista	26.700,00
Ariete Soares	"	24.000,00
Maria L.F.da Silva	Aux. Encadernação	21.000,00
Maria Solange Santana	Brochurista	21.000,00
Marlene Soares	"	21.000,00
Catharina Souza Messias	"	21.000,00
Marlei Costa Verônica	"	21.000,00
Maria Trindade de Oliveira	"	21.000,00
Iêda Guimarães	"	21.000,00
Maria Nathalia da Cruz	"	21.000,00
Maria dos Anjos Rabelo	"	21.000,00
Wanda Damasceno	"	21.000,00
Jose Amaro Sobrinho	Servente	21.000,00
Antonio Monteiro de Souza	Apr. de impressor	21.000,00
Neusa Conceição Barbosa	Aux. Encadernação	10.500,00
João Bosco M.Dias	" "	10.500,00
Vilma Natividade de Oliveira	" "	10.500,00
Lenice F.Silva	" "	10.500,00
Luzia Silva	" "	10.500,00
Nair L.Souza	" "	17.500,00
Marly Nogueira da Silva	Brochurista	10.500,00

Selma Evangelista Diniz	Brochurista	Cr\$ 10.500,00
Iraci Maria dos Santos	"	10.500,00
Eustáquio Alves Anacléto	Dobrador	10.500,00
Edson Tadeu de Araújo Pinto	Aprendiz	10.500,00
João Ferreira Lima	"	10.500,00
Nadir dos Santos	Brochurista	10.500,00
Ulysses Carvalho Filho	Impressor	35.343,00
Carlos Guimarães Lage	"	35.343,00
José Agostinho César	"	35.343,00
Pedro Pereira César	"	35.343,00
Waldemar G.L. Filho	"	35.343,00
Antonio Paula de Sousa	Cortador	35.343,00
Sinval Roberto Ferreira	Impressor	31.968,00
Joaquim Araújo Pinto	Montador	33.000,00
Ronald Castello Branco	Chef. Dep. Industrial	140.000,00
Gustavo Resende Moreno	Auxiliar	45.000,00
Cileda Maria Campos	"	26.800,00
José Silvério S.Y. Baeta	"	25.000,00
		<hr/> 1.767.102,00
	11,8%	208.518,00
		<hr/> 1.975.620,00
	<u>DUODÉCIMO P/ O 13º SALÁRIO</u>	147.258,00
		<hr/> 2.122.878,00

LISTA DOS FUNCIONÁRIOS DA GRAVURA

<u>NOMES</u>	<u>FUNÇÃO</u>	<u>SALÁRIO</u>
Juarez Drosghic	Gravador	Cr\$ 43.130,00
Ivon Chausson	Fotógrafo	42.125,00
Ney Ramos de Oliveira	Copiador	33.000,00
Waldemar Silva dos Santos	Apr. de montagem	21.000,00
João Batista Moreira		21.000,00
		<hr/> 160.255,00
	11,8%	18.910,10
		<hr/> 179.165,10
	<u>DUODÉCIMO P/ O 13º SALÁRIO</u>	13.354,00
		<hr/> 192.519,10

editôra alterosa s. a.

À RESPEITO DA SUBSTITUIÇÃO DO ATUAL PARQUE GRÁFICO DA
EDITORA ALTEROSA S/A

SUGESTÕES PARA COMPRA

Para que a Revista Alterosa seja confeccionada em Off-Sett, após diversos estudos, foi sugerida pelo Sr. Roberto Drumond a aquisição de 4 (quatro) Máquinas de Fabricação Heidelberg, no valor unitário de aproximadamente Cr\$ 6.500.000,00.

O Departamento Industrial pelas razões já expostas em diversos relatórios, sugere a aquisição de 3 (três) originais Heidelberg, indispensáveis em qualquer Parque Gráfico e que lhe dará condições de atender mais economicamente uma grande parcela dos serviços que lhe são solicitados. O preço unitário das originais Heidelberg é de cerca de Cr\$ 2.800.000,00.

Sugere ainda que em uma etapa posterior sejam adquiridas as Off-Setts Abdick, que lhe possibilitarão confeccionar os impressos sensibilizados, destinados a Computadores Eletrônicos. O preço unitário dessas máquinas é de cerca de Cr\$ 15.000.000,00.

SUGESTÕES PARA VENDA

A Máquina Veb Poligraph, já se encontra à venda e está sendo cotada por Cr\$ 12.500.000,00.

Com o funcionamento das máquinas Off-Sett a serem adquiridas, bem como das Originais Heidelberg, poderá o Departamento Industrial dispor de 3 (três) Impressoras Albert Frankentais, cujo preço de venda está sendo cotado em Cr\$ 8.500.000,00 por unidade.

R E S U M O

A primeira etapa sugerida, em termos monetários se resumirá em:

<u>PARA COMPRA:</u>	<u>PREÇO TOTAL</u>	<u>DEPTº BCO. BRASIL</u>
4 (quatro) Off-Setts para a Revista	Cr\$ 26.000.000,00	\$19.200.000,00
3 (três) Originais Heidelberg.....	Cr\$ 8.400.000,00	\$ 4.560.000,00
	Cr\$ 34.400.000,00	\$23.760.000,00

ca alterosa s. a.

Total do Investimento..... Cr\$ 34.400.000,00
Disponibilidades Necessárias.... Cr\$ 58.160.000,00

PARA VENDA

1 - Imediata:

1 (uma) Veb Poligraph Cr\$ 12.500.000,00

2 - Com a instalação das novas Máquinas:

3 (três) Albert Frankentais..... Cr\$ 25.500.000,00

Total bruto das vendas Cr\$ 38.000.000,00

Considerando ainda que devemos pagar juros de mais ou menos 3% ao mês (conta-caução ou garantida), sobre os débitos existentes, 6,3% sobre o total das vendas, relativo ao pagamento do Imposto de Vendas e Consignações e ainda que as Máquinas a serem vendidas, o serão, como é de praxe com 50% à vista e 50% em 10 (dez) pagamentos, podemos então compor a conta que financiará todas essas operações.

VIDE ANEXO

Caixa aberta

5. Normas de transcrição do Núcleo de História Oral da UFMG.

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

• Adendos.....	- entre travessões -
• Dúvidas	[entre colchetes]
• Ênfase	<u>sublinhar</u>
• Fala/reprodução de diálogos	- travessão
• Trechos lidos: quando claro	“entre aspas”
quando não está claro na fala	escrever [trecho lido]
• Interrupção/corte na fala	colocar barra /
• Fala simultânea	// entre duas barras //
• Enunciados incompletos	indicar por reticências ...
• Pausa curta	indicar por reticências ...
• Silêncio (somente quando há pausa prolongada)	escrever [silêncio]
• Registros externos	escrever [risos], [emoção]
• Palavras em outros idiomas	<u>sublinhado</u> ou <i>itálico</i>

OBSERVAÇÕES:

- Indicar o início e o final de cada fita e de cada lado.
- Indicar quando a fita não for utilizada até o final.
- Indicar quando acontecerem comentários, durante a fala, referentes a acontecimentos externos.
- Indicar afirmações ou negações com gestos (entre colchetes).
- Escrever o nome do entrevistado no alto de cada página transcrita (retirar os nomes na digitação final).
- Indicar os falantes pelas iniciais do primeiro e do último nomes dos mesmos.
- Deixar um espaço para correções (margem à esquerda e à direita).
- Reproduzir tudo o que foi dito, escrevendo, entretanto, de acordo com as normas ortográficas (ex.: em lugar de “né”, “não é”; de “prá”, “para”).
- Cabeçalho: indicar o número, o local e a data da entrevista a cada sessão, bem como o nome do entrevistado e os dos entrevistadores.

